



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

AMANDA NOGARA MARCON

**FEMINILIDADE, MÃES E FILHAS: UM ESTUDO DAS OBRAS DE ELENA
FERRANTE**

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Lúcia Mandelli de
Marsillac

Coorientadora: Prof.^a Dra. Gerusa Morgana Bloss

FLORIANÓPOLIS, SC
2024

AMANDA NOGARA MARCON

**FEMINILIDADE, MÃES E FILHAS: UM ESTUDO DAS OBRAS DE ELENA
FERRANTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção de grau de Mestra em Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Lúcia Mandelli de
Marsillac

Coorientadora: Prof.^a Dra. Gerusa Morgana Bloss

FLORIANÓPOLIS, SC
2024

Amanda Nogara Marcon

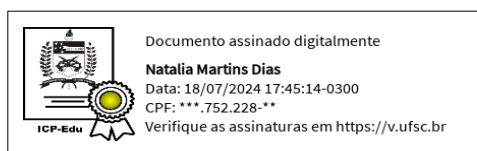
Feminilidade, mães e filhas: um estudo das obras de Elena Ferrante

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 17 de maio de 2024 pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

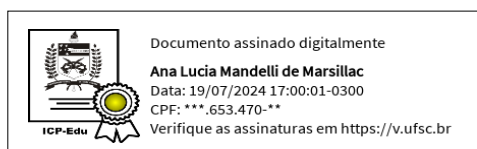
Prof.^a Heloisa Fernandes Caldas Ribeiro, Dra.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof.^a Lucienne Martins Borges, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Psicologia.



Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Prof.^a Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2024.

MARCON, AMANDA NOGARA

FEMINILIDADE, MÃES E FILHAS: UM ESTUDO DAS OBRAS DE ELENA FERRANTE / AMANDA NOGARA MARCON ; orientadora, ANA LUCIA MANDELLI DE MARSILLAC, coorientador, GERUSA MORGANA BLOSS, 2024.

117 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. FEMINILIDADE, RELAÇÃO MÃE E FILHA, PSICANÁLISE, ELENA FERRANTE. I. MARSILLAC, ANA LUCIA MANDELLI DE. II. BLOSS, GERUSA MORGANA. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

AGRADECIMENTOS

Como somos feitos de pedaços de tantos que passaram por nós, não seria falso dizer que este trabalho foi escrito por várias mãos, metaforicamente. Portanto, gostaria de registrar brevemente um agradecimento a todos que tornaram possível a construção desta dissertação.

Ao meu pai, que sempre enxergou na educação o norte e a direção para uma vida com liberdade. Por fazer da formação de suas filhas uma de suas missões, permitindo que nos dedicássemos, por um bom tempo, integralmente aos estudos. À minha mãe, que instigou em mim o prazer e a curiosidade pelos livros e tornou seu gosto pela literatura uma questão para aquela menina que, logo pequena, conheceu a poesia. À minha irmã, por me acompanhar nesta caminhada da vida e fazer desta experiência um pouco menos solitária. Às minhas queridas amigas, pelas trocas e conversas a respeito da vida, da maternidade, da experiência de ser mulher; vocês também estão aqui neste trabalho.

À minha orientadora, Ana Lúcia Mandelli de Marsillac, por apostar nesta pesquisa e em mim, enquanto pesquisadora; pela sua leitura sensível, pela paciência e pela compreensão, obrigada por tornar este trabalho possível. À minha coorientadora, Gerusa Morgana Bloss, pelas trocas, pela parceria, pelo interesse nessa temática, com toda a certeza sua leitura e sua presença foram fundamentais para a conclusão deste texto.

À Cinthia, pela escuta cuidadosa e pela aposta em um desejo que, por vezes, tive dificuldade de sustentar.

RESUMO

“As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender” (Ferrante, 2016a, p. 6). Orientada por essa provocação de Elena Ferrante (2016a), proponho investigar a relação entre mãe e filha e seus efeitos na feminilidade destas, apoiada por três obras da escritora italiana: *A filha perdida* (Ferrante, 2016a), *Dias de abandono* (Ferrante, 2016b) e *Um amor incômodo* (Ferrante, 2017b). A partir do aforisma “A mulher não existe”, Lacan (2009 [1971], p. 69) aponta que não há no inconsciente registro da diferença sexual e que a mulher representa uma alteridade absoluta para ambos os sexos. Assim, na busca por circunscrever simbolicamente algo do campo do feminino, a menina procura, na mãe, substância que possa lhe transmitir algo a esse respeito. Nesse intrincado jogo de demandas não saciadas, utilizo como pano de fundo desta pesquisa as personagens de Ferrante (2016a, 2016b, 2017b) e suas relações como mães, filhas e mulheres. Norteadas pelo método psicanalítico, proponho como percurso deste estudo a retomada das construções de Freud sobre o conceito de feminilidade, alcançando posteriormente o que Lacan pôde elaborar sobre o feminino enquanto um campo fora do registro fálico. O uso da literatura para fins de investigação segue a indicação freudiana de buscar nos poetas e artistas fontes e interrogações à teoria, permitindo colocá-la em análise diante de questões pertinentes ao nosso tempo.

Palavras-chave: feminilidade; relação mãe e filha; Elena Ferrante.

ABSTRACT

“The hardest things to talk about are those we ourselves cannot understand.” (Ferrante, 2016a, p. 6). Guided by this provocation from Elena Ferrante (2016a), I propose to investigate the mother-daughter relationship and its effects on the femininity of the daughter, supported by three works by the Italian writer: *A filha perdida* (Ferrante, 2016a), *Dias de abandono* (Ferrante, 2016b), and *Um amor incômodo* (Ferrante, 2017b). Drawing on the aphorism “Woman does not exist,” Lacan (2009 [1971], p. 69) points out that there is no unconscious registration of sexual difference and that woman represents an absolute otherness for both sexes. Thus, in the search to symbolically circumscribe something from the feminine field, the girl seeks, in her mother, substance that can transmit something about it to her. In this intricate game of unsatisfied demands, I use as the backdrop for this research the characters of Ferrante (2016a, 2016b, 2017b) and their relationships as mothers, daughters, and women. Guided by the psychoanalytic method, I propose as the path of this study the revisiting of Freud’s constructions regarding the concept of femininity, subsequently reaching what Lacan was able to elaborate on the feminine as a field outside the phallic register. The use of literature for investigative purposes follows Freud’s indication to seek in poets and artists sources and questions for theory, allowing it to be analyzed in the face of questions relevant to our time.

Keywords: femininity; mother-daughter relationship; Elena Ferrante.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 A autora, treze letras	15
1.2 <i>A filha perdida</i> : lista das personagens	17
1.3 <i>Dias de abandono</i> : lista das personagens	19
1.4 <i>Um amor incômodo</i> : lista das personagens	20
1.5 Método.....	21
1.5.1 A pesquisa em psicanálise	21
1.5.2 Por que a literatura?	25
2 FEMINILIDADE: OS CAMINHOS DO ÉDIPO	29
2.1 O primeiro tempo	29
2.2 O segundo tempo	32
2.3 Do Édipo ao mais além.....	42
2.3.1 Lacan acompanha Freud	43
2.3.2 Lacan e um mais-além.....	49
3 MATERNIDADE E FEMINILIDADE.....	54
3.1 Uma nova ontologia	57
3.2 Maternidade x erotismo	60
3.3 Freud e Lacan – o filho no lugar de equivalência do falo	66
3.4 A compensação fálica pela via do amor.....	72
4 MÃES E FILHAS	78
4.1 Juntas	79
4.2 Separadas	84
4.3 Demandas	87
4.4 Ambivalência	93
5 ESCREVER	100
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS	113

1 INTRODUÇÃO

No dia do aniversário de sua filha, Delia, Amalia morre afogada em circunstâncias desconhecidas. É basicamente dessa maneira que o romance *Um amor incômodo*, de Elena Ferrante (2017b), se inicia. E, para além das coincidências sobre o dia do nascimento e o da morte, Delia, a personagem principal da obra da escritora italiana, também se vê misturada com a mãe em seu corpo, sua língua e sua história. Uma mãe com quem ela se funde e de quem ela tenta se separar durante toda a narrativa. O esforço de uma vida, possibilitado através do acontecimento radical: a morte de Amalia.

Numa tarde de abril, logo após o almoço, Olga é abandonada por Mario, seu marido. Ele a abandona enquanto ainda tiram a mesa, as crianças brincam em outro cômodo e o cachorro sonha, resmungando ao lado do aquecedor. O marido, confuso, diz viver maus momentos, de cansaço como professor universitário, certa insatisfação, covardia. Assume a culpa, mantém a compostura e, fechando com cuidado a porta atrás de si, deixa Olga como uma pedra ao lado da pia (Ferrante, 2016b).

Logo nas primeiras páginas do romance *A filha perdida*, Ferrante (2016a) faz um alerta aos leitores: “As coisas mais difíceis de falar são as que nós mesmos não conseguimos entender” (Ferrante, 2016a, p. 6). Aliviada com a mudança das filhas para o Canadá, onde mora o ex-marido, Leda decide tirar férias no litoral sul da Itália. Nos primeiros dias na praia, volta sua atenção para uma grande família napolitana, barulhenta e grosseira, tal qual sua própria família de origem. Sentindo uma espécie de repulsa e fascínio, identifica-se em especial com Nina, uma jovem mãe, e Elena, sua filha pequena. Nina aparenta ser a mãe perfeita e faz Leda lembrar-se de si quando jovem e cheia de expectativas (Ferrante, 2016a).

Ao compartilhar essas breves sinopses de três obras de Elena Ferrante, cabe mencionar que meu primeiro contato com a escrita desta foi em 2017, quando resolvi pegar o livro que minha mãe acabara de ler. O livro, que já havia sido emprestado pela minha tia com a promessa de ser uma escrita arrebatadora, era curto, de poucas páginas, edição pequena. “Leia rápido”, disse minha mãe, “preciso devolvê-lo”, acrescentou. Tomando aquilo como uma condição e já sem saber se com intenção de cumprir minha palavra ou se tomada pela angústia que aquelas páginas me causaram, devorei o livro em dois dias.

Dias de abandono (Ferrante, 2016b) foi o meu “*debut*” na leitura de Ferrante. Atordoad

por sua leitura, recordo-me de me sentar com minha madrinha e minha mãe, na sala de televisão, e querer conversar a respeito dele. “O que uma mulher é capaz de fazer por amor?”, “Até onde vão os limites da dor de perder um amor?”, “Uma mãe é também uma mulher?”, “Elas coabitam a mesma pessoa?”, “A todo momento?”, “Quais são as concessões esperadas por uma mãe ou uma mulher diante do amor, da vida, da maternidade?”. Saí da sala quase sem respostas – ou, ao menos, respostas que pudessem satisfazer a minha urgência por explicações diante dos enigmas que as questões da personagem Olga me suscitaram. Fui Olga por dois dias, em cada página lida, no ritmo de sua angústia desesperada e de sua prostração diante do abandono; e Olga ecoou em mim desde então.

Como efeito da leitura, abriu-se em mim o seguinte questionamento: “o que as personagens compartilham, para além do fato de se reconhecerem enquanto mulheres?”. Após certa elaboração e decantação dessa experiência, inicio um processo de decifração: um cenário napolitano atravessado por situações de opressão, por uma lógica patriarcal, na qual havia pouco espaço para a mobilidade dos desejos das mulheres; a relação ambivalente que estas apresentavam com suas mães e filhas; e a escrita como forma última de expressão, desvio e salvação daquele destino tão calculável que as aguardava.

Capturada por esses detalhes, percebi o quanto as construções a respeito do “ser mulher” podem, nas sociedades, ser transmitidas intergeracionalmente e quão substanciais podem ser as palavras de uma mãe para uma filha na constituição daquilo que esta tece acerca da sua feminilidade. Do lado das filhas, noto nas personagens uma reivindicação incessante, como se nas mães houvesse a presença de algo enigmático pelo qual elas tivessem sido privadas. Dos restos que ficam após o encontro com a literatura de Elena Ferrante, surge, portanto, o desejo de trabalho relacionando à temática encontrada em suas narrativas ao meu percurso em psicanálise, especificamente na psicanálise freudo-lacaniana.

Como objetivo geral desta pesquisa, proponho investigar a relação entre mãe e filha e seus efeitos na constituição da feminilidade destas, baseando-me nas obras de Elena Ferrante *Um amor incômodo*, *Dias de abandono* e *A filha perdida*. Curiosamente, esses livros foram lançados no Brasil enquanto obras independentes. Em Portugal, no entanto, foram editados como uma única coletânea intitulada *Crônicas do mal de amor* (Ferrante, 2014), tradução bastante sugestiva para falar sobre a ambivalente relação entre mãe e filha.

A escolha das obras não se deu por acaso. De partida, cabe destacar que os três romances

inaugurais de Ferrante (2016a, 2016b, 2017b) abordam a questão da maternidade e da feminilidade enquanto pano de fundo da trama psicológica das personagens. Vale ressaltar, contudo, que essas temáticas podem ser encontradas em todos os seus livros publicados, como uma espécie de contiguidade entre as personagens, porém seria demasiada audácia tentar dar conta de todas as suas obras nesta pesquisa.

Tocado esse ponto, é importante destacar que, além de Freud e Lacan, escolhi trabalhar com alguns de seus comentadores, a exemplo de Malvine Zalcberg, Joel Birman, Maria Rita Kehl, Bruce Fink, Michele Roman Faria, entre outros tantos, que me serviram como uma espécie de ponte entre a teoria psicanalítica e o estudo das obras. Aponto também que o recorte teórico sobre o qual construo este debate pode parecer reduzir a noção de mulher, de mãe e de filha a um viés binário de gênero e a uma perspectiva heterossexual. Isso não quer dizer que os autores com os quais trabalho abordam a questão de gênero por essa perspectiva – que reconheço ser bastante limitada –, mas que tal escolha se fez a fim de delimitar meu objeto de pesquisa. Considerando, portanto, que a escrita desta dissertação exigiu algumas escolhas conceituais, friso que a questão de gênero, apesar de bastante relevante no campo das pesquisas em psicanálise, não foi uma das chaves de leitura, uma vez que demandaria outras conceitualizações e enlaces teóricos que extrapolariam o objetivo deste trabalho. Contudo, gostaria de demarcar que, a todo momento que aparecer a palavra “mulher” nesta dissertação, o lugar de compreensão de onde falo é o de que o sexo biológico ao qual somos fadados no nascimento não determinará o papel ao qual um sujeito vai se identificar.

Nesse sentido, compartilho com a psicanalista Maria Rita Kehl (2016) o entendimento de que uma mulher e um homem representam posições subjetivas e discursivas diante do Outro, ausentes de qualquer essência preconcebida e determinada na biologia. Em seu livro *Deslocamentos do feminino* (Kehl, 2016), a autora argumenta que antes mesmo de nascermos somos marcados pelos significantes “homem” e “mulher” inscritos na ordem simbólica sem qualquer escolha, e que a mínima diferença sexual não é garantia de identificação, pois a partir da travessia edípica nos tornamos sujeitos sexuados, caracterizados pela singularidade de nossas identificações com determinados padrões de gênero e de nosso desejo. Nesse livro, Maria Rita Kehl (2016) vai abordar a masculinidade e a feminilidade enquanto construções imaginárias “compostas tanto das identificações que estruturam o eu (segundo os modos como cada cultura organiza os ideais para os gêneros) quanto das estratégias particulares com que cada um se organiza em relação ao trinômio falo/falta/desejo” (Kehl, 2016, p. 12). Dessa forma, parto da noção de feminilidade

enquanto a maneira como o sujeito se organiza em torno do imaginário da falta; a falta daquilo que a psicanálise nomeia como “falo”.

Apresentando os primeiros passos caminhados, no capítulo 2 desta dissertação, nomeado como “Feminilidade: os caminhos do Édipo”, propus uma revisão teórica da teoria freudiana sobre o complexo de Édipo nas meninas e o desenvolvimento do conceito de feminilidade, passando pelos primeiros textos sobre o tema, como: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 2016 [1905]); “A organização genital infantil” (Freud, 2019 [1923]); “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (Freud, 2019 [1925]); até a publicação das últimas obras a respeito da sexualidade feminina – “A conferência XXXIII – Feminilidade” (Freud, 2019 [1932]) e “Análise finita e infinita” (Freud, 2021 [1937]). É preciso destacar que estes dois últimos textos condensam as descobertas freudianas sobre a feminilidade durante toda a sua trajetória, desde retificações a reiteraões. As conceituações apresentadas neles correspondem à última compreensão do autor a respeito da temática.

Em seguida, ainda no primeiro capítulo, recupero de maneira breve as elaborações de Lacan a respeito da constituição psíquica do sujeito, marcadas por um movimento de retorno a Freud. Extraio de *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* o desenvolvimento do conceito de metáfora paterna em Lacan, que privilegia a função do pai como aquela que interdita o desejo materno e possibilita ao sujeito inserir-se na linguagem. Em seguida, apresento as formulações contidas em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, em que Lacan toma a constituição psíquica a partir de uma leitura dos processos de alienação e separação e dá ênfase ao papel do Outro primordial, encarnado pela figura da mãe. Por fim, menciono as elaborações lacanianas a respeito da feminilidade enquanto um registro para além do falo, um registro outro cujo acesso pode se dar para quaisquer sujeitos.

No terceiro capítulo desta pesquisa, “Maternidade e feminilidade”, debruço-me sobre a questão da maternidade enquanto destino “normal” da feminilidade. Esse argumento foi utilizado por Freud logo nos seus primeiros textos a respeito da sexualidade feminina e manteve-se até o último, “Análise finita e infinita” (Freud, 2021 [1937]). Segundo o autor, entre os três destinos possíveis ao Édipo na menina – o complexo de masculinidade, a frigidez na mulher e a feminilidade –, o acesso ao último seria possível a partir da experiência da maternidade. Para iniciar a discussão, apresento algumas considerações do psicanalista Joel Birman (2016) a respeito do surgimento de uma ontologia da diferença sexual, coincidente com o advento da Modernidade. Mesmo que tal

discussão freudiana tenha tido suas bases epistemológicas nos séculos XIX e XX, entendo que a questão da maternidade na vida feminina é uma temática atual, no sentido de que tal experiência se mostra, até os dias de hoje, uma insígnia que legitima o acesso das mulheres a algo do campo do “feminino”.

A partir da metáfora filho = falo, trato sobre como a maternidade foi, durante muito tempo, o caminho ideal para a constituição do que Freud postulou sobre a feminilidade. Em Freud, vemos que, diante da constatação da castração, a menina, no seu caminho para constituir-se enquanto mulher, vai buscar no pai o falo do qual foi privada, encontrando uma via para lidar com a própria falta estrutural. Já Lacan, ao apresentar a metáfora que coloca o filho em equivalência com o falo, questiona se esse é, de fato, capaz de preencher a falta na mãe. A perspectiva que busco apresentar, ao longo deste capítulo, é a de que a maternidade está longe de completar uma mulher, conforme teorizou Lacan. Tal equivalência não é suficiente para encerrar o desejo das mulheres, que se mostra sempre em direção à procura de um algo a mais (quando tudo ocorre bem). A partir dessa nova ontologia da diferença sexual, construída em meados do século XIX, os discursos nos mais variados campos de saber vão disseminar a cisão dos registros erótico e materno, supondo, nas mães, o encerramento de qualquer via de acesso ao desejo e à satisfação que sejam contrários ao exercício do seu papel civilizatório.

Considerando que a ciência de hoje está calcada em pilares da Modernidade e que não raramente nos deparamos com discursos idílicos em torno da experiência de gestar uma vida, vejo que este debate, apesar de repetitivo, esconde uma triste atualidade. Contudo, tenho observado um crescente compartilhamento de depoimentos que expressam o aspecto ambivalente e conflituoso da maternidade na vida das mulheres, movimento que nos leva a descortinar lacunas que sempre estiveram abertas, mas que outrora se pensavam supridas. Recentemente, confrontei-me com uma página no Instagram chamada “Mães arrependidas” e descobri centenas de depoimentos de mulheres mães que desabafam – no anonimato – sobre as dificuldades, as contradições e os arrependimentos após a chegada de um filho. Longe de ser uma página que intenta convencer as mulheres a não se tornarem mães, a conta @mãesarrependidas mostra-se um espaço de testemunho, onde elas encontram uma via de expressão, buscando minimizar a exposição a julgamentos de terceiros. E, mesmo que os depoimentos sejam anônimos, não são poucos os comentários que criticam a postura dessas mães e preocupam-se com a capacidade dessas mulheres de gerar e educar uma vida.

Nesse sentido, vejo que Ferrante apresenta magistralmente o enredo conflitivo das personagens narradoras mulheres, mães e filhas, cuja leitura me causou uma espécie de fascínio e repulsa diante da franqueza com que confidenciam suas histórias. É através das narrativas de Leda, Olga e Delia que recolho esses restos e vou costurando com o que encontro na teoria psicanalítica. Minha aposta é de que a literatura assinada por um pseudônimo seja um caminho que nos permita falar sobre os enigmas e paradoxos que circundam a vida de uma mulher. Além da maternidade, a psicanálise aponta que o amor também pode ser uma via de compensação fálica à mulher. Assumindo a ideia de que a equação filho = falo não dá conta de encerrar o desejo na mulher, Lacan vai formular outras vias pelas quais esta pode buscar completar sua falta fálica. Nesse momento, ele traz a ideia da mascarada como aquela que não tem, mas que esconde sua falta sob um véu. A questão do amor é evidenciada no romance *Dias de abandono*, e disponho dos fragmentos da obra e do “quase” enlouquecimento de Olga para expressar a forma como uma mulher pode utilizar uma relação amorosa para dar consistência ao seu ser.

O quarto capítulo desta dissertação busca dar enfoque na relação entre mãe e filha e seus impactos na constituição subjetiva dessa. Para tanto, procuro retomar a questão da constituição do sujeito sob o prisma dos processos de alienação e separação, elaborados por Lacan em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Para a psicanálise, a relação entre mãe e filha é uma das mais complexas, como já apresentou Freud. Isso porque, ao investigar a passagem da menina pelo complexo de Édipo, Freud nunca entendia claramente como esta, que tinha na mãe o seu primeiro amor, desligava-se desse vínculo tão próximo para voltar-se ao pai, visto que não sofria da angústia de castração, como o menino.

A partir da narrativa das personagens de Ferrante a respeito dessa relação tão fortemente investida entre mãe e filha, faço algumas considerações sobre o difícil processo de separação entre elas. Nesse capítulo, dou especial destaque às personagens Leda e Delia, das obras *A filha perdida* e *Dias de abandono*. A respeito de Delia, recolho alguns trechos que exprimem a fusão entre o corpo da mãe e o da filha e articulo com questões teóricas, evidenciando a característica ambivalente desse laço.

Por fim, encerro este trabalho com um capítulo que versa sobre a escrita, suas funções e sua presença na literatura de Ferrante. Além dos livros que escolhi trabalhar na dissertação, as outras obras de Elena Ferrante contêm personagens que orbitam no mundo da literatura, seja na função de escritor, seja na de docente. Optei por trabalhar com a personagem Olga, de *Dias de*

abandono, e a sua relação com o ato de escrever, cuja intensidade se fez premente após o episódio de abandono. Olga varava as noites escrevendo, buscando entender os motivos do abandono, resistindo a entregar-se ao fantasma da *poverella*. Nesse capítulo, articulo os excertos da obra com alguns autores psicanalistas que trabalham a relação entre psicanálise e literatura, dando destaque à função da escrita enquanto solução para atribuir contornos ao real que irrompe.

A pesquisa e a construção desta dissertação se deram como uma espécie de costura e alinhavo, feitos artesanalmente, à mão, não sem perfurações ou sangue. Persistem, ainda, muitos fios soltos, que foram dando o ar da graça à medida que o trabalho parecia ficar “pronto”. Descobri, nesta caminhada, que estudar psicanálise e literatura é confrontar-se com um texto sempre vivo, palavras que pulam, que pareciam escondidas e que, em um dado momento, saltaram aos olhos. Sigo nesse percurso, que parece sempre querer se manter aberto para a vida.

1.1 A autora, treze letras

O único espaço onde o leitor deveria procurar e encontrar o autor é o da sua escrita.

(Ferrante, 2017a, p. 320)

Elena Ferrante é um pseudônimo sob o qual se esconde essa enigmática autora italiana, famosa internacionalmente por sua viral tetralogia estreada pela obra *A amiga genial* (Ferrante, 2011-2014). Seu primeiro livro, *Um amor incômodo*, publicado na versão italiana em 1992, chegou a ser adaptado para os cinemas, sob direção do famoso cineasta e roteirista italiano Mario Martone. Foi, entretanto, a partir da tetralogia napolitana, traduzida para mais de quarenta países, que Ferrante ficou mundialmente conhecida, fenômeno nomeado como Febre Ferrante.

Publicando há trinta anos sem ter sua real identidade revelada, Elena pode ser considerada como uma própria criação literária que persevera para além de seus livros. Fabiana Secches (2017), em sua coluna para a revista *Cult*, analisa a antologia autobiográfica *Frantumaglia* (Ferrante, 2017a), a qual reúne cartas, entrevistas e *e-mails* trocados entre a autora, seus editores, jornalistas e, inclusive, com Mario Martone. Nessa coletânea de textos, Ferrante (2017a) expõe dados considerados autobiográficos por trás de suas criações, sem abrir mão, contudo, da escolha de manter oculta sua verdadeira identidade.

O enigma que sustenta seu pseudônimo é tamanho que, em 2016, o jornalista italiano

Claudio Gatti publicou uma reportagem na tentativa de desmascará-la. Gatti (2016) trouxe à tona o nome Anita Raja, tradutora italiana da editora responsável pelos livros de Ferrante e casada com o também escritor Domenico Starnone. A autoria das obras chegou a ser atribuída a ambos, tanto a Anita quanto a Domenico, não tendo, todavia, sido confirmada por eles. O posicionamento de Ferrante, presente no texto de *Frantumaglia*, é de que um autor já faz o suficiente por uma obra ao escrevê-la: “Acredito que, após terem sido escritos, os livros não precisam dos autores para nada. Se tiverem algo a dizer, encontrarão, mais cedo ou mais tarde, leitores; caso contrário, não” (Ferrante, 2017a, p. 12).

Crítica feroz da redução do trabalho literário a mercadoria, Elena questiona: “um livro é, do ponto de vista midiático, antes de mais nada o nome de quem o escreve?” (Ferrante, 2017a, p. 44). Nas cartas e entrevistas compartilhadas, depreendemos de sua posição a busca por privilegiar o texto, e não a persona do autor. Foi por isso que nunca fez questão de receber os prêmios com os quais foi contemplada e que não teve interesse em participar dos lançamentos e das divulgações editoriais das obras.

Ainda sobre o fato de optar por manter sua identidade oculta, Ferrante (2017a, p. 58) confessa ter “um desejo um pouco neurótico de intangibilidade”. Em seu processo de escrita, a autora relata que, ao terminar um livro, tem a experiência de ter sido revistada intimamente, e tudo o que deseja no fim é recuperar a distância, voltar para sua integridade. “Por isso, quero que o meu romance vá o mais longe possível, justamente para poder apresentar sua verdade romanesca e não os retalhos acidentais de autobiografia também contidos nele” (Ferrante, 2017a, p. 60).

Todas as obras apresentadas nesta pesquisa fazem referência a Nápoles, cidade natal da autora. O contexto napolitano de suas obras traz um cenário permeado de violências, conflitos, obscenidades. Recortei do livro *Frantumaglia* um excerto que descreve a Nápoles de Ferrante, sob a qual emergem suas narrativas.

Vivenciei a cidade em que cresci como um lugar no qual eu me sentia sempre em risco. Era uma cidade de brigas repentinas, de pancadas, de lágrimas fáceis, de pequenos conflitos que terminavam em xingamentos, obscenidades indizíveis e fraturas irremediáveis, de afetos tão exibidos a ponto de se tornarem insuportavelmente falsos. Minha Nápoles é a Nápoles “vulgar” de gente “aprumada”, mas ainda aterrorizada pela necessidade de voltar a ganhar o sustento diário com trabalhos precários; pomposamente honesta, mas, na realidade, pronta a cometer pequenas baixarias para não passar vergonha; barulhenta, de voz alta, fanfarrona, laurina, mas também, em certas ramificações, stalinista, afogada no dialeto mais espinhoso, desbocada e sensual, ainda desprovida do decoro pequeno-burguês, porém com a pulsão de aparentar pelo menos seus sinais

superficiais, potencialmente criminosa, pronta a se imolar diante da chance – ou da necessidade – de não se mostrar mais tola que os outros (Ferrante, 2017a, p. 65).

Mesmo compartilhando a existência de trechos autobiográficos em suas obras, Ferrante mantém uma postura decidida acerca de não revelar sua identidade. Escolher manter o pseudônimo não quer dizer que seus livros vivam sob seu anonimato: “Meus livros não são anônimos, têm uma assinatura na capa [...]”, diz a escritora (Ferrante, 2017a, p. 263). Ao ser questionada sobre a identidade de Elena Ferrante numa entrevista, a autora deu a melhor resposta que poderia (sob meu ponto de vista, é claro): “Treze letras, nem mais nem menos. A sua definição está toda contida nelas” (Ferrante, 2017a, p. 321).

A seguir, apresentarei um breve resumo das obras que serão trabalhadas nesta pesquisa. Farei uso de um recurso empregado por Ferrante na introdução da obra *Tetralogia Napolitana: A amiga genial*, que foi fornecer um índice com o nome das personagens e uma breve descrição destas (destaco que esse romance não faz parte do conjunto de obras analisadas na dissertação, apenas me apropriei do seu modo de apresentação). Meu intuito aqui é facilitar a leitura desta pesquisa, pois, conforme o leitor seguir no texto, vai deparar-se com os nomes das personagens dos livros, e nem sempre será indicado a que obra pertencem. Ao longo da leitura, encontrar-se-ão diversos fragmentos das obras trabalhadas, com suas devidas referências; contudo, diante de qualquer dúvida, o leitor poderá fazer uso desse recurso e retornar ao índice para esclarecimentos.

1.2 *A filha perdida*: lista das personagens

Leda – Personagem narradora. Professora universitária de 48 anos, apaixonada por literatura. Após a mudança de suas filhas para morar com o pai no Canadá, decide tirar férias sozinha no litoral sul da Itália, cenário onde a narrativa se desenrola.

Nina – Mãe de Elena. Bastante jovem e muito bonita, Nina destoa da família napolitana barulhenta e furiosa.

Elena – Filha de Nina, Elena tem três ou quatro anos. Junto com a mãe, reproduz cenas amorosas e ternas ao brincar na praia, curiosamente observadas por Leda.

Nani, Nena ou Nennella – A boneca de Elena, objeto de muito apreço por parte da criança, que a levava diariamente à praia. Em um momento da narrativa, Leda rouba a boneca de Elena, fato que se torna um mistério ao longo da trama.

Rosaria – Mulher grávida, parte da grande família napolitana barulhenta. Rosaria é irmã do marido de Nina. Diferentemente da cunhada – que tem movimentos leves, é graciosa, bela –, Rosaria está no final de sua gravidez, ostenta movimentos e palavras bruscos. Esperou oito anos para conseguir enfim engravidar.

Bianca – Filha mais velha de Leda, uma gestação idealizada e dentro dos conformes, diferentemente das mulheres da família de Leda, que adoeciam.

Marta – Segunda filha de Leda. Em oposição à primeira gravidez, a de Marta foi turbulenta, difícil, cheia de desafios.

O livro *A filha perdida* narra a história de Leda, uma mulher de 48 anos, professora universitária, que decide passar as férias sozinha no litoral sul da Itália. Logo de início, Leda depara-se com uma grande família napolitana, que também frequenta a praia, e é capturada especialmente por uma jovem mãe, Nina, e sua filha pequena, Elena. A relação entre Nina e Elena deflagra em Leda inúmeras lembranças da época em que, jovem, fez escolhas não muito convencionais enquanto mãe.

Nos dias em que vai à praia, Leda é capturada pela relação de Nina com a filha, como se a maternidade dessa jovem fosse o exemplo mais puro e instintual desse dom, considerado natural para as mulheres. Para a personagem de Leda, é como se não houvesse conflitos, ambivalências, questões que pudessem separar e comprometer a ligação tão terna entre mãe e filha. A beleza de Nina contrasta em tudo com a sua família napolitana, barulhenta e rude, semelhante à família de origem de Leda. O cenário coloca a personagem diante do seu passado enquanto jovem, cheia de expectativas, confrontando-a com os seus fantasmas mais íntimos – da infância infeliz a segredos da vida adulta que ela nunca conseguiu revelar a ninguém.

Em um determinado momento da narrativa, Leda toma uma atitude impensada e rouba a boneca de Elena. O sumiço do brinquedo desencadeia uma série de acontecimentos na trama que, direta ou indiretamente, desembocam na queda desse ideal de maternidade, outrora acreditado por Leda, em que mãe e filha constituem um corpo só. Do outro lado, Nina, após o contato com Leda, encontra um lugar que acolhe suas ambivalências enquanto mãe, sobretudo quando descobre que essa, quando jovem, abandonou as filhas por um período em busca de realizações profissionais e amorosas.

1.3 *Dias de abandono*: lista das personagens

Olga – Personagem narradora. Olga é uma mulher de 38 anos, com dois filhos (Gianni e Ilaria), cujo marido acaba de abandoná-la por outra. Mora em Turim, no norte da Itália. Não trabalha fora, dedica-se exclusivamente aos cuidados com a casa, os filhos e o marido. Após o abandono, Olga recupera em sua memória uma figura da infância, a pobre coitada. Durante a narrativa, Olga luta para separar-se desse fantasma infantil que a assombra.

Mario – Viveu um casamento de quase 15 anos com Olga. Após apaixonar-se por uma mulher bem mais jovem (Carla), decide sair de casa e deixa os dois filhos e o cachorro, Otto, sob os cuidados da ex-esposa.

Carla – Mulher jovem por quem Mario se apaixona.

Gianni – Filho mais velho de Olga e Mario. Lembra muito o pai fisicamente, nos trejeitos e no vocabulário.

Ilaria – Filha caçula de Olga e Mario, Ilaria lembra Olga quando esta era criança.

A pobre coitada da Piazza Mazzini – Mulher cheia de energia, cheirosa e que, segundo as memórias de Olga, vivia feliz, cantando e distribuindo balas e doces aos filhos. Após o marido deixá-la por outra, a pobre coitada se torna malfalada na comunidade, sobretudo pela mãe de Olga e suas funcionárias costureiras. O sofrimento decorrente do abandono é tão brutal que a leva a suicidar-se.

Otto – Cachorro da raça pastor-alemão, adquirido após muita insistência de Mario, a quem considerava seu dono.

Carrano – Vizinho de Olga. Nutre uma leve desavença com Mario por conta do cachorro. Carrano é um homem solitário, de meia-idade, músico. Desperta sentimentos ambivalentes em Olga, como pena e admiração.

Numa tarde de abril, logo após o almoço, Olga é abandonada por Mario, seu marido. Ele a deixa enquanto ainda tiram a mesa, as crianças brincam em outro cômodo e o cachorro sonha, resmungando ao lado do aquecedor. O marido, confuso, diz viver maus momentos de cansaço como professor universitário, certa insatisfação, covardia. Assume a culpa, mantém a compostura e, fechando com cuidado a porta atrás de si, deixa Olga como uma pedra ao lado da pia (Ferrante, 2016b).

A obra *Dias de abandono* conta a história de uma mulher presa ao cotidiano, com dois filhos, um cachorro e nenhum emprego, cuja recusa de assumir o papel de *poverella* (a pobre mulher abandonada) a leva de volta à sala de costura, espaço onde a mãe dela e as funcionárias desta, enquanto cortavam e costuravam, diziam entre si: “quando você não sabe segurar um homem perde tudo [inclusive o nome]” (Ferrante, 2016b, p. 12). Ao longo da narrativa, Olga transita entre um sofrimento que a despedaça, que rompe todas as superfícies, e uma tentativa extenuante de conservar alguma conexão com a realidade, a fim de manter suas duas crianças vivas. Nessa batalha árdua, descobre que ao cair não há nada, não há profundidade nem precipício.

1.4 *Um amor incômodo*: lista das personagens

Delia – Personagem narradora. Delia é uma mulher de 45 anos, solteira, sem filhos. Mora em Roma, onde a mãe, Amalia, a visita de vez em quando. Retorna a Nápoles, sua cidade natal, após a morte de Amalia, para um acerto de contas com o seu passado e com os três homens que figuram de forma proeminente no passado da mãe: seu tio Filippo, seu pai e Caserta.

Amalia – Mãe de Delia, Amalia trabalhava como costureira. Era casada com um artista que pintava quadros; de início, eram paisagens, depois especializou-se em pintar uma cigana – negócio proposto por Caserta – que remetia ao rosto e ao corpo da esposa. Amalia era descrita como uma mulher sedutora, que chamava a atenção dos homens por onde passava. Por anos sofreu violência do marido, que, consumido pelo ciúme e pela dificuldade de controlar seus desejos e os desejos dos homens por ela (refiro-me aqui sobretudo a uma posição desejante diante da vida, e não ao controle meramente sexual), a agredia diante das filhas ou de quem quer que fosse. Quando as meninas ainda eram adolescentes, Amalia separou-se do marido e foi viver sozinha com as filhas. Logo no início da obra, Amalia desaparece após uma visita a Delia. É encontrada morta, boiando na praia de Spaccavento.

Tio Filippo – Irmão de Amalia, perdeu um braço aos 56 anos, e desde então usa a invalidez ora para pedir favores, ora para desejar a mesma desgraça a quem os nega.

Caserta – Homem misterioso, na juventude envolveu-se em negócios com o pai de Delia. Caserta cortejava Amalia quando ainda era casada, enviava flores, vestidos e presentes, sempre no anonimato. Já mais velho, envolve-se novamente com ela e está junto, misteriosamente, no dia em que ela morre.

O romance *Um amor incômodo* conta a história da complexa relação entre mãe e filha, Amalia e Delia, respectivamente. No dia do aniversário de Delia, Amalia morre afogada em circunstâncias desconhecidas. Seu corpo é resgatado nu, vestindo apenas um sutiã de renda fina que deixa seus mamilos à mostra.

Delia precisa voltar à cidade natal para o funeral da mãe e, diante dos mistérios que envolvem a sua morte, decide encarar os fantasmas e as mentiras do passado, a fim de poder fazer as pazes com a cidade, Amalia e, sobretudo, consigo. Nápoles mostra-se uma cidade barulhenta, tumultuada, violenta e não receptiva às mulheres. Os homens que Delia encontra, aos 45 anos, ainda são os mesmos da sua memória de menina, quando tentava proteger o corpo sedutor da mãe do jogo sombrio de homens que visavam ao uso, ao controle e à tutela violenta. A personagem narra o percurso que faz para tentar se separar dessa mãe com quem se vê misturada em seu corpo, sua língua e sua história. Um esforço que Delia fez durante uma vida, possibilitado pela morte da sua mãe e concretizado ao vestir o velho *tailleur* azul desta como um traje resolutivo.

Dadas as introduções sobre a autora e as obras que serão trabalhadas nesta pesquisa, farei uma breve pausa na literatura para apresentar, no próximo capítulo, algumas fundamentações da psicanálise que servirão de suporte para a discussão que se propõe. A partir das interrogações suscitadas pelo encontro com as obras, escolhi percorrer, com base em Freud e Lacan, a teoria da constituição do sujeito, especificamente o desenvolvimento teórico do complexo de Édipo, dando especial destaque à constituição psíquica das meninas.

1.5 Método

1.5.1 A pesquisa em psicanálise

Destaco, como ponto fundamental da minha pesquisa, a necessidade de traçar uma proposta de método amparada por pressupostos psicanalíticos. Tendo em vista essa necessidade, o que significa, portanto, estar amparada por pressupostos psicanalíticos do método e da ética numa pesquisa científica? No texto *Uma política de pesquisa para a psicanálise*, o psicanalista e professor Jeferson Machado Pinto (2009) sublinha que, embora a psicanálise esteja apoiada no discurso da ciência e mantenha com esta uma relação intrínseca, ela se sustenta em pressupostos

éticos distintos.

Nas leituras a respeito da relação entre ciência e psicanálise, encontro no texto de Luciano Elia (2000) subsídios que sustentam, ao mesmo tempo, uma relação de derivação e um ponto de ruptura. Para tanto, o autor destaca ser fundamental que levemos em consideração a noção de sujeito, pois é a partir da posição que o sujeito ocupa em cada um dos campos discursivos – o da ciência e o da psicanálise – que se esclarecerá a relação entre esses.

Lacan, como lembra Elia (2000, p. 20), lança a seguinte questão: “que ciência poderia incluir a psicanálise?”, uma vez que esta vai reintroduzir a noção de sujeito na cena discursiva, “sujeito este que a ciência, ao fundar-se, o situou e a qual, no mesmo golpe, o excluiu” (Elia, 2000, p. 20). A ciência poderia, portanto, suportar a inclusão do sujeito? Ou tal inclusão implica o corte discursivo que funda a psicanálise? De acordo com Elia (2000), Lacan vai responder negativamente à primeira questão e afirmativamente à segunda. O sujeito ao qual Elia refere-se é o revelado por Descartes, aquele afastado da natureza por uma forma nova de se inscrever no simbólico. Ao situá-lo na expressão “penso, logo existo”, Descartes revela um sujeito pontual e evanescente, definido pelo ato de pensar. Assim, é a enunciação em si mesma que determina para o sujeito o real de sua existência, não havendo qualidades que poderiam definir uma essência dita humana (Pinto, 2018).

O campo discursivo da ciência hegemônica não considera os aspectos subjetivos que atravessam a figura do pesquisador e compreende o saber produzido em si como detentor de valor de uma verdade universal. Já a pesquisa em psicanálise apresenta-se enquanto “resultado do efeito da clínica sobre o analista, do seu atravessamento pela psicanálise” (Nobre, 1999 *apud* Moreira; Oliveira; Costa, 2018, p. 122). Nela, o desejo do pesquisador está necessariamente em cena, em transferência com o tema que pesquisa e em que investe a própria libido em busca de um saber mais (Marsillac; Bloss; Mattiazzi, 2019).

Em outro artigo, Pinto (2018) evidencia outra particularidade da pesquisa em psicanálise: a impossibilidade de exposição *a priori* dos passos a serem dados. O método em psicanálise torna-se susceptível de um aspecto contingente. Aqui, para melhor elucidar essa impossibilidade, o autor vincula a pesquisa em psicanálise com o trabalho de perlaboração na associação livre. Há uma dimensão de imprevisibilidade, tanto por parte do analista quanto pelo próprio analisante, com relação ao surgimento daquilo que possa provocar um esvaziamento pulsional de determinada posição subjetiva. Desse modo, “a descrição do método psicanalítico submetida aos padrões únicos de reconhecimento descaracterizaria sua própria especificidade na produção de conhecimentos

[...]” (Pinto, 2018, p. 64).

A pesquisa ancorada pelo método psicanalítico não busca, portanto, generalizações, mas experiências singulares e exemplares de um tempo. Nesses termos, Marsillac, Bloss e Mattiazzi (2019) sustentam que no campo da psicanálise não se trabalha com a proposta de uma metodologia, uma vez que esta pressupõe a existência de um padrão de pesquisa. O que se sustenta em tal campo é um método ancorado por seus princípios epistemológicos, éticos e políticos, que se debruça de forma particular sobre cada objeto que se coloca a pesquisar.

O que caracteriza a pesquisa em psicanálise é, sobretudo, a sua dimensão ética – a ética do desejo, a dimensão do inconsciente estruturado como linguagem – e a relação transferencial com aquilo que se propõe a pesquisar (Moreira; Oliveira; Costa, 2018). Na clínica, o que se busca é que o sujeito se coloque a trabalho em seu processo analítico, que esteja implicado nisso que o causa, a mesma ética que orienta a pesquisa em psicanálise.

Seu rigor é construído a partir dos conceitos forjados pela clínica: inconsciente¹, sujeito², objeto³, significante⁴, contingência⁵ e sintoma⁶. No campo da pesquisa, os elementos significantes

¹Em Freud, o inconsciente, no sentido “tópico”, designa um dos sistemas definidos na sua primeira teoria do aparelho psíquico (inconsciente, pré-consciente e consciência). Constituído de conteúdos recalçados, regidos pelos processos primários, principalmente os mecanismos da condensação e do deslocamento, os conteúdos do inconsciente são representantes da pulsão. Na segunda tópica freudiana, o termo “inconsciente” é usado sobretudo na sua forma adjetiva, deixando de ser o que é próprio de uma instância especial (id, ego e superego). É uma noção tópica e dinâmica. Com esse conceito, Freud demonstrou que o psiquismo não é redutível ao consciente e que a vida psíquica é feita de pensamentos eficientes, embora inconscientes, dos quais emanam os sintomas. Temos como as formações do inconsciente os sonhos, o lapso, o ato falho, o chiste e seus sintomas (Laplanche, 1992). Lacan lê o inconsciente freudiano a partir do estruturalismo de Lévi-Strauss e da linguística, em Ferdinand de Saussure, e estabelece: o inconsciente é estruturado como linguagem. Associa os mecanismos de condensação e deslocamento à metáfora e à metonímia. O ingresso no universo simbólico é o momento da constituição do inconsciente (Garcia-Roza, 1985).

²O sujeito do qual a psicanálise trata é o do inconsciente, não podendo ser confundido com a noção de indivíduo.

³O objeto para a psicanálise é tudo aquilo que não é o sujeito, mas com o que ele se identifica de alguma forma. Os objetos, nesse sentido, podem ser: outro sujeito, um fato, um monumento, uma obra; portam uma verdade sobre si, sobre a qual busca-se saber mais (Marsillac; Bloss; Mattiazzi, 2019).

⁴Lacan utiliza-se da teoria do linguista Ferdinand de Saussure para forjar o conceito de significante para a psicanálise. Nesta, não existe significante isolado, ele não significa nada sozinho, é necessário que esteja articulado em cadeia com outros significantes. Já em Saussure, o significante remete a um significado.

⁵De acordo com o psicanalista Fábio Bispo (2014), o termo “contingência” parece sempre um enigma. Na engenharia, a expressão é utilizada para designar os restos, as coisas que sobram, os excessos inesperados, que escapam ao planejado. O uso do conceito de contingência, sob essa perspectiva, faz todo o sentido para a psicanálise, pois é justamente o que a sua clínica valoriza: os tropeços da fala, as sutilezas de um ato falho, as besteiras que se diz sem querer. É justamente nisso que sobra, que escapa ao sentido, que se busca a emergência da verdade escondida nas racionalizações do nosso discurso oficial. Assim, por formular uma lógica que acolhe a contingência, a psicanálise pode ser evocada para intervir em questões relativas ao laço social.

⁶No texto “Inibição, sintoma e angústia” (2016 [1926]), Freud apresenta o sintoma como um substituto de uma satisfação pulsional que não aconteceu, consequência do processo de recalçamento. Pela psicanálise, o sintoma não revela a verdade da doença, mas a verdade do sujeito do inconsciente, pois busca apreender no sintoma o desejo

devem ser evidenciados, a fim de que se abram caminhos para as possibilidades interpretativas, “que buscam a densidade da singularidade em questão, suas dimensões estruturais e metapsicológicas” (Marsillac; Bloss; Mattiazzi, 2019, p. 800).

Mesmo mantendo pontos de distanciamento, Pinto (2018) argumenta que a psicanálise e a ciência podem ser vistas como campos interligados. Nesse sentido, faz uma associação entre o discurso científico e o discurso da histórica ao situar o pesquisador em uma certa posição subjetiva diante do Outro: “um novo saber só ocorre quando se questiona o saber que o Outro já reconhece” (Pinto, 2018, p. 70); esse seria o ponto mais evidente da identidade entre os dois discursos. O ponto de maior afastamento entre a ciência e aquele que pesquisa em psicanálise seria a exclusão da causa de desejo: enquanto a primeira busca colocar o desejo do pesquisador sob reserva, o segundo coloca a causa de desejo em cena, singularizando o saber que se produz.

No intento de estudar a relação entre mãe e filha e a construção da feminilidade nas obras de Elena Ferrante, meu desejo de pesquisa não passa pelo propósito de analisar, a partir de parâmetros literários, a escrita de Elena Ferrante. Tampouco há uma intenção interpretativa da obra e da autora, tal qual aquela em que Freud (2002 [1911]) apoiou-se ao escrever *O caso Schreber: notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. Foi pelo reconhecimento do atravessamento da leitura dos romances e da temática da feminilidade em mim, e, sobretudo, pela aposta de que há nas obras algo sobre a relação entre mãe e filha e a construção da feminilidade entre as personagens, que decidi investigar e sustentar essa questão.

Assim exposto, construo esta pesquisa através de uma revisão narrativa dos principais textos de Freud que versam sobre o complexo de Édipo – enquanto teoria que fundamenta a constituição psíquica dos sujeitos, dando ênfase, principalmente, à questão do desenvolvimento da sexualidade feminina. Em Lacan, revisito os textos que fazem uma releitura do Édipo em Freud, dando ênfase às produções contidas em *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* e em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Faço uma breve menção à proposta lacaniana do mais-além do Édipo, cujas formulações se mostram sumariamente em *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Contudo, não aprofundo nesta pesquisa a noção de gozo feminino, entre outros conceitos trabalhados por Lacan no seu ensino que privilegia a dimensão do registro do real.

A respeito do trabalho com as obras, lancei mão de alguns pressupostos da psicanálise para recortar das suas leituras alguns significantes que se destacaram e, a partir deles, selecionar excertos que versassem a respeito do tema. Dos significantes extraídos, destaco: mãe, maternidade, mulher, ambivalência, identificação, repetição e escrita. Para cada signifiicante escolhido, foram construídos documentos que norteavam o fichamento das obras. Por exemplo, a partir do signifiicante maternidade, selecionei, após a leitura de cada texto, os excertos que abordavam tal temática. Saliento que o recorte dos significantes serviu apenas para apontar uma direção e que o trabalho de costura entre os fragmentos das obras e da teoria foi sendo tecido à medida que a escrita se desenvolveu. Mais de uma vez me vi voltando aos livros, redescobrimdo frases, fazendo novas leituras daquilo que eu já havia lido dezenas de vezes.

É importante mencionar que a companhia de comentadores de Lacan foi fundamental durante a minha leitura dos textos, especialmente dos seminários de Lacan, motivo pelo qual eles aparecem com bastante frequência nesta pesquisa. Por fim, em articulação com outros autores psicanalistas, o trabalho com a literatura nesta dissertação busca evidenciar que, a despeito dos elementos conceituais clínicos, a transmissão da psicanálise também lida com questões literais, em que os conceitos se constroem nas bordas do discurso psicanalítico (Costa, 2012).

1.5.2 Por que a literatura?

Como pensar, então, a articulação entre psicanálise e literatura? No texto, “A poiesis do indizível: a feminilidade e o sublime, entre literatura e psicanálise”, Joel Birman (2019) aponta que, apesar de Freud ter pretendido construir a psicanálise como uma ciência da natureza, de fato e de direito, valeu-se de modelos e da problemática das ditas ciências da cultura. Birman (2019) faz questão de nos indicar que o pai da psicanálise se utilizou de uma narrativa trágica para descrever a dinâmica constitutiva do sujeito em termos conceituais (O complexo de Édipo), afastando-se de qualquer referência cientificista. O autor ainda nos direciona a pensar que a literatura, em geral, e a tragédia, em particular, sempre foram fontes inesgotáveis para o imaginário teórico de Freud. Um exemplo é *Gradiva*, de Jensen (1907). Cabe registrar, no entanto, que, segundo Birman (2019), não só a literatura foi importante nas produções teóricas de Freud; outras produções também foram objeto de estudos: a arte – *Moisés*, de Michelangelo (1914) – e os artistas – *Uma lembrança de infância*, de Leonardo da Vinci (1917).

Em algumas de suas articulações entre psicanálise e arte, podemos dizer que Freud chegou a interpretar, a partir da perspectiva da obra, o inconsciente do artista. É o que podemos ver no exemplo do texto sobre Leonardo da Vinci, ou até mesmo em *O caso Schreber: notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia* (Freud, 2002 [1911]). Contudo, não é sobre esse viés que esta pesquisa pretende discorrer.

Como bem pontua a psicanalista Heloísa Caldas (2007), Lacan (1965), no texto “A ciência e a verdade”, modifica a correlação freudiana entre histeria e arte, cuja operação subjacente era o recalque. Ao desligar a arte da operação do recalque e compreendê-la a partir de uma produção de um objeto, sem estar vinculada a uma verdade recalcada, Lacan retira a arte da classificação em função das operações do inconsciente e altera a forma de relação até então existente entre a psicanálise e a arte. A partir de então, a interpretação de uma obra de arte não deve buscar a subjetividade do autor.

Quando se interpreta um objeto de arte, sempre se erra o alvo, pois não é em razão de seu efeito de sentido que se pode considerá-lo artístico. Dito de outro modo, a interpretação psicanalítica da arte fracassa por não levar em conta que a função do objeto independe de sua significação. A arte começa onde o que não pode ser dito é mostrado ou exibido (Caldas, 2007, p. 39).

Diferentemente da demanda pulsional neurótica, que na transferência se dirige a um sujeito suposto saber buscando uma decifração de seu sintoma, na sublimação a transferência não é o vetor, o artista não demanda decifração. Se o sintoma do artista surge na sua obra, isso não se torna uma questão para ele, segundo Caldas (2007), porque o artista faz de seu sintoma produto e lança-o no mundo. A psicanalista ainda relembra que o interesse de Lacan pela literatura de Joyce se deu justamente pelo fato de que o texto deste se tratava de um produto não analisável, um texto convertido em objeto de arte.

Inclinar-se sobre uma obra de arte, numa pesquisa em psicanálise, não se faz sem uma análise da contingência. Se pensarmos que toda obra de arte contém traços da cultura em que está inserida, o analista reflete sobre quais contingências sustentam determinada singularidade, obra, fato, acontecimento. Fazer a análise de uma obra de arte é fazer uma leitura da cultura, dos sintomas de um tempo, sem se afastar, sobretudo, da singularidade da operação artística (Marsillac; Bloss; Mattiazzi, 2019).

Seguindo na discussão das relações entre psicanálise e literatura, campo artístico ao qual

esta pesquisa se inclina, acompanho Rafael Villari (1997) em seu texto a respeito das relações possíveis e impossíveis entre esse campo de intertextualidade e seus efeitos de produção. O autor aborda que, num viés de relação aditivo, a psicanálise se apresenta enquanto instrumento de investigação do texto literário, convocada a tecer interpretações a partir da sua teoria, buscando desvelar sentidos ocultos presentes na obra, supondo a noção de “inconsciente do texto literário” (Villari, 1997, p. 120). Paradoxalmente, numa relação extrativa, a psicanálise estaria interessada em resgatar do texto literário elementos que pudessem relançar a elaboração teórica do seu campo, chamando a literatura para dizer aquilo que a própria psicanálise não alcança.

É sob a perspectiva desta última relação, a extrativa, que o autor vai lançar seu olhar, apontando-nos para o equívoco de pensar que “o texto teria, ele próprio, um inconsciente, quando na verdade o texto diz na medida em que é lido” (Villari, 1997, p. 121). Tomar o texto a partir dessa relação acarreta, inevitavelmente, convocar a figura do leitor, uma vez que através dele o texto fala e, ademais, através dele o próprio texto é introduzido nas possibilidades de análise. Nesse sentido, Villari (1997, p. 122) nos convida a deslocar a ideia de “trabalho inconsciente da escrita” para propor um “trabalho inconsciente de leitura” e as possibilidades que essa leitura tem através de uma outra escrita. O autor faz, assim, uma analogia ao desejo do analista, propondo pensar a transmissão do desejo do escritor, entendendo que “a leitura possível aponta para a transmissão do relançamento da escrita enquanto escritura” (Villari, 1997, p. 121).

Retomando a pesquisa que proponho realizar, importa acrescentar que o trabalho com a literatura e a psicanálise parece se localizar na relação possível da utilização do texto literário no interesse da teoria psicanalítica (Villari, 1997). Tal relação

[...] posiciona o sujeito, enquanto leitor, para o conhecimento, colocando-o no lugar do não sabido, da falta perante o texto. Com isso, podemos dizer que aquilo que nos parece poder ser questionado não é o texto literário a partir da Psicanálise, mas seu inverso, a Psicanálise a partir da Literatura. Esse posicionamento acarreta, através do texto literário, um questionamento do saber da Psicanálise, buscando nas palavras dos escritores aquilo que não alcançamos dizer (Villari, 1997, p. 123).

A partir dessa proposta, o pesquisador em psicanálise se coloca em uma posição de “ignorância”, pois não se trata de um exercício de aplicação da psicanálise, mas da procura de um bem-dizer, supondo, assim, o privilégio do saber na produção literária e vendo como aqueles que sabem o que fazer com a escrita circunscrevem o real com palavras. O dispositivo da transferência entra como mediador da relação estabelecida, uma vez que as exigências metodológicas se impõem

na pesquisa tal como se impõem na clínica. Dos efeitos que o encontro com a literatura proporciona, a possibilidade de alcançar o real⁷ através do simbólico⁸ e do imaginário⁹ abre caminhos para o conhecimento. Esse encontro, ainda que sempre falho, convida-nos a dizer sobre o lido, a fazê-lo falar e produzir saberes; produção decorrente de uma experiência em que o sujeito está necessariamente implicado (Elia, 2000; Villari, 1997).

Por fim, a pesquisa acadêmica em psicanálise possibilita uma releitura da teoria e a introdução de novos sentidos, uma vez que não há uma verdade incondicional quando se tem o inconsciente como objeto de análise (Neto; Moreira, 2010). Este, não se revelando de maneira total, permite ao pesquisador construir apenas saberes parciais: “Trabalhar sobre esse real implica mudar o enquadre da realidade discursiva sobre o tema analisado” (Guerra, 2001, p. 92).

⁷O real lacaniano pode ser compreendido como aquilo que ainda não foi simbolizado, resta ser simbolizado, ou até resiste à simbolização. Ao neutralizar o real, o simbólico cria a realidade, entendida como aquilo que é nomeado pela linguagem e que pode, portanto, ser falado e pensado. Conforme aponta Fink (1998), o real não existe, ele existe, uma vez que precede a linguagem. Ele existe fora ou separado da nossa realidade.

⁸Termo introduzido por Lacan que distingue no campo da psicanálise três registros essenciais: simbólico, imaginário e real. O simbólico representa a ordem de fenômenos de que trata a psicanálise, na medida em que são estruturados como linguagem. A noção de simbólico aproxima a estrutura do inconsciente à da linguagem, partindo do pressuposto de que o sujeito humano se insere numa ordem pré-estabelecida, que é de natureza simbólica (Laplanche, 1992).

⁹O registro imaginário é caracterizado pela preponderância da relação com a imagem do semelhante.

2 FEMINILIDADE: OS CAMINHOS DO ÉDIPO

Corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é [...], mas, sim, pesquisar como ela se torna mulher.

(Freud, 2019 [1933], p. 318)

A proposta de trabalho neste capítulo gira em torno de acompanhar as transformações conceituais de Freud acerca da constituição psíquica e da sexualidade femininas. A feminilidade, ao longo da obra freudiana, vai passar de um resultado não patológico destinado às mulheres ao final do complexo de Édipo para uma condição presente em ambos os sexos e já não mais atrelada ao referencial fálico. Esse percurso conceitual de Freud pode ser dividido essencialmente em dois tempos: o 1º tempo, de 1905 a 1920, quando a sexualidade feminina é pensada a partir do modelo masculino – monismo sexual; e o 2º tempo, a partir de 1924-1925, quando Freud atribui à sexualidade das mulheres uma especificidade própria: o devir feminino (Almeida, 2012).

2.1 O primeiro tempo

[...] Ilaria tem três anos, talvez menos. Eu a vi como era naquele momento, sete anos, odiosa e amada na entrada de casa, e como fora havia apenas quatro anos na sala de estar, menina atormentadora, duas Ilarias e uma só. A menina de antigamente está deitada no sofá, de bruços, mas as pernas não estão esticadas, está de joelhos. Está usando um vestidinho vermelho, calcinha branca, é verão. Paro na soleira da porta, ela não percebe minha presença, acho que não. Afunda o queixo na almofada verde, o olhar velado nos olhos redondos arregalados, as bochechas avermelhadas, os cabelos colados na testa suada. Os braços cruzados perdem-se embaixo da barriga, sobem e descem com esforço, ela arqueja. Percebo que está se empenhando com as duas mãos sobre o sexo. Movimenta-se como uma aranha avermelhada, ferida, últimos espasmos. Sinto vergonha dela, sei que as crianças se masturbam, sou uma mãe de boas leituras. Mas mesmo assim me envergonha. [...] Pequena máquina de carne rósea, toca frenética em si mesma como eu devo ter feito na idade dela.

(Ferrante, 2017a, p. 131-132)

O trecho de Ferrante (2017a) transcrito acima faz parte de uma antologia autobiográfica

que reúne cartas, entrevistas, entre outros textos da autora, e que aproxima o leitor dos caminhos percorridos por ela na criação de suas histórias. O excerto transcrito não fora publicado no livro *Dias de abandono* (2016b) com a justificativa de que a cena da criança se masturbando no sofá e sendo observada pela mãe mais parecia, conforme a autora, um manual de divulgação de psicanálise. É curioso pensar que, no mesmo parágrafo em que ela confessa eliminar tal trecho para fugir dos lugares-comuns que a psicanálise constrói acerca da realidade psíquica, Elena Ferrante confia aos leitores que o excluiu com muita dor: “porque o que eu estava contando era algo meu, eu tinha me esforçado para escavá-lo e dar-lhe uma forma, sentia pena de desperdiçá-lo [...]” (Ferrante, 2017a, p. 131).

Para inaugurar este capítulo, escolhi a cena com o devido cuidado de que não aparecesse apenas para ilustrar a teoria freudiana, mas, sobretudo, para que pudéssemos ter notícias de que tais questões trazidas por Freud há um século ainda se manifestam nos sujeitos da atualidade, nas suas intimidades, ou não, pelas mais variadas vias de expressão da sexualidade humana. Nesse sentido, a apresentação da cena da masturbação de Ilaria me pareceu uma ótima forma de ilustrar a teoria freudiana acerca da sexualidade infantil.

O primeiro tempo freudiano é, sobretudo, marcado pelo texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 2016 [1905]). Essa obra, por conter uma série de cisões conceituais no pensamento dominante do final do século XIX e do início do XX, é considerada um marco fundamental da psicanálise. Nela, Freud (2016 [1905]) vai deslocar o sexual do registro da biologia para pensá-lo como uma instância das representações psíquicas. O autor introduz o conceito de pulsão, diferenciando-o da noção de instinto, e propõe que a finalidade da sexualidade não é a reprodução, e sim o prazer.

Ainda nesse texto, Freud (2016 [1905]) vai apresentar uma das afirmações mais polêmicas da psicanálise: a existência da sexualidade infantil, de característica perversa e polimorfa. É também nele que Freud (2016 [1905]) enunciará o postulado da bissexualidade humana, expondo a tese de uma libido única de caráter masculino. Ao pensar a sexualidade a partir da pulsão, e não mais do instinto, Freud a retira da esfera do determinismo anatômico, ocasionando refletir sobre a diferença sexual fora da lógica de complementaridade entre os sexos.

Faço questão de citar o texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, pois é nessa obra que Freud (2016 [1905]) vai propor as bases essenciais para a sua concepção de feminilidade. Nesse período, no que diz respeito à sexualidade feminina, a teoria freudiana ainda reforçava o

pensamento dominante do século XX, vinculando a construção dos gêneros à diferença anatômica entre os sexos (Almeida, 2012). Foi uma época teórica em que o entendimento acerca da construção da sexualidade se fundava na ideia de um monismo sexual, referenciado apenas pelo reconhecimento do órgão sexual masculino, o pênis. O monismo sexual freudiano não pressupõe a inexistência da diferença sexual, mas coloca a sexualidade feminina e o órgão sexual feminino sempre a partir do referente masculino. Assim, nesse referido texto, Freud postula a sexualidade feminina em simetria com a masculina por três aspectos principais: pela anatomia (clitórís e pênis); pela pulsão (de essência ativa e masculina, presente na masturbação); e por uma teoria que sustenta que todos os seres humanos têm um pênis.

Em 1923, Freud escreve uma adição e propõe três modificações no texto original, de 1905, argumentando a necessidade de reparar o que chama de “negligência” no campo do desenvolvimento sexual infantil: a diferença entre a vida sexual das crianças e a dos adultos; a importância da organização pré-genital; a importância das teorias sexuais infantis e dos seus efeitos sobre a sexualidade do adulto (Kehl, 2016).

Nesse escrito, Freud mantém como referencial o monismo sexual na organização genital infantil, nomeando esse período como o primado do falo, tendo em vista que para a criança apenas o genital masculino possui um papel. Segundo explica Freud (2019 [1923]), as meninas, de maneira lenta e afetiva, chegam à conclusão de que um dia tiveram um pênis, mas que depois este foi removido. Essa falta será considerada, de acordo com o autor, consequência da castração, e a criança terá que se confrontar com a tarefa de se haver com ela.

Levando em conta que as crianças entendem a castração como um castigo, a falta do pênis nas mulheres não é algo que será generalizado a todas as pessoas do sexo feminino. No olhar das crianças, apenas as pessoas do sexo indigno são castradas. A mãe, enquanto alguém respeitável, é uma das pessoas que terá o seu pênis conservado por um período. Posteriormente, quando a criança se der conta de que só as mulheres podem dar à luz, a mãe será aquela que também perdeu o pênis. Nesse sentido, durante esse período teórico freudiano, o genital feminino nunca é descoberto pela criança.

Seguindo na leitura de Freud, no 2º tempo (1924-1925), o autor vai reconhecer as lacunas da compreensão do desenvolvimento psicosssexual nas meninas: “De modo geral, no entanto, precisamos admitir que nossa compreensão desses processos de desenvolvimento na menina é insatisfatória, lacunar e vaga” (Freud, 2019 [1924], p. 254).

Essa confissão declara uma importante mudança de rota na pesquisa a respeito da sexualidade feminina. Se antes Freud pensava que o complexo de Édipo se dava para a menina de forma similar ao menino, no 2º tempo, ciente das lacunas que essa teoria apresentava, propõe-se a pensar que o desenvolvimento da sexualidade de meninos e meninas é tomado por um caminho diferente.

2.2 O segundo tempo

Lembrei-me de uma frase recorrente da minha mãe. “Pare ou te corto as mãos”, dizia quando tocava seus materiais de costureira.

(Ferrante, 2017b)

No texto “O declínio do complexo de Édipo”, Freud (2019 [1924]) constata que o desenvolvimento sexual da criança avança até uma fase denominada fálica, na qual o genital assume o papel principal. Na fase fálica, a criança volta o seu interesse ao genital de maneira a manipulá-lo reiteradamente, comportamento com o qual os adultos não estão de acordo. É nesse momento que, geralmente, apresenta-se a ameaça de castração por parte do cuidador, de maneira mais ou menos clara, de que lhe será tirada essa parte, tão ativamente valorizada pela criança. Pela ameaça de castração parece a organização genital fálica da criança. Faz-se importante ressaltar ainda que Freud (2019 [1924]) localiza esse período do desenvolvimento enquanto simultâneo ao complexo de Édipo.

Apesar das ameaças, é comum que a criança não acredite nelas até a constatação do genital feminino. Tal constatação é sentida pelo menino como uma ameaça de castração e vai ser fundamental para que ele possa largar o seu objeto de desejo – a mãe –, para identificar-se com o pai, culminando na dissolução do complexo de Édipo. É possível perceber, ao longo do texto, que Freud (2019 [1924]) vai, até então, trabalhando o declínio do complexo de Édipo sob a perspectiva do menino, concluindo que este sucumbirá a partir da ameaça de castração. Mas, ao se propor a explicar como se realiza tal processo de desenvolvimento na menina, declara que “[...] o nosso material se torna – incompreensivelmente – muito mais obscuro e lacunar” (Freud, 2019 [1924], p. 252).

A partir das lacunas, as rotas de pesquisa de Freud a respeito da sexualidade feminina se alterarão. Freud reconhece a existência da fase fálica na menina, bem como o complexo de Édipo,

a formação do Supereu e o período de latência. Mas localiza, no momento do reconhecimento da diferença sexual, o período singular que fará com que o menino e a menina atravessem o complexo de castração de maneiras distintas.

Ao constatar a diferença, a menininha não entende a falta como de natureza sexual; ela a explica com a suposição de que um dia possuiu um membro igualmente grande, mas que o perdeu pela castração. Seguindo o que expõe Freud (2019 [1924]), ainda que se saiba já castrada, a renúncia ao pênis não é tolerada pela menina, fato que a leva a deslizar-se do desejo de um pênis ao desejo de um bebê do pai. Nessa equação simbólica pênis-filho, a menina busca no pai uma tentativa de compensação, através do desejo de um filho. Esse seria o ápice do complexo de Édipo na menina e, segundo Freud, culminaria em um lento abandono ao não se realizar. Freud, entretanto, ressalta que, ainda que nunca realizados tais desejos – de ter um pênis e um filho do pai –, estes permanecerão fortemente investidos no inconsciente da menina e ajudarão a preparar o ser feminino para seu futuro papel sexual. Nesses termos, a principal conclusão que Freud (2019 [1924]) vai apresentar residirá no complexo de castração: enquanto a menina aceita a castração como um fato consumado, o menino a teme pela possibilidade de consumir o seu desejo pela mãe.

No ano seguinte da publicação de “O declínio do complexo de Édipo”, Freud vai lançar o artigo “Algumas consequências psíquicas das distinções anatômicas entre os sexos” (Freud, 2019 [1925]). De maneira geral, esse artigo segue a linha da teoria freudiana até então exposta a respeito das divergências no desenvolvimento sexual entre meninos e meninas, mas nele o autor adiciona um novo item na vida sexual das menininhas: a inveja do pênis.

Freud admite que, até aquele momento, havia tomado o sexo masculino enquanto um referencial em suas pesquisas sobre a vida sexual das crianças. Apesar de saber que havia algo diferente no desenvolvimento da menina, ele assume que não conseguia localizar em qual ponto de distinção esse algo residiria. A respeito do complexo de Édipo nas meninas, o autor ainda não sabia explicar como a menininha abandonava a mãe para tornar o pai seu objeto de desejo. Para ele, as respostas acerca desse deslocamento estariam na pré-história da relação edípica da menina (Freud, 2019 [1925]).

A pré-história do complexo de Édipo nas meninas é caracterizada como uma fase bastante longa, marcada pela atividade masturbatória da criança. A fase fálica na menina compreende tanto a exploração da própria zona genital quanto a descoberta do pênis do coleguinha ou do irmão. Nesse momento da pré-história edípica, há importantes consequências psíquicas para essa criança,

uma vez que a menina descobre um órgão de maior proporção e imediatamente identifica-o como um correspondente superior ao clitóris. A partir da descoberta do pênis pela menina, ela “cai vítima da inveja do pênis” (Freud, 2019 [1925], p. 264).

Aqui, a diferença entre os sexos reside em que, em relação ao menino, que reconhece a diferença sexual apenas a partir da ameaça de castração (o menino até pode ter tomado conhecimento da região genital da menina, todavia essa constatação só terá efeito posteriormente à ameaça de castração), a menina, no instante em que se depara com a diferença anatômica, já se mostra preparada para o seu julgamento e a sua decisão: “Ela o viu, sabe que não tem e quer tê-lo” (Freud, 2019 [1925], p. 264).

Ao constatar a inferioridade do seu órgão, a menina enfrentaria uma formação reativa ao que Freud (2019 [1925]) denomina “complexo de masculinidade da mulher”, momento de extrema relevância para o desenvolvimento predeterminado da feminilidade e que, se não superado, poderá trazer grandes dificuldades à vida da mulher. O complexo de masculinidade bifurca-se em duas possibilidades: na esperança que a menina nutre de algum dia ter um pênis e, enfim, igualar-se ao homem; ou na recusa em aceitar a castração, reforçando a ideia de que possui um pênis, agindo, na sequência, como se fosse um homem.

Além do “complexo de masculinidade”, Freud (2019 [1925]) segue, no texto, apresentando algumas outras consequências psíquicas da inveja do pênis: um sentimento de inferioridade, como uma ferida narcísica, ou o compartilhamento com os homens do sentimento de menosprezo pelo seu sexo reduzido, insistindo aí numa ideia de igualdade com o homem. Em seguida, o autor expõe a teoria de que o ciúme também pode ser considerado um produto residual da inveja do pênis, ainda que reconheça que esse sentimento não seja exclusivo de apenas um sexo. Acredita, contudo, que nas mulheres o ciúme tenha um papel muito maior. Outra consequência seria o afrouxamento da relação terna entre a menina e a mãe, uma vez que a criança responsabiliza a mãe por ser insuficientemente dotada.

Seguindo à apresentação das consequências psíquicas pela inveja do pênis, Freud (2019 [1925]) vai abordar a atividade masturbatória das crianças. Nesse ponto, ele confessa ter a impressão de que as mulheres suportam piormente a masturbação do que os homens. Aqui reside um ponto interessante do texto: Freud (2019 [1925]) reconhece que a masculinidade e a feminilidade são traços que estão mesclados em todos os indivíduos humanos e que não são exclusivos e produtos da constituição anatômica. Em sua teoria, a atividade masturbatória

configurar-se-ia enquanto masculina e, para que haja um deslocamento em direção à feminilidade, a sexualidade clitoridiana deveria, como condição, ser eliminada. Em seguida, o autor identifica um abandono da atividade masturbatória da menina simultâneo à inveja do pênis, alegando, portanto, que tal abandono não estaria somente ligado à influência de uma educação repressora.

O abandono da masturbação clitoridiana na menininha é explicado por Freud (2019 [1925]) como uma reação à constatação da impossibilidade de competir com o menino. Assim, o conhecimento da diferença anatômica entre os sexos força a menininha a se afastar de uma atividade caracterizada por Freud como masculina para, então, encontrar novas vias que a levarão para o desdobramento da feminilidade.

Convém pontuar que, até o momento, o que foi exposto a respeito do texto refere-se à pré-história edípica da menina: fase fálica, complexo de castração, inveja do pênis, complexo de masculinidade etc. A entrada no complexo de Édipo por parte das meninas vai se dar pelo deslizamento ao longo da equação simbólica já mencionada anteriormente por Freud: pênis = criança. A menininha, abandonando o desejo do pênis, coloca em seu lugar o desejo de uma criança e, a fim de realizar essa intenção, faz do pai o seu objeto de amor. A partir de então, a mãe se torna um objeto de ciúme para essa criança. Diante da não realização de seu desejo, nem de ter um pênis, nem de ter um filho do pai, a criança vai abandonando lentamente a *ligação* e dando lugar a uma *identificação* com este, retornando ao complexo de masculinidade, no qual eventualmente se fixa.

Em resumo, na obra de 1925, Freud reconhece a importância da pré-história edípica das meninas no que respeita à compreensão do seu desenvolvimento sexual. Afirma que o complexo de Édipo é uma formação secundária nelas, precedida e preparada pelo “complexo de castração”. “Enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração” (Freud, 2019 [1925], p. 269).

Outra diferença importante de ser aqui mencionada é que Freud (2019 [1925]) destaca que o complexo de Édipo nos meninos não é simplesmente recalçado, ele é dissolvido, despedaçado pelos impactos da ameaça de castração. No menino, os investimentos são abandonados, dessexualizados, seus objetos são incorporados ao Eu, formando o núcleo do Supereu. Num caso ideal, ao final do complexo de Édipo no menino, não há nada recalçado no inconsciente, e o Supereu fica como seu herdeiro. Já na menina, falta motivo para esse despedaçamento do complexo de Édipo. A castração já surtiu seu efeito ao forçar a criança a entrar no Édipo. Ocorre nas meninas que o complexo de Édipo é abandonado pela não realização de seus desejos; assim, ele

é abandonado de forma lenta, podendo ser resolvido por recalçamento ou deslocando seus efeitos pela vida anímica normal da mulher.

Tal constatação justificaria o fato de o Supereu da mulher não ser tão implacável, impessoal e independente como o do homem. Por fim, Freud admite que a maioria dos homens está aquém do ideal masculino e justifica que isso se deve à constituição bissexual dos humanos, uma vez que “a pura masculinidade e a pura feminilidade são construções teóricas de conteúdo incerto” (Freud, 2019 [1925], p. 271).

É interessante ver o movimento freudiano em direção à diferenciação dos processos no desenvolvimento sexual das meninas e dos meninos, uma vez que, ao mesmo tempo que ele sai do referencial masculino para explicar a constituição psíquica, também vai admitindo que a masculinidade e a feminilidade são características presentes em todos os indivíduos. Todavia, nessa época, Freud ainda mantinha nessa lógica a prevalência de uma linearidade entre anatomia e gênero naquilo que considerava um desenvolvimento “normal”.

Seguindo na ordem cronológica dos textos e do desenvolvimento da teoria da feminilidade, Freud publica, em 1931, “A sexualidade feminina”. Nesse artigo, ele desenvolve, sobretudo, a ideia de como se dá a separação entre a menininha e a sua mãe para voltar-se ao pai, visto que reconhece a mãe como o primeiro objeto de amor tanto do menino quanto da menina. “Como, quando e por que ela se desliga da mãe?”, escreve Freud (2019 [1931], p. 285).

No texto de 1925, Freud já havia reconhecido que o desenvolvimento da sexualidade feminina se complicava na tarefa de abandonar o clitóris, considerado até então a zona genital mais importante, para atentar à nova zona: a vagina. Mais tarde, no texto de 1931, o autor vai adicionar como outra etapa primordial do desenvolvimento da mulher a troca do objeto primário de amor da mãe para o pai. No menino, Freud (2019 [1931]) reconhece a facilidade da compreensão do desenvolvimento, uma vez que o objeto primário de amor permanece no complexo de Édipo. Mas, para que a menininha possa percorrer seu caminho com destino à feminilidade, há de haver esse abandono do objeto primário de amor, que, assim como apresentará Freud, será permeado de hostilidade e ambivalências.

O que antes era nomeado “pré-história da menininha”, Freud (2019 [1931]) passa a denominar “fase pré-edípica da mulher”, período determinado por uma intensa ligação da menininha com a mãe e reconhecido também como um período negativo do complexo de Édipo. Durante essa fase, o pai é, para a menina, nada além de um rival incômodo. Nesse ponto da

discussão, o autor faz uma importante constatação a respeito do desenvolvimento de sua teoria: “Há muito tempo abandonamos todas as expectativas de um paralelismo claro entre o desenvolvimento masculino e o feminino” (Freud, 2019 [1931], p. 287).

Eis que Freud levanta a hipótese de esse período pré-edípico da menina ser tão obscuro para sua compreensão justamente porque, nas análises com mulheres, a relação transferencial com suas pacientes lembrava o vínculo que elas tinham com seus pais. Reconhecendo os limites de suas descobertas, o autor segue apresentando suas hipóteses em relação a essa fase de intensa ligação entre a mãe e a menininha: uma íntima relação com a etiologia da histeria e o gérmen da futura paranoia na mulher (o medo de ser devorada pela mãe pode corresponder a uma hostilidade que a criança desenvolverá contra ela) (Freud, 2019 [1931]).

É nesse texto que Freud desenvolverá os três destinos diferentes da mulher a partir do complexo de castração. O primeiro é quando elas, ao confrontarem-se com a genitália do menino, sentem-se insatisfeitas com o clitóris e desistem de sua atividade masturbatória, bem como, de maneira geral, de sua sexualidade e, em boa parte, de sua masculinidade. A segunda possibilidade é a de aferrarem-se à sua masculinidade ameaçada pela constatação da diferença sexual, mantendo a esperança de voltar a ter um pênis até épocas incrivelmente tardias. Sobre esse complexo de masculinidade nas mulheres, Freud (2019 [1931]) sugere a possibilidade de terminar em uma escolha de objeto homossexual manifesta. O terceiro e último destino possível seria a configuração feminina final, na qual a menina tomaria o pai como objeto de amor, encontrando a forma feminina do complexo de Édipo. Desse modo, conclui então que o complexo de Édipo na mulher é resultado de um longo desenvolvimento, cuja dissolução não sofre influências da castração, pelo contrário: o complexo de Édipo dificilmente é superado pela mulher.

Seguindo nesse raciocínio, Freud (2019 [1931]) atesta a importância dessa ligação pré-edípica da menina com a mãe, afirmando que muitos fenômenos da vida sexual feminina que antes eram tidos como incompreensíveis pudessem encontrar seu esclarecimento se remetidos a essa fase:

Por exemplo: há muito tempo percebemos que muitas mulheres que escolheram seu marido segundo o modelo do pai, ou que o colocaram no lugar do pai, repetem, no casamento com ele, sua má relação com a mãe. Ele devia herdar a relação dela com o pai e, na verdade, herda a relação com a mãe. [...] De fato, a transposição de ligações afetivas da mãe como objeto para o pai como objeto constitui o conteúdo principal do desenvolvimento que levou à feminilidade (Freud, 2019 [1931], p. 292).

Ao especular a respeito da hostilidade presente na relação da menina com a mãe, ele (Freud, 2019 [1931]) argumenta que tal posição hostil não deriva da rivalidade vivenciada no complexo de Édipo, mas da fase anterior, pré-edípica. Obstina-se a investigar quais mecanismos foram eficazes para afastar a menininha da mãe, tendo em vista a existência anterior de uma relação tão intensa e exclusiva. Feitas suas suposições, o autor sugere a possibilidade do ciúme de outras pessoas, como a existência de um irmãozinho, por exemplo.

Um outro motivo mais específico para o afastamento em relação à mãe seria o efeito derivado do complexo de castração, o sentimento de sua inferioridade orgânica. Outra proposição apresentada no texto seria o rancor gerado pela proibição da atividade fálica da menina, a masturbação no clitóris; a proibição da masturbação geraria a revolta da menininha contra a pessoa proibidora – em geral, a mãe ou um substituto desta.

O que Freud (2019 [1931]), entretanto, vai destacar como o motivo mais forte do afastamento entre a menina e a mãe será a recriminação feita pela criança por não ter sido concebida com o órgão genital correto; recriminação em razão de a mãe tê-la parido como mulher. Além da hostilidade, Freud (2019 [1931]) também destaca o caráter ambivalente da relação entre mãe e filha, o qual poderia estar entre uma das justificativas de seu afastamento. Retomando, ele suscita outra pergunta: “O que a menininha demanda da mãe?” (Freud, 2019 [1931], p. 298).

De acordo com suas observações analíticas, Freud relata que as metas sexuais da menina em relação à mãe, de natureza tanto passiva quanto ativa, são determinadas pelas fases da libido as quais a criança está atravessando (cabe destacar aqui que ele associa a atividade à masculinidade, e a passividade, à feminilidade). As primeiras vivências sexuais que as crianças experimentam são passivas em relação à mãe, que amamenta e cuida. Durante seu desenvolvimento, enquanto uma parte da sua libido fica presa a essas experiências, outra parte tende a se manifestar de modo ativo.

Uma das manifestações da mudança da passividade para a atividade na menininha pode ser observada nas brincadeiras infantis, quando ela reproduz de modo ativo suas experiências passivas: “‘Agora vamos brincar que eu sou a mãe e você é a filha’, mas quase sempre ela realiza esses desejos ativos de maneira indireta, brincando com a boneca, ocasião em que ela representa a mãe, assim como a boneca, a filha” (Freud, 2019 [1931], p. 300). Freud (2019 [1931]) vai associar a predileção das meninas por bonecas com o despertar precoce de um sinal da feminilidade. No caso da brincadeira, a expressão da atividade da feminilidade pode ser um indicativo da relação

exclusiva com a mãe e da total negligência do pai enquanto objeto de amor.

De volta à questão sobre o afastamento da menininha em relação à mãe, Freud (2019 [1931]) destaca que, junto à mudança de objeto de amor, percebe-se também na menina uma diminuição das moções sexuais ativas e o surgimento das passivas. A atividade masturbatória cessa, e há recalçamento da masculinidade. A troca de objeto para o pai é realizada através das moções passivas, e “o caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora livre para a menina, desde que não seja limitado pelos restos da superada ligação pré-edípica à mãe” (Freud, 2019 [1931], p. 303).

A última publicação de Freud a respeito da feminilidade intitula-se, justamente, “Feminilidade”. Escrito em 1932 e proferido em 1933, o artigo faz parte da Conferência XXXIII e abrange, em seu conteúdo, todo o desenvolvimento teórico, bem como os achados clínicos que o psicanalista desenvolveu acerca da sexualidade feminina até então. Não há muita distinção do que foi apresentado no artigo “A sexualidade feminina” (Freud, 2019 [1931]); todavia, dá maior ênfase à importância da relação pré-edípica no desenvolvimento da sexualidade feminina e às consequências da *penisneid*¹⁰ na vida da mulher. Nesse referido texto, se dá, contudo, uma reformulação teórica importante a respeito da característica da libido, agora considerada nem masculina nem feminina: “Só existe uma libido, que está a serviço tanto da função sexual masculina quanto da feminina. A ela própria não podemos atribuir nenhum sexo” (Freud, 2019 [1933], p. 337).

A partir da Conferência XXXIII, percebe-se que Freud assume de uma forma mais decidida a proposta de pensar o feminino e o masculino enquanto constituintes de ambos os sexos, atentando

[...] para o fato de que partes do aparelho sexual masculino também são encontradas no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e o mesmo ocorre no outro caso. [...] a ideia de que a proporção a partir da qual masculino e feminino se mesclam no indivíduo sofre oscilações extraordinárias (Freud, 2019 [1933], p. 315).

Sobre a associação entre masculinidade/atividade e feminilidade/passividade, há, aqui, um novo apontamento freudiano. Ele sugere, a partir da publicação de 1933, pensar a feminilidade

¹⁰ A *penisneid* refere-se à inveja do pênis. Freud vai desenvolver em sua teoria que a *penisneid* é o motor que levará a menina a entrar no complexo de Édipo e a buscar o seu caminho para a feminilidade.

enquanto uma preferência por metas passivas, ponderando, todavia, que é preciso uma grande porção de atividade para que uma meta passiva se estabeleça. Além disso, argumenta que levemos em consideração a influência das normas sociais que empurram a mulher para situações passivas, forçando-a a reprimir seus impulsos agressivos e favorecendo a formação de moções masoquistas. Adverte, contudo: “Mas, se vocês encontrarem o masoquismo em homens, como é frequente, o que lhes resta senão dizer que esses homens apresentam traços femininos muito evidentes?” (Freud, 2019 [1933], p. 318).

Na Conferência XXXIII, Freud repete muitas das proposições já expostas, mas se debruça, sobretudo, sobre a questão entre a separação da menininha e a sua mãe, na fase pré-edípica. Esclarece que o desenvolvimento da menininha até a mulher normal é o mais difícil e complicado porque ele inclui duas tarefas, com as quais os meninos não precisam se ocupar. Ele, portanto, retoma tais tarefas, acentuando que a primeira seria a troca do clitóris para a vagina, naquilo que ele mesmo nomeia como uma “viragem para a feminilidade” (Freud, 2019 [1933], p. 321); já a segunda troca consistiria no abandono do primeiro objeto de amor da criança, a mãe, para, enfim, voltar-se ao pai.

A relação entre a menina e a mãe é considerada por Freud tão importante que o autor chega a afirmar que não é possível entender a mulher sem ter em conta essa fase da ligação pré edípica com a mãe. Nela, o pai da criança não é nada além de um rival incômodo, como já elucidado anteriormente, e, em alguns casos, a ligação com a mãe vai além do quarto ano de vida da criança. Nesse sentido, quase tudo o que se encontra mais tarde na ligação da menina com o pai já estava presente anteriormente na relação desta com a mãe, em termos de intensidade e complexidade.

Tendo em vista essas considerações, o que, então, põe fim a essa poderosa ligação da criança com a mãe? Nessa fase do desenvolvimento da menina, não se trata de uma simples troca de objeto. É, contrariamente, um afastamento que ocorre sob muita hostilidade, um ódio que poderá se tornar extremo e durar a vida toda; “uma parte dele, via de regra, é superada, e outra parte persiste” (Freud, 2019 [1933], p. 325).

Quando a menina se dá conta da diferença sexual, a partir da visão do outro genital, imediatamente percebe-se castrada; “ela se sente gravemente prejudicada e muitas vezes declara que gostaria de ‘também ter algo assim’, e cai vítima da inveja do pênis [*penisneid*], que deixa marcas indelévels em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter [...]” (Freud, 2019 [1933], p. 329).

Freud escreve então que o descobrimento da sua própria castração é um ponto de viragem no desenvolvimento da menina, pois é a inveja do pênis o fator motor que levará a criança, a partir da equação simbólica pênis = filho, a voltar-se ao pai enquanto objeto de amor.

O desejo com o qual a menina se volta para o pai é, sem dúvida, originariamente, o desejo do pênis que a mãe lhe negou, e que ela agora espera do pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho, portanto, se o filho entrar no lugar do pênis, de acordo com uma velha equivalência simbólica (Freud, 2019 [1933], p. 333).

Ocupando lugar central no desenvolvimento da sexualidade feminina e suas múltiplas consequências, a *penisneid* não se resume apenas à inveja do pênis ou à recusa da castração feminina. Adverte-nos Miranda (2017) de que a *penisneid* é uma questão que percorre toda a obra freudiana; é o ponto central de onde Freud desenvolve a relação entre o ódio à mãe e o desejo de falo.

Finalmente, no texto “Análise finita e infinita” (Freud, 2019 [1937]), a feminilidade apresenta-se enquanto algo conceitual e constitutivo dos sujeitos, sejam homens ou mulheres. Ao abordar os desafios de final de análise, Freud trata de dois temas que dão especialmente trabalho ao analista. Ambos estão relacionados entre si pelas diferenças de gênero. Seriam eles: a inveja do pênis na mulher e a aversão do homem à postura passiva para com outro homem. Tais questões estão referidas ao complexo de castração e representam uma recusa da feminilidade.

Dito de outro modo, a recusa da feminilidade estaria, na mulher, relacionada à *penisneid* e, no homem, à angústia da castração. Assim, a feminilidade remeteria o sujeito a uma condição constitutiva anterior à organização fálica e à inscrição da diferença sexual, como explica Almeida (2012). A autora vai afirmar que, a partir do texto de 1937, a feminilidade, para Freud, passa a ser uma experiência de perda dos emblemas fálicos e da falência narcísica, determinante para que os indivíduos se situem enquanto sujeitos sexuados na cultura. Isto exposto, podemos propor que, ao final de sua elaboração teórica, Freud (2019 [1937]) tratou a feminilidade enquanto um conceito-base da constituição do sujeito, e não mais como uma posição referenciada a determinado sexo (Almeida, 2012).

Ainda que Freud tenha apresentado algumas mudanças conceituais ao longo de suas observações clínicas, manteve em sua proposição teórica que, para alcançar a feminilidade dita “normal”, as mulheres precisam recalcar o seu complexo de masculinidade e abandonar a inveja

do pênis, com o propósito de que possam, enfim, deslocar o seu desejo por um falo para desejarem um filho do pai. Não obstante, não é difícil fazer a associação de que o destino para a feminilidade, em Freud, desemboca na maternidade, e tudo aquilo que dela se desviar ganha o *status* de uma sintomatologia neurótica.

Em *Deslocamentos do feminino*, Maria Rita Kehl (2016) aponta que a proposta do recalçamento da masculinidade, a fim de dar lugar à feminilidade, apresenta-se enquanto uma das questões mais contraditórias de Freud, visto que a feminilidade só se sustenta na teoria freudiana enquanto uma estratégia de (re)conquista do falo. Se, no final de suas proposições teóricas, Freud (2019 [1937]) apresenta a feminilidade enquanto uma representação (infantil) da castração, fazendo obstáculo ao final satisfatório das análises de homens e mulheres, a maternidade (busca de um filho na posição de equivalência ao falo) estaria, assim, mais atrelada a uma posição dita masculina – equivalente à posse de uma das versões imaginárias do falo.

A insistência de Freud na manutenção de um ponto enigmático sobre o querer feminino e na representação freudiana da mulher como o continente negro da psicanálise é um ponto de crítica para Kehl (2016). Conforme a autora, o que Freud não queria saber, embora já tivesse revelado ao resto do mundo, é “que a diferença fundamental entre homens e mulheres é tão mínima que não há mistério sobre o ‘outro’ sexo a que um cavalheiro não pudesse responder indagando a si próprio” (Kehl, 2016, p. 154). É que, ao repousar, nos termos do imaginário da diferença sexual, os impasses dos fins de análise, Freud acaba por não discriminar a dimensão imaginária do falo da dimensão simbólica do falo – fator que produz um efeito muito particular no que diz respeito ao lugar da mulher nessa teoria: a portadora da evidência imaginária da falta e cujas possibilidades fálicas permanecem atadas aos limites do corpo.

Nesse sentido, devemos à Lacan alguns avanços em relação à distinção dos planos imaginário e simbólico de representação psíquica, apontando para algo que escape da norma fálica. Vejamos a seguir.

2.3 Do Édipo ao mais além

Entendo que o estudo do complexo de Édipo mostra-se fundamental ao desenvolvimento da minha pesquisa à medida que esta se debruça especificamente sobre o estabelecimento da relação entre a mãe e a criança nos primórdios da vida desta. No primeiro tempo do seu ensino,

Lacan retomou a conceitualização de Freud e deu ênfase à incidência da metáfora paterna como condição para a entrada da criança no mundo simbólico. Acerca da feminilidade, Freud alega que o desenvolvimento da identidade feminina vai depender de como a criança atravessa o complexo de Édipo. Lacan também enfatizará essa saída como propiciadora da identidade sexual da criança, mas localizará a questão *ter ou não ter o falo* como aquilo que a situará na partilha entre os sexos.

Retomarei aqui, em continuidade ao que foi apresentado na seção anterior, a forma como Lacan deu seguimento ao complexo de Édipo freudiano em termos de diferenças e aproximações. Darei maior ênfase às elaborações propostas em *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* e, posteriormente, farei alguns apontamentos sobre as retificações que Lacan propôs ao final do seu ensino, ao incluir a noção de gozo e objeto *a*.

2.3.1 Lacan acompanha Freud

O complexo de Édipo, tanto para Freud quanto para Lacan, consiste na relação inicial que a criança estabelece com a mãe e na interdição que recai sobre essa relação, nomeada de complexo de castração. Para a psicanalista Michele Roman Faria, enquanto Freud relaciona o complexo de castração à questão anatômica (presença/ausência do pênis), Lacan vai atribuir importância à função simbólica do pai e determiná-la enquanto eixo central da problemática edipiana (Faria, 2021).

Conforme Freud elabora a teoria da sexualidade humana, deixa cada vez mais evidente que a condição biológica de um homem e uma mulher não é determinante na identidade sexual de cada um. Isso fica explícito no texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em que ele caracteriza a sexualidade como infantil, perversa e polimorfa. A psicanalista Marie-Hélène Brousse (2019) demarca que a diferença sexual é abordada por Freud pelo binário “identificação/escolha de objeto”, resultante do processo edipiano; e que Lacan liberta a estrutura do mito freudiano edipiano e inscreve nela a fórmula da metáfora, o pai e a mãe enquanto funções: nomeação de um lado, desejo do outro.

Lacan diferencia-se de Freud ao distinguir as vertentes simbólica e imaginária da castração, possibilitando uma relação mais clara entre o dado anatômico e o seu valor simbólico para o sujeito (Faria, 2021). Ele destaca o que há de estrutural no complexo de Édipo, seus elementos estáveis e a relação entre esses elementos, apontando para o atemporal na estrutura do

Édipo. Diferentemente de Freud, Lacan não trabalha com a dimensão imaginária do mito, ou seja, a narrativa ficcional; aponta, mais adiante, que as figuras “pai” e “mãe” são apenas convenções utilizadas para delinear a teoria, mas que podem ser substituídas por aqueles cujo papel desempenha função homóloga.

Em *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, no capítulo “A lógica da castração”, Lacan apresenta a sua teoria sobre a metáfora paterna e retoma o complexo de Édipo freudiano a partir de três tempos. É importante destacar que esses tempos não são cronológicos, e sim lógicos, ou seja, não seguem uma linearidade evolutiva, mas se caracterizam por um efeito de retroação.

No primeiro tempo, o que a criança busca, como desejo de desejo, é satisfazer o desejo da mãe. Quando a criança chora, alguém precisa decifrar do que ela necessita, e essa primeira significação é dada pela mãe ou por quem ocupa essa função. A mãe, nessa fase, é vista pela criança como uma mãe fálica, não castrada; e a criança, aqui, se esboça como *assujeito*¹¹. O que opera é a lei da mãe, uma lei não controlada (Lacan, 1998 [1957-1958]).

A criança, na busca de satisfação, deseja ser o objeto de desejo da mãe, inscrevendo-se no lugar de metonímia da mãe.

O fato de ocupar privilegiadamente o lugar de falo para a mãe introduz a criança num curto-circuito no qual a identificação fálica é, de um lado, o que lhe dá condições de fazer a passagem de um corpo despedaçado a uma unidade do eu; mas, de outro, é também o que mantém a criança em completo assujeitamento diante da onipotência do Outro (Faria, 2021 p. 60).

Em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*, Lacan (1995 [1956-1957]) afirma que não há relação mãe-criança que não esteja em articulação com o falo, por isso não se pode dizer que se trata de uma relação dual, uma vez que o falo se apresenta sempre enquanto um terceiro. No primeiro tempo, o estatuto do falo, para a criança, é da ordem do registro imaginário. Já para a mãe, o falo é, em sua essência, simbólico.

Num segundo momento, a criança começa a perceber os movimentos de presença e ausência da mãe. Temos como exemplo a brincadeira *Fort Da*¹², observada por Freud, que

¹¹Lacan utiliza a expressão *assujeito* na fase em que a criança experimenta e se sente profundamente assujeitada ao capricho daquele de quem depende.

¹²No texto “Mais além do princípio do prazer”, Freud (1920) descreve a brincadeira de carretel do seu neto de um ano e meio de idade durante a ausência da mãe, fazendo-o aparecer e desaparecer. Segundo ele, esse jogo tinha a

representa o esforço da criança para simbolizar esse movimento materno de presença e ausência. As ausências são interpretadas pela criança como da ordem de um enigma, pois, se ela se ausenta, é porque deseja outra coisa (Zalberg, 2003). Entre a distância da pura necessidade e da demanda, o falo¹³ surge como o objeto do desejo da mãe, e o desejo de completar a mãe fará com que a criança busque identificar-se a ele. No início, o desejo da criança é o desejo da mãe (Lacan, 1998 [1957-1958]).

A criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal, e de nada mais. Através dessa simbolização, a criança desvincula sua dependência efetiva do desejo materno da pura e simples vivência dessa dependência e alguma coisa se institui, sendo subjetivada num nível primário ou primitivo. Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode ou não estar presente (Lacan, 1998 [1957-1958], p. 188).

Nessa etapa, o pai intervém, no plano imaginário, como privador da mãe. Nesse sentido, a primeira castração no Édipo evidencia-se como a castração materna, momento em que o pai priva o filho de sua mãe, sendo um obstáculo entre ambos. É importante destacar que a castração materna não representa a castração do sujeito que é mãe, uma vez que a marca da castração materna já existe antes do nascimento de um filho. O que ocorre aqui é que a castração materna adquire valor como tal para a criança, o que se colhe são os efeitos da falta no Outro¹⁴ sobre a própria criança (Faria, 2021). O complexo de Édipo é uma teoria do ponto de vista da criança.

Assim, no segundo tempo, colhem-se os efeitos que se produzem a partir da introdução da lei do pai, aqui ainda imaginariamente concebida pelo sujeito como privadora da mãe. Diante da constatação da falta no Outro, o sujeito desvincula-se da sua identificação fálica e concebe o fato de que a mãe é dependente de um objeto, que já não é o objeto do seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem. Aqui o pai aparece como onipotente, aquele que é o falo.

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu

finalidade de compensar a ausência da mãe.

¹³O falo, como pontua Lacan, é um objeto metonímico. Em virtude da existência da cadeia significante, ele circula de todas as maneiras, como o anel no jogo de passar o anel. A criança, na busca de satisfação, deseja ser o objeto de desejo da mãe, inscrevendo-se no lugar de metonímia da mãe.

¹⁴O Outro para Lacan, escrito com a letra O maiúscula, refere-se a um “lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer” (Lacan, 1988 [1964]).

caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai (Lacan, 1998 [1957-1958], p. 199).

O pai aqui se faz sentir como proibidor cuja palavra intervém efetivamente no discurso da mãe, endereçando-se a ela: “*Não reintegrarás teu produto*” (Lacan, 1998 [1957-1958], p. 209, grifo nosso). A criança é desalojada da posição ideal com que ela e a mãe poderiam satisfazer-se, possibilitando o estabelecimento da terceira fase. O segundo tempo, conforme aponta Lacan, é um ponto nodal do complexo de Édipo. Uma vez que a criança não ultrapassa esse ponto nodal, ela mantém uma certa forma de identificação com o objeto da mãe (Lacan, 1998 [1957-1958]).

A terceira etapa, segundo Lacan, é tão importante quanto a segunda, pois é dela que depende a saída da criança do complexo de Édipo. No terceiro tempo, se pode definir que o Édipo é um ordenador da sexualidade humana. O pai já se apresenta como portador (ou de suporte) do falo, dele depende a posse ou não desse falo pelo sujeito materno. Nesse momento do terceiro tempo, o pai tem que dar provas não de que é o falo, mas de que o tem: “o pai pode dar à mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui” (Lacan, 1998 [1957-1958], p. 200).

O pai que intervém no terceiro tempo é real e potente. Por intervir como aquele que tem o falo, a criança se identifica com ele; em outras palavras, ele é internalizado no sujeito como Ideal do Eu. A partir daí, o complexo de Édipo declina.

Sobre o complexo de Édipo nas mulheres, Lacan (1998 [1957-1958]) reconhece que o desfecho nelas é diferente. Na terceira etapa, a menina não precisa se identificar ao pai enquanto aquele que tem, nem guardar o título de direito à virilidade, concebido pelo pai. Ela sabe onde o falo está, sabe onde deve ir buscá-lo e vai em direção àquele que o tem. Aqui, Lacan faz a seguinte declaração: “Isso também indica por que uma feminilidade, uma feminilidade verdadeira, tem sempre o toque de uma dimensão de álibi. Nas verdadeiras mulheres já sempre algo meio extraviado” (Lacan, 1998 [1957-1958], p. 202).

Como conclusão, no terceiro tempo do complexo de Édipo, o menino identifica-se com o pai como possuidor do pênis, e a menina reconhece o homem como aquele que o possui. Por esse viés, Lacan reencontra a concepção freudiana no que concerne às saídas do menino e da menina do complexo de Édipo.

Em suma, como é proposto em *O Seminário, livro 5*, a consequência da saída do Édipo para uma criança consiste no estabelecimento de uma identidade sexual, em que a apreensão do campo simbólico permite que ela dê uma significação do real da pulsão inscrita no corpo. Faria

(2021) adverte que, em Lacan, o efeito da constatação da privação materna não é diferente no caso do menino ou da menina, uma vez que ambos deixam de ser o falo. Independentemente do sexo, em relação ao falo, a criança aceita tê-lo e não o ter, a partir da descoberta de que não o é; ou seja, a partir dessa descoberta ela pode se situar em relação ao ter.

Em contrapartida, há na teoria lacaniana a importância do dado anatômico no que diz respeito ao posicionamento do sujeito sobre a questão fálica. Tanto Lacan como Freud sugerem haver maiores dificuldades para a mulher nesse momento porque a anatomia pode fornecer ao menino a ilusão do ter; já na mulher, a falta no real do corpo dificulta uma significação sexual diferente daquela da castração, da ausência. Faria (2021) ressalta que o próprio Lacan advertiu que a inveja do pênis só pode ser pensada como castração quando se considera a castração como falta imaginária. Em *O Seminário, livro 4*, segundo a autora, Lacan vai situar a necessidade de abordar a falta pelas vertentes real e simbólica, privação e frustração, respectivamente.

No caso da menina, o retorno da incidência da questão fálica, no terceiro tempo, deve ser entendido pela via da privação pois, no real do corpo da menina, o imaginário só faz apontar a ausência. Entretanto, a ausência do pênis no real do corpo só pode adquirir o sentido de uma falta na medida em que se trata da falta de um objeto simbólico – o falo no lugar do pênis que falta, mas que nunca esteve lá [...]. No caso do menino, não é a vertente da privação, e sim a da castração que é ressaltada, pois a anatomia lhe oferece maior condição de manter-se na ilusão de ter o falo (Faria, 2021, p. 105).

A leitura do complexo de Édipo apresentada em *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* privilegia a função simbólica da inscrição da metáfora paterna. Nela, Lacan vai apontar que o efeito do complexo de Édipo para a criança é a significação fálica. A verdadeira estrutura do Édipo, exposta em *O Seminário, livro 5*, é a metáfora paterna, consistindo em uma forma de tratamento simbólico ao real.

A grande virada lacaniana que o fez se separar de Freud, de acordo com Faria (2021), foi situar a ordem simbólica como preexistente ao sujeito infantil, em que a função do Édipo vai apenas possibilitar que a criança se estruture em algo que já se encontrava ali. O complexo de Édipo lacaniano então configura-se enquanto uma estrutura simbólica que dá ao sujeito condições de se posicionar em relação à linguagem que o precede. Enquanto a teoria freudiana supõe a perda do paraíso inaugural a partir do advento da interdição paterna, na concepção lacaniana a perda do gozo já está dada, uma vez que o gozo está, desde sempre, interditado a quem fala: “não é a lei em si que barra o acesso do sujeito ao gozo; ela apenas faz de uma barreira quase natural, um sujeito barrado”

(Lacan, 1998 [1960], p. 836).

Aí começam as distinções mais significativas de Lacan no que se refere à teoria de Freud sobre o complexo de Édipo. Tais formulações são posteriores a *O Seminário, livro 5*, desenvolvem-se até a introdução da noção de real, que sela o distanciamento definitivo entre Freud e Lacan.

Em *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, num retorno a Freud, Lacan vai abordar a constituição do sujeito pelo viés dos processos de alienação e separação. Enquanto em *O Seminário, livro 5* o que se destacava era o viés estrutural e simbólico do mito do Édipo, a partir de *O Seminário, livro 11* ele vai dar ênfase à dimensão do real na constituição psíquica, para aquilo que está por detrás da estrutura.

Logo no início do capítulo XVI, “O sujeito e o Outro (I): a alienação”, Lacan (1985 [1964]) retoma o conceito freudiano da pulsão e reafirma o que Freud atestou em 1905 no seu texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: que não há na origem nada que defina a identidade sexual do sujeito ou a escolha de objeto.

Toda pulsão, sendo, por sua essência de pulsão, pulsão parcial, nenhuma pulsão representa – o que Freud evoca por um instante para se perguntar se é o amor que a realiza – a totalidade da *Sexualstrebung*, da tendência sexual, na medida em que pudéssemos concebê-la como presentificando, no psiquismo, se ela entrasse ali, a função da *Fortpflanzung*¹⁵, da reprodução (Lacan, 1988 [1964], p. 194, grifo do autor).

Ainda, nos parágrafos seguintes, Lacan salienta:

No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea. [...] as vias do que se deve fazer como homem ou como mulher são inteiramente abandonadas ao drama, ao roteiro, que se coloca no campo do Outro – o que é propriamente o Édipo. [...] o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro (Lacan, 1988 [1964], p. 194).

O advento do sujeito a partir dos processos de alienação e separação resgata a lógica dos significantes e a incidência da metáfora paterna para explicar a constituição psíquica do sujeito a partir da sua entrada na linguagem. De início, a criança encontra-se totalmente alienada ao significante nomeado como S1, o significante primordial. Através da introdução de um terceiro na relação entre a mãe e a criança, ao pai é reservado o significante S2, que nomeia o desejo da mãe. A criança só tem acesso ao S1 através da introdução do S2 na cadeia de significantes, por isso o

¹⁵Grifo do autor.

seu acesso ao mundo simbólico, uma vez que antes ela encontrava-se completamente alienada ao Outro primordial.

Pela sua entrada no mundo da linguagem, a criança torna-se sujeito desejante. Contudo, ao consentir em alienar-se ao desejo do Outro, ela paga um preço, o preço da sua divisão subjetiva. Nesse momento de *O Seminário, livro II*, Lacan cita o exemplo da bolsa ou a vida¹⁶: “Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada” (Lacan, 1988 [1964], p. 201). Esse é o preço que o sujeito paga para entrar na cultura.

É importante localizar aqui que o processo de constituição do sujeito baseado nas operações de alienação-separação é um conceito que Lacan desenvolve atrelado à lógica dos significantes:

A alienação consiste nesse vel que – se a palavra condenado não suscita objeções da parte de vocês, eu a retomo – condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, de articular suficientemente ao dizer que se ele aparece de um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como afânise (Lacan, 1988 [1964], p. 199).

Essa é mais uma das formas que Lacan teorizou acerca da constituição psíquica dos sujeitos, e, conforme àquela apresentada em *O Seminário, livro 5*, ela refere-se exclusivamente à lógica fálica para explicar o advento do sujeito. Destaco, porém, que nesse momento do seu ensino Lacan já trabalha sob a perspectiva do registro do real, uma vez que localiza, na entrada do sujeito na linguagem, uma perda. Na interpretação lacaniana do Édipo, a interdição da metáfora paterna não vem interditar a relação incestuosa entre a mãe e a criança, mas incide sobre algo que já está dado na sua origem e sobre o qual enunciaria mais tarde: o gozo é interdito a quem fala.

2.3.2 Lacan e um mais-além

Até aqui, apresentei a teoria do complexo de Édipo que Lacan desenvolveu acompanhando Freud. Nela, ele caminha junto de Freud ao atrelar a construção da identidade feminina ao referencial fálico, o que significa dizer que uma mulher estaria sempre às voltas da sua

¹⁶Jacques Lacan se serviu dessa alternativa para explicar o que é uma escolha forçada. Se o sujeito escolher ficar com a bolsa, não só perderá a vida, mas também a própria bolsa pela qual se sacrificou. Se escolher a vida, terá de conviver com a vida sem a bolsa. Portanto, escolher a vida implica sempre uma perda.

questão feminina buscando ser ou ter o falo. No primeiro tempo do seu ensino, em *O Seminário*, livros 4, 5 e 11 – os quais trabalhei brevemente até este momento –, ele acompanhou Freud abordando o falo enquanto único símbolo no inconsciente para os dois sexos. O falo enquanto significante é o que permite o estabelecimento de uma relação entre os sexos, uma partilha sexual, em torno de um ser e um ter.

Lacan não abandona por inteiro o conceito de falo. Conforme a teoria lacaniana, o falo desempenha o papel de significante do desejo em nossa cultura. Ele nunca é nada exceto um significante, um significante da falta a ser.

Enquanto a castração se refere a uma perda primordial que coloca a estrutura em movimento, o falo é o significante dessa perda. [...] Portanto, a “função fálica” como Lacan a denomina, é a função que institui a falta, isto é, a função alienante na linguagem. Como veremos, a função fálica desempenha um papel crucial na definição de estrutura masculina e feminina usada por Lacan, pois os últimos são definidos de forma diferente em termos daquela perda, daquela falta instituída pela alienação, pela divisão causada por nosso uso da – ou ao contrário uso pela – linguagem (Fink, 1998, p. 129-130).

Lacan tampouco abandona a teoria do complexo de Édipo. No capítulo II de *O Seminário*, livro 18: *de um discurso que não fosse semblante*, ele admite a importância do mito no sentido de reconhecer a verdade por detrás da estrutura:

O mito de Édipo, quem não vê que ele é necessário para designar o real, se é justamente isso que tem a pretensão de fazer? Ou, em termos mais exatos, aquilo a que o teórico fica reduzido, quando formula esse hipermito, é que o real propriamente dito se encarna em quê? No gozo sexual, como o quê? Como impossível, pois o que o Édipo designa é o ser mítico cujo gozo, seu gozo, seria o de quê? De todas as mulheres (Lacan, 2009 [1971], p. 32).

Na segunda parte do seu ensino, em *O Seminário*, livro 20, ele inaugura uma nova forma de abordar a constituição psíquica entre os sexos, delimitando de maneira precisa os posicionamentos masculino e feminino por meio de suas modalidades de gozo. A feminilidade, assim, é tratada não apenas pela proposição edípica, mas sobre uma formalização para além do Édipo.

Desse modo, a psicanálise passa a tratar homem e mulher como uma escrita, concebidos como lugares, posições enquanto seres falantes, inseridos na norma fálica. Enquanto no texto “A significação do falo” Lacan (1998 [1958]) evidencia a função do falo enquanto significante como estruturador da sexualidade, seja ela masculina ou feminina, a partir de *O Seminário*, livro 20 ele

disserta que a feminilidade é uma problemática que não pode se assujeitar inteiramente ao Édipo e à lei da castração. Nesse contexto, reconhece que a mulher está inscrita na lógica fálica, contudo não totalmente submetida a ela (Bonfim, 2014).

Dessa forma, apresenta o que chamamos “tábua da sexuação”, construção lógica matemática dividida em duas partes. A parte superior é composta de quatro fórmulas, unidas duas a duas, que apresentam em oposição o lado masculino e o lado feminino da sexuação. A parte inferior acompanha a mesma divisão entre masculino e feminino e contém cinco termos: $\$$ (que representa o sujeito dividido), abaixo dele ϕ (símbolo que representa o falo), o objeto a , o significante de uma mulher (A) e o significante da falta do Outro $S(A)$ – os dois primeiros, do lado masculino, e os três últimos, do lado feminino (Santoro, 2016).

No lado masculino, à esquerda, Lacan apresenta a fórmula existencial e universal para indicar, respectivamente: existe ao menos um sujeito que não está inscrito na norma fálica, ou seja, não está submetido à castração, o qual seria representado pelo pai da horda primeva, do *Totem e tabu*; logo abaixo, a fórmula universal indica que todo ser falante está inscrito na norma fálica, assujeitado à castração simbólica: “o limite é o pai e o tabu do incesto: o desejo do homem nunca vai além do desejo incestuoso, impossível de realizar” (Fink, 1998, p. 133).

Do lado da mulher, também apresentam-se as fórmulas existencial e universal, todavia elas estão em negação, o que significa que não existe nenhuma mulher para quem a função fálica não funcione, não há mulher que não esteja sujeita à castração. Para o não-todo sujeito é correto afirmar que a função fálica funciona, ou seja, a mulher é não-toda referida à função fálica. Conclui-se, portanto, que, embora alienada, a mulher não se assujeita de todo à ordem simbólica, ela é não-toda.

Em resumo, o homem está completamente referido à função fálica, enquanto a mulher escapa, em alguma medida, estando não toda referida a ela. Os homens formam um conjunto universal na medida em que todos são castrados, exceto o pai da horda (a exceção faz a regra); já as mulheres, por não haver exceção do lado feminino, não constituem um conjunto, e, portanto, a elas não se aplica uma regra universal. A consequência é que elas só existem no singular, uma a uma.

Na parte inferior da tábua encontra-se o sujeito barrado, do lado masculino, que se relaciona com a mulher (A), colocando-a no lugar de objeto a , objeto causa de desejo. No que tange à mulher, (A), esta relaciona-se com o homem à medida que ele encarna para ela o significante do

desejo, isto é, o falo. Pelo fato de a mulher não possuir um significante que possa dizer do sexo feminino, ela busca no homem um significante que lhe dê um suporte identificatório. Além da relação com o falo, a mulher também se relaciona com o $S(A)$, o signo do gozo que não tem nome, o gozo mais-além do falo.

A fórmula da sexuação vai apresentar duas lógicas: a do todo-fálico nos homens e do não-todo nas mulheres; e também há duas espécies distintas de gozo: o fálico e o suplementar. A abordagem da feminilidade por Lacan, na segunda parte de seu ensino, evidencia uma virada teórica decisiva, localizando a sexuação dos sujeitos para além do Édipo. Isso porque a conflitiva edípica só dá conta de explicar a constituição psíquica dos homens, mas não das mulheres, uma vez que se refere exclusivamente à lógica fálica. Como bem resume a psicanalista Colette Soler em seu texto *O que Lacan dizia das mulheres*, “o Édipo produz o homem, não produz a mulher” (Soler, 2005, p. 17).

Enquanto o prazer dos homens é determinado completamente pelo significante, o prazer das mulheres é determinado em partes pelo significante, mas não totalmente, podendo experimentar um outro tipo de gozo além do fálico, o que Lacan vai denominar de gozo Outro.

No contexto da psicanálise lacaniana, homens e mulheres são seres de discurso. Não há definição de homem e mulher fora da linguagem, como destaca Brousse (2019). Logo, conforme a psicanalista compartilha, existe uma definição possível de homem e mulher no campo do simbólico, com prescrições de lugares, papéis diferenciados, bem como dos modos de gozo no laço social. As ditas mulheres, na nossa sociedade, podem ser definidas por um certo número de funções: filha, irmã, esposa, puta, mãe. E os homens, enquanto filho, irmão, esposo e pai. Esses papéis funcionam e constituem rotas para as identificações femininas e masculinas. É dessa forma que a psicanálise aborda o que, em outros discursos, é chamado de “gênero”. Nesse sentido, é importante retomar que Lacan definiu o laço social pelo discurso, como nos lembra Brousse (2019, p. 94):

o discurso constitui um verdadeiro modo de uso de um gozo prescrito, válido numa determinada sociedade, numa determinada época. Ele é feito de depósitos arqueológicos dos enunciados de uma língua e se elabora no transcurso do tempo a partir desses extratos. No discurso, ressoam todos esses acréscimos sucessivos, às vezes contraditórios, sempre heterogêneos.

A retomada teórica acerca do complexo de Édipo em Freud e Lacan serviu-me como base para orientar as articulações realizadas nesta pesquisa no que concerne à investigação da relação

entre mãe e filha e da feminilidade. Entre os caminhos possíveis para a feminilidade dita normal, a maternidade consolidou-se enquanto uma via de aquisição fálica. Falamos de uma teoria que se construiu no século XIX, mas cujos efeitos se desdobram até os dias de hoje. Não somente pelas alegações da psicanálise, mas, como mostrarei a seguir, o solo do conhecimento na Modernidade era propício para a difusão de uma ideia de mulher cujos destinos e desejos deveriam restringir-se ao âmbito doméstico. Penso que a atualidade dessa discussão se mostra a partir da articulação com as obras literárias de Ferrante, com as quais construirei esse debate. É a noção de feminilidade atrelada à maternidade que proponho apresentar no capítulo a seguir.

3 MATERNIDADE E FEMINILIDADE

Eu havia desejado Bianca; um filho é desejado com uma opacidade animal reforçada pelas crenças populares. Ela chegara cedo, eu tinha vinte e três anos, e o pai dela e eu estávamos no meio de uma árdua luta para continuarmos a trabalhar na universidade. Ele conseguiu, eu não. O corpo de uma mulher faz mil coisas diferentes, dá duro, corre, estuda, fantasia, inventa, se esgota e, enquanto isso, os seios crescem, os lábios do sexo incham, a carne pulsa com uma vida redonda que é sua, a sua vida, mas que empurra você para longe, não lhe dá atenção, embora habite sua barriga, alegre e pesada, desfrutada como um impulso voraz e, todavia, repulsiva como o enxerto de um inseto venenoso em uma veia.

(Ferrante, 2016a, p. 45)

Uma barriga alegre e pesada, desfrutada e repulsiva. Quão ambivalente pode ser a experiência da maternidade na vida de uma mulher?

O trecho apresentado faz parte da obra *A filha perdida*, de Elena Ferrante. Com uma honestidade por vezes dura de digerir, a personagem de Ferrante, Leda, conta sobre o desejo de ser mãe, as perdas e realizações advindas da chegada da primeira filha, Bianca, e adiciona uma comparação às conquistas profissionais do companheiro, pai de suas filhas: “Ele conseguiu, eu não”.

Seguindo nessa linha, na obra *Dias de abandono*, Olga, personagem abandonada pelo marido por uma mulher bem mais jovem, condenada aos cuidados com a prole, narra o cotidiano com dois filhos pequenos e as renúncias às quais foi impelida a consentir quando do encontro com a maternidade: “Esperava, enquanto cuidava dos filhos de Mario, um tempo que não chegava nunca, o tempo em que eu teria recomeçado a ser como havia sido antes da gravidez, jovem, magra, enérgica, descaradamente convencida de poder fazer de mim sei lá que espécie de pessoa memorável” (Ferrante, 2016b, p. 89).

Para Freud, a maternidade seria uma das vias ditas normais na construção da identidade feminina. Segundo o autor, haveria três formas possíveis de atravessar o complexo de castração: o complexo de masculinidade, a frigidez e a busca por uma compensação fálica através de um filho (Freud, 2019 [1933]). O que não cessa de fazer questão, sobretudo no que ilustram as personagens de Ferrante, é que a maternidade não tampona a falta de uma mulher. Pode, inclusive, abrir inúmeras questões acerca do desejo e da sua feminilidade. Lacan (1998 [1960]), ao indagar se a

maternidade daria conta de drenar tudo o que há de pulsional numa mulher, abre caminhos para assumir, mais adiante, a separação da posição materna da mulher, permitindo avançar teoricamente a respeito do desejo feminino. Falarei mais sobre tais posições no decorrer deste capítulo.

Em sua pesquisa de mestrado sobre maternidade e feminilidade, a psicanalista Lucélia Gonçalves (2021) argumenta que algumas mulheres se servem da maternidade como uma via de tamponamento do vazio e uma resposta ao enigma sobre a sua condição feminina. Nessa aposta na maternidade enquanto um caminho para a feminilidade, é possível que a mulher se depare com os desafios e os efeitos subjetivos que a experiência do encontro com o bebê pode vir a produzir, fazendo-a confrontar-se com as suas próprias ambivalências. Resgato um trecho da obra *A filha perdida*, que descreve o quão heterogeneamente essa experiência pode se dar, não somente entre diferentes mulheres, mas, sobretudo, numa mesma mulher, conforme a narrativa da personagem de Leda:

Fiquei muito feliz ao saber, quando estava grávida, que dentro de mim uma vida se formava. Eu queria fazer tudo da melhor maneira. As mulheres da minha família inchavam, dilatavam. A criança estabelecida no ventre delas parecia uma longa doença que as transformava, mesmo depois do parto não voltavam mais a ser as mesmas. Já eu queria uma gravidez vigiada. Eu não era minha avó (sete filhos), não era minha mãe (quatro filhas), não era minhas tias, minhas primas. Eu era diferente e rebelde. [...] Fui bem-sucedida. [...] Olhando agora para Nani de cabeça para baixo, vomitando na pia um jato escuro misturado com areia, não conseguia encontrar semelhança alguma com a minha primeira gravidez – na época até mesmo os enjoos foram breves e contidos. Mas depois veio Marta. Foi ela que agrediu meu corpo, obrigando-o a revirar-se sem controle. Ela se manifestou desde o início não como Marta, mas como um pedaço de ferro vivo na barriga. Meu corpo se tornou um licor sanguinolento, e suspenso nele havia um sedimento mole dentro do qual crescia um pólipó furioso, tão distante de qualquer humanidade que me reduziu, ainda que ele se nutrisse e expandisse, a uma matéria pútrida sem vida. Nani, com seu cuspe preto, parecia comigo quando fiquei grávida pela segunda vez (Ferrante, 2016a, p. 150-151).

Em alguns trechos da obra *A filha perdida*, Elena Ferrante oferece ao leitor uma associação entre a gestação de um bebê no ventre da mãe tal qual fosse um inseto, “matéria pútrida” que suga e se expande. A autora dá corpo a essa analogia na cena em que Leda percebe um líquido preto saindo da boca da boneca roubada de Elena. Após escoar o líquido sob muita insistência, retira o que parece ser um inseto do interior da boneca – o nascimento de um verme, morto, em estado de putrefação, como uma possível correspondência à gestação no corpo de uma mulher.

Deixei tudo no sofá e fiz menção de me levantar, mas percebi que mais daquele líquido escuro tinha saído da boca da boneca e manchado a minha saia. Examinei seus lábios

fechados: no meio havia um pequeno furo. Eram de plástico mais macio do que o do resto do corpo, e cederam ao meu toque. Abri-os com delicadeza. O furo da boca se alargou, e a boneca ficou com um sorriso, me mostrando gengiva e dentinhos de leite. Logo tornei a fechar a boca com repulsa, e sacudi a boneca com força. Senti a água que ela tinha na barriga e imaginei a podridão do ventre, um líquido fechado, estagnado, misturado com areia. São problemas de vocês, mãe e filha, pensei, por que fui me meter (Ferrante, 2016a, p. 104).

Ao longo do texto, a narrativa de Leda provoca o leitor para deslocar a maternidade desse lugar romantizado em que a cultura a colocou nos últimos séculos. Mãe de duas meninas, os desencontros entre os anseios da personagem e as demandas daquelas – sempre duramente exigentes –, assim como o desconforto psíquico e corporal que passou na experiência da gestação, são questões que atravessam a narrativa dessa personagem que decide falar sobre o que lhe é tão caro e ao mesmo tempo tão difícil. “Nas conversas com as minhas filhas, ouço palavras ou expressões omitidas. Às vezes, elas ficam com raiva e dizem mamãe, eu nunca falei isso, é você que está dizendo, você inventou isso. Mas eu não invento nada, só escuto, o não dito fala mais do que o dito” (Ferrante, 2016a, p. 38-39).

Ao deparar-me com as interrogações de Olga, Leda e Delia diante da vida feminina, confrontei-me com temas que acompanham a vida das mulheres há bastante tempo, mas que carregam certa reserva em tornarem-se públicos. Ora, não é algo esperado de uma mulher que se tornou mãe que fale de seu filho como um pedaço de ferro vivo na barriga, enxerto de um inseto venenoso. Se para Freud a maternidade indicava uma das vias do caminho para a feminilidade, poderíamos ainda sustentar a ideia de que ela encerra as perguntas que uma mulher faz diante da sua própria condição feminina? Lacan, como um analista do seu tempo, propõe reabrir tais questões acerca do desejo feminino, investigando e elaborando novas fórmulas a respeito do que Freud chamara de “continente negro”, algo inacessível e inapreensível na análise das mulheres (Freud, 2019 [1933]).

No século XIX, Freud foi perspicaz ao supor nas histéricas um dizer sobre seu mal-estar, um dizer que ultrapassava as palavras e habitava o corpo. Os não ditos, tomando emprestada a expressão de Leda, convocaram a psicanálise a se debruçar sobre o que antes entendia-se ser um mistério. E se hoje nos deitamos no divã e associamos livremente é porque alguém se propôs a ouvir o que está além do que é dito.

Isto posto, interrogo-me sobre o que há de tão difícil ao falarmos sobre os desconcertos na experiência da maternidade: o que é tão difícil ouvir a respeito de nossas próprias

ambivalências? O que será que não queremos saber, ou que escolhemos ignorar? Será que a maternidade, como muito imaginaram, é capaz de satisfazer por completo uma mulher? Será que a maternidade, à qual atribuímos o tão conhecido caminho para uma identidade feminina, não pode abrir ainda mais questões acerca desse enigma?

Início este capítulo tomando emprestada uma frase de Ferrante em *A filha perdida* (Ferrante, 2016a, p. 6): “As coisas mais difíceis de falar são aquelas que nós mesmos não conseguimos entender”. Essa será a mola propulsora da minha investigação.

3.1 Uma nova ontologia

O estudo sobre a sexualidade feminina na psicanálise articula a experiência da maternidade com a construção da identidade da mulher. Ao longo das suas investigações sobre as mulheres, Freud postula que a maternidade seria um destino saudável da feminilidade, uma via pela qual o feminino se faria mulher (Birman, 2016). Em contrapartida, a histeria apresentar-se-ia como um dos seus infortúnios, ao lado da inibição sexual e da virilização. No entanto, a relação entre feminilidade, histeria e maternidade mostra-se anterior a Freud, conforme explica Birman (2016) na obra *Gramáticas do erotismo*. Isso porque, de acordo com o autor, a Modernidade, solo histórico e ético em que se constituiu a psicanálise, havia inaugurado a superação da lógica do sexo único – característico da Antiguidade –, trazendo uma nova ontologia da diferença sexual. Esta defendia a ideia de uma essência natural dos sexos, em que as possibilidades e finalidades sociais diversas de cada um seriam delineadas a partir de um determinismo insofismável da natureza.

Nesse contexto, a maternidade se imporia à mulher como algo de ordem instintiva e natural, função social estabelecida pela própria matriz biológica. Com a finalidade de situar historicamente de onde Freud deu os primeiros passos no desenvolvimento da teoria psicanalítica, farei um breve aporte sobre as mudanças que irromperam com o advento da Modernidade e o estabelecimento de uma nova ontologia, a da diferença sexual.

O paradigma da diferença sexual, segundo Birman (2016), incorpora a retórica de uma inexistência da desarmonia entre os registros somático e psíquico, na qual o real do corpo somático se imporia ao sujeito na sua condição de ordenação do psiquismo. Influenciado por essa perspectiva naturalista e essencialista sobre os sexos, Freud, em seu ensaio inaugural dedicado à leitura da feminilidade, formula o texto “Algumas consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre

os sexos” e postula que as diferenças anatômicas “produziriam não apenas traços psíquicos, mas principalmente delineariam o horizonte irrefutável e constrangedor para a construção do psiquismo no homem e na mulher” (Birman, 2016, p. 46).

Assim, muito resumidamente, a ontologia da diferença sexual sustenta que às mulheres pertenceria a administração do espaço privado e da família, bem como o campo da emoção e a função da reprodução; enquanto aos homens eram reservados o espaço público, a lógica da razão e a produção. A esse imaginário coletivo da civilização moderna, Birman atribui a nomenclatura de uma cartografia moral da diferença sexual, em que as diferenças entre os seres do homem e da mulher são consequências diretas da sua natureza biológica. É por essa lógica que se constrói um horizonte em que as mulheres e a maternidade se encontrariam para cumprir uma função civilizatória, e qualquer destino diverso desse colocá-las-ia no polo de agente anticivilizatório.

Ao estudar sobre a constituição da feminilidade no século XIX, a psicanalista Maria Rita Kehl aponta que o padrão de feminilidade da época freudiana deriva dessa concepção de família nuclear e lar burguês que a Modernidade estabeleceu, fazendo um casamento “não entre a mulher e o homem, mas entre a mulher e o lar” (Kehl, 2016, p. 38). A adequação das mulheres ao espaço privado e às funções do cuidado do lar foi fruto de uma produção discursiva que fez parte do imaginário social moderno e transmitiu-se através da educação formal, pelas expectativas parentais, pelo senso comum, pela religião e pela produção científica e filosófica da época. Esse padrão, que sobrevive ainda hoje, segundo a autora, determina o que cada mulher deveria ser para ser “verdadeiramente mulher”.

Quando Freud formula sua teoria e coloca as mulheres enquanto fundamentais no processo civilizatório, é nesse lugar de saber que seu debate se inscreve. Apesar de reconhecer os efeitos mórbidos do processo modernizador sobre as mulheres, sobretudo pela repressão sexual destas, Freud (2020 [1930]) afirma em *Mal-estar na cultura* que a demanda sexual desmesurada e o imperativo do amor colocariam a mulher nessa posição anticivilizatória e antissocial. O discurso freudiano insere a mulher nesse lugar polarizado entre a maternidade e o erotismo (Birman, 2016).

Vale reforçar que a compreensão da sexualidade na Modernidade era de uma finalidade reprodutora, enquanto o prazer e o desejo se desviavam desse caminho. Portanto, o erotismo tornou-se um polo contraditório no ser da mulher, algo que perturbaria a sua vocação para a maternidade. Birman (2006) responsabiliza por essa oposição radical entre maternidade e desejo no ser da mulher, formulada no século XIX, a tradição cristã, que esvaziou o erotismo de qualquer

virtude, concebendo-o como pecado. O cristianismo, desarticulando os registros do prazer e da reprodução, demoniza o desejo feminino identificando-o à possessão diabólica: “‘Estar com o diabo no corpo’, foi assim que se configurou, no imaginário cristão, essa leitura sobre a mulher desejanter” (Birman, 2016, p. 65). Dessa forma, surge a figura da mulher perigosa, aquela que se mantém numa posição desejanter, sem assumir devidamente o papel crucial da maternidade.

Não nos furtar da contextualização sobre o conhecimento produzido no solo da Modernidade é fundamental para situar as produções freudianas sobre a sexualidade feminina e as consequentes mudanças de rota tomadas pelo autor. Ainda que ele tenha se servido do paradigma da maternidade enquanto função civilizatória da mulher, rompe com a noção de que o sexo visaria apenas à reprodução da espécie, localizando nas histéricas as mazelas da repressão dos seus desejos inconscientes. Logo, ao criticar o dispositivo do biopoder no início do século XX, ele retoma a concepção de que o sexo objetivaria sobretudo o prazer, desvelando na neurose o seu conteúdo sexual. Em seguida, presume a existência de uma sexualidade infantil e polimorfa, refutando a ideia de que esta irrompe nos sujeitos apenas a partir da maturação dos órgãos reprodutores. Sustentar a positividade do desejo feminino possibilitou que Freud escutasse a dimensão desejanter presente no corpo histórico, eixo motriz do desenvolvimento da psicanálise.

Quando Leda diz que um filho é desejado com uma opacidade animal reforçada pelas crenças populares, sinaliza os efeitos do discurso social na vida das mulheres, uma a uma. Esse discurso sobre o instinto materno e natural associado às fêmeas procurou também limitar o anseio das mulheres por outros poderes e lugares no espaço social. Nessa toada, foram atribuídas outras marcas morais às mulheres, como o domínio dos afetos sobre a racionalidade, a capacidade do acolhimento e do cuidado em relação ao outro, marcas das quais os homens seriam naturalmente destituídos (Birman, 2016). Mas, se forjadas naturalmente para a função materna, por que as personagens de Ferrante denunciam tantas ambivalências a respeito disso? Por que a sua literatura, que trabalha sobretudo com os desejos e as relações entre mulheres, mães, filhas, ressoa tanto em nossa cultura contemporânea? Por que a maternidade, destino possível e não patológico da feminilidade (segundo a ciência moderna), deixaria tantas lacunas na vida de uma mulher?

As questões que suscito neste trabalho são também contemporâneas a Freud, e o próprio autor passou a vida tentando decifrá-las. Os enigmas da feminilidade, dos destinos de uma mulher, foram questões caríssimas ao desenvolvimento da teoria psicanalítica e seguem sendo até os dias atuais. Acessar esses enigmas através da literatura nos coloca diante de um acontecimento que é ao

mesmo tempo singular e coletivo, tal qual advertiu a psicanálise desde o seu princípio: a clínica do sujeito inexistente sem uma clínica da cultura, e, conforme argumenta psicanalista Malvine Zalcberg (2023), em sua obra *Amor, paixão feminina*, cada época vive a histeria a seu modo.

Nesse sentido, Kehl (2016) nos adverte da importância de se deter no estudo sobre a produção histórica dos discursos acerca da feminilidade, uma vez que o esquecimento da dimensão simbólica que nos determina tende a criar um sentido de naturalização dos discursos e conceitos que presidem nossa vida. Recuperar essa tradição que constituiu, há dois séculos, o que hoje a psicanálise entende como posição feminina permite desnaturalizar o que foi construído pela cultura, promovendo maior mobilidade na clínica e possibilitando que cada sujeito componha como lhe convier a relação com a feminilidade.

Sigo nessa discussão procurando desdobrar a questão da cisão entre a maternidade e o erotismo, proveniente do pensamento moderno, e os efeitos na constituição psíquica das mulheres, como também no lugar que estas ocupam socialmente.

3.2 Maternidade x erotismo

Conforme mencionei anteriormente, na Modernidade, impulsionados pelo discurso cristão, os registros entre maternidade e erotismo foram cindidos, e o controle do desejo das mulheres passava, sobretudo, por uma política de controle dos corpos que visava à garantia da reprodução e da função civilizatória (Birman, 2016).

Rousseau, o grande filósofo dos ideais românticos de harmonia entre homem e natureza, foi um entre os vários proferidores de discursos filosóficos e científicos do século XIX que sustentava a necessidade de domesticar as mulheres para que seus desejos ilimitados não colocassem em risco a ordem social e familiar. Dessa maneira, defendia que elas fossem educadas na vergonha e no pudor, em nome do equilíbrio entre as relações conjugais. Esse modelo é tão perfeitamente articulado, segundo Kehl (2016), que não só dominou a produção de saberes sobre as mulheres, como até hoje escutam-se suas ressonâncias.

Neste trabalho, a leitura das obras colocou-me a pensar que tal polarização entre os registros também se mantém, em certa medida, atualizada na experiência das personagens de Ferrante. E, se considerarmos que toda obra de arte é uma representação dos discursos do seu tempo, da sua cultura, podemos abrir questões a respeito dos efeitos desse discurso na constituição

dos sujeitos mulheres da contemporaneidade. Dito isso, apresento alguns trechos em que a personagem Olga, em *Dias de abandono*, estampa esse binômio entre maternidade e erotismo:

Escrevia também, em alguns momentos, entre os números, como me sentia: um pedaço de comida que meus filhos mastigavam continuamente; uma bola feita de matéria viva que amalgamava e amaciava continuamente a sua substância viva para permitir às duas sanguessugas vorazes nutrirem-se, deixando-me no corpo o cheiro e o sabor de seus sucos gástricos. Amamentar, que nojo, uma função animal. E depois os hálitos mornos e adocicados das papas. Por mais que eu me lavasse, aquele mau cheiro de mãe não ia embora. Às vezes Mario se grudava em mim, me apertava, me agarrava no sono, cansado ele também do trabalho, sem emoção. Fazia-o com fúria sobre a minha carne quase ausente que cheirava a leite, biscoitos, semolina [...]. Era o corpo de um incesto, pensava atordoada pelo cheiro de vômito de Gianni, era a mãe a ser violada, não uma amante (Ferrante, 2016b, p. 88).

No momento em que Olga relata como se sente na relação sexual com o marido – “era a mãe a ser violada, não uma amante” –, evidencia o desarranjo que a personagem experimenta com o próprio corpo. O corpo de um incesto, como ela expõe, um prolongamento de carne feito pela junção da mãe com seu bebê.

Ora, conforme pensava o próprio Freud, uma vez realizando a pretensão edípica de finalmente obter um falo através da maternidade, à mulher não haveria espaço para outros interesses libidinais, encerrando a possibilidade de caminhos a serem percorridos no campo social. A respeito dessa imobilidade do desejo feminino, presente no discurso freudiano, Maria Rita Kehl (2016, p. 175) argumenta que

maternidade e casamento significariam uma espécie de ponto de chegada para a mulher, a partir do qual nada mais era esperado dela, nem no plano erótico nem no sublime; no erótico, é como se a feminilidade não tivesse outra função depois de ter cumprido seu único objetivo: a conquista de um homem que lhe desse um filho. Não que a mulher que se tornava mãe devesse deixar de ser feminina, sedutora, sensual etc. A deserotização da esposa/mãe pode ter sido uma imposição da moral vitoriana; mas para Freud parecia uma consequência inelutável do percurso de subjetivação feminino, já que em sua teoria todos os interesses libidinais culminariam na posse do filho.

Devemos observar, sobretudo, que a desarticulação entre os registros do erotismo e da função civilizatória foi exclusiva das mulheres. Resgatando a pesquisa de Birman (2016), este aponta que, enquanto a mulher, na figura da mãe, foi destituída de seu erotismo, aos homens foi reconhecido o exercício da dimensão desejante e reprodutora. Assim, o que fez o discurso moderno foi sustentar a assimetria e a hierarquia entre os sexos, marca maior da sociedade patriarcal; a

mesma sociedade que disseminava a defesa da igualdade de direitos dos cidadãos.

Seguindo nesse caminho, exponho mais alguns excertos da obra *Dias de abandono*, quando Olga repensa a sua existência após a partida do marido e nos evidencia a centralidade do casamento na vida dessa personagem; ao ser abandonada, não resta nada a ela além da função de ser mãe. Olga vem a descobrir ao longo do romance que essa posição não é capaz de sustentá-la subjetivamente diante da perda do marido. Lançada a um abismo sem precedentes, depara-se com o vazio diante de uma identidade construída em torno do casamento:

De onde eu vinha, em que eu estava me transformando: [...] Com trinta e oito, agora, me reduzi a nada, não conseguia nem me comportar da forma que me parecia adequada. Sem trabalho, sem marido, contraída, quebrada (Ferrante, 2016b, p. 27).

Um longo pedaço de vida juntos, e você acredita que ele é o único homem com quem pode se sentir bem [...]. Consumimos e perdemos a vida porque um qualquer, em tempos longínquos, por vontade de descarregar o pau dentro de nós, foi gentil, nos escolheu entre as mulheres (Ferrante, 2016b, p. 70).

Ser uma garotinha, depois moça, esperava um homem, agora tinha perdido o marido, serei infeliz até o momento da morte [...] (Ferrante, 2016b, p. 86).

Em *A filha perdida*, Leda tem um encontro com um casal de amantes que a divide diante da vida familiar que a consumia. Conforme o excerto abaixo, a personagem descobre “no corpo um pedido por prazer que não tinha nada a ver” com o das primeiras relações sexuais, sobretudo após o nascimento das filhas:

Porém, naquela manhã em que desfiz a cama de Brenda e de seu amante, quando abri a janela para eliminar o cheiro deles, parecia que eu havia descoberto no meu corpo um pedido por prazer que não tinha nada a ver com o das minhas primeiras relações sexuais aos dezesseis anos, o sexo incômodo e insatisfatório com o meu futuro marido, as práticas conjugais antes e, sobretudo, depois do nascimento das meninas. A partir do encontro com Brenda e seu homem, nasceram novas expectativas. [...] mas fiquei incomodada ao dizer isso para mim mesma, pareciam pensamentos inadequados para a minha condição, para as ambições de uma mulher culta e sábia (Ferrante, 2016a, p. 1)5.

É possível observar na cena, novamente, a desarticulação entre a posição desejante da mulher da posição de mãe/esposa, sobretudo no dito “pareciam pensamentos inadequados para a minha condição, para as ambições de uma mulher culta e sábia”.

Em outro momento, após retornar às filhas, já divorciada, Leda denuncia que a cisão entre a mãe e a erótica também se presentifica no imaginário dos homens com quem sai, especialmente

ao relatar que o sexo havia se tornado uma prática esporádica e sem expectativas:

Quando retornei para as meninas – já faz tanto tempo –, os dias voltaram a ser pesados, o sexo era uma prática esporádica e, portanto, quieta, sem expectativas. Os homens, antes mesmo de dar um beijo, esclareciam, com uma educada convicção, que não tinham intenção alguma de deixar a esposa, ou que tinham hábitos de solteirões dos quais não queriam abrir mão, ou que excluía a possibilidade de assumir a responsabilidade pela minha vida e das minhas filhas (Ferrante, 2016a, p. 115).

Se tais registros não podem coexistir numa mesma figura, não é de se estranhar que, em certa medida, para uma mulher, a maternidade possa se apresentar como algo da ordem do paradoxo, do contraditório. Como mencionei, em algumas passagens das obras de Ferrante é possível extrair a ideia de que as marcas da maternidade no corpo das personagens apresentam-se como “enxertos equivocados”, vermes em estado de putrefação, que corroem e roubam, sem precedentes, a vitalidade e o erotismo que outrora elas acreditaram ter. Retomo Leda, em *A filha perdida*:

Nani, com seu cuspe preto, parecia comigo quando fiquei grávida pela segunda vez (Ferrante, 2016a, p. 150-151).

Nani, Nani. A boneca, impassível, continuava a vomitar. Você jogou na pia todo o seu limo, muito bem. Abri os lábios dela, alarguei com um dedo o furo da boca, deixei a água da torneira escorrer dentro dela e depois a sacudi forte para lavar bem a cavidade turva do tronco, do ventre, e enfim retirar a criança que Elena havia posto dentro dela (Ferrante, 2016a, p. 152).

Na obra *Frantumaglia: os caminhos de uma escritora*, Ferrante (2017a) conta em uma entrevista que a referência aos insetos em *A filha perdida* foi uma forma de ilustrar a relação contraditória do homem com toda matéria viva não humana:

Os animais nos assustam, causam repugnância, nos fazem lembrar – como a gravidez que, de repente, nos modifica e nos aproxima muito da nossa animalidade – da instabilidade das formas assumidas pela vida. [...] Eu gostaria de narrar de maneira significativa como uma mulher se aproxima – por necessidade de cuidar, por amor – do que é repulsivo na carne, daquelas áreas em que a mediação da palavra se torna fraca (Ferrante, 2017a, p. 238).

Em outro fragmento, já exposto anteriormente, Olga também se refere aos seus filhos como sanguessugas vorazes que se alimentam do seu corpo, sinalizando essa distância entre o erótico e o corpo materno:

[...] permitir às duas sanguessugas vorazes nutrirem-se, deixando-me no corpo o cheiro e o sabor de seus sucos gástricos [...]. Por mais que eu me lavasse, aquele mau cheiro de mãe não ia embora. [...] Era o corpo de um incesto, pensava atordoada pelo cheiro de vômito de Gianni, era a mãe a ser violada, não uma amante (Ferrante, 2016b, p. 88).

Nesse momento da obra, a personagem de Olga relembra a figura da “pobre coitada”, a mulher napolitana, fantasma de sua infância, que, abandonada pelo seu marido para viver com outra, foi deixada com seus filhos ao deus-dará. Ela, arrasada pelo abandono, queixava-se dos filhos e culpava-os pela perda do marido: “Dizia que tinham deixado nela o cheiro de mãe, e isso a destruiu, culpa deles se o marido tinha ido embora” (Ferrante, 2016b, p. 87).

Enquanto Olga renunciou aos desejos após tornar-se mãe, Leda teve dificuldades em sustentar a maternidade e seus outros anseios de vida, escolhendo abandonar as filhas por três anos em busca da carreira, da paixão e de uma posição desejante. Já na obra *Um amor incômodo*, Amalia, mãe de Delia, apresenta-se como uma figura enigmática, que comporta em si a dimensão do desejo e do erótico, ao passo que realiza seus afazeres domésticos, cria os filhos e mantém um matrimônio.

A seguir, escolhi destacar alguns trechos das obras, que, na minha interpretação, capturam um pouco desse desencontro entre o corpo da mãe e o corpo erótico.

Tornara-me uma esposa obsoleta, um corpo negligenciado, minha doença é só a vida feminina que ficou fora de uso (Ferrante, 2016b, p. 107).

No entanto, quando estudava, fazia compras, ficava na fila para pagar uma conta, me perdia de repente em desejos que me constroem e, ao mesmo tempo, me excitavam. Eu ficava envergonhada, sobretudo quando esses desejos afloram enquanto eu estava cuidando das meninas. [...] me sentia indigna, não sabia como me acalmar (Ferrante, 2016a, p. 116).

Sobre Amalia, é interessante destacar que a perspectiva desse corpo erotizado vem a partir dos relatos de Delia, sua filha. Diferentemente de Leda e Olga, que confessam esse desconcerto no corpo, a dimensão desejante que o corpo de Amalia deixava escapar gerava o desconforto em terceiros (aqui destaco especificamente o marido e o irmão), materializado pelas violências dentro do matrimônio. Observemos os trechos a seguir:

[...] eu ficava aflita para proteger minha mãe do contato com os homens, como sempre havia visto meu pai fazer na mesma situação. Eu me postava como um escudo atrás dela,

crucificada em suas pernas, a testa contra suas nádegas, os braços esticados, uma das mãos agarrada no apoio de ferro do banco da direita, a outra, no da esquerda. Era um esforço inútil; o corpo de Amalia não se deixava conter. Os quadris se estendiam pelo corredor na direção dos quadris dos homens ao seu lado; as pernas e a barriga inchavam na direção do joelho ou das costas de quem estivesse sentado à sua frente. Ou talvez acontecesse o contrário. Eram os homens que colavam nela como moscas no papel grudento e amarelado que ficava pendurado nos açougues ou perpendicularmente nos balcões dos vendedores de frios, cheios de insetos mortos.

Minha mãe pedalava o dia todo na Singer como uma ciclista em fuga. Em casa, vivia submissa e esquiva, escondendo os cabelos, as echarpes coloridas, as roupas. Mas eu suspeitava, exatamente como meu pai, que fora de casa ela ria de outra maneira, respirava de outra maneira, orquestrava os movimentos do corpo para deixar todos com os olhos arregalados (Ferrante, 2017b, p. 102).

Podemos conjecturar que a dimensão desejante de uma mãe também traz questões às suas filhas, uma vez que, como apresentarei adiante, um filho não consegue suturar a falta de uma mãe, ainda que esteja supostamente no lugar de equivalência do falo. Isso porque o falo, na sua condição simbólica, nunca realiza o que promete (Kehl, 2016).

Nessa via, Leda traz notícias do enigma que a posição desejante de sua mãe lhe causava: “[...] quando criança, eu imaginava que minha mãe saía de casa em segredo, de dia e de noite, para encontrar seus amantes, e eu sentia no meu corpo a alegria que ela vivenciava” (Ferrante, 2016a, p. 114).

Quando Olga e Leda confessam os incômodos diante da maternidade, suas falas revelam os desacordos com os discursos que atravessaram os séculos XIX e XX e que estabeleceram um ideal sobre a maternidade como uma experiência supostamente feliz, gratificante e instintiva, suficiente para encerrar, em si, quaisquer outros desejos e ambições das mulheres. Ao tomar a experiência de tornar-se mãe a partir do singular de cada personagem sua, Ferrante abre uma perspectiva de que a maternidade também pode suscitar uma vivência conflituosa com repercussões psíquicas que atravessam a relação de cada uma com seu corpo, com seus filhos e com suas parcerias amorosas.

O trabalho de Ferrante ao evidenciar a dimensão desejante nas mulheres que ocupam a função materna é, a meu ver, um esforço de denúncia diante da constatação de que a sociedade, em alguma medida, condena as mães a restringirem-se a um lugar de pura devoção aos filhos, de cuidado, de abnegação da sua subjetividade. A dimensão do sexual, que pulsa nas personagens de Leda, Olga, Delia e Amalia, contrasta com o jogo de identificações moralizantes do qual as mulheres foram condenadas a participar desde o modelo familiar burguês e que de certa forma perpetua-se nos dias de hoje.

Nessa direção, encontro no livro *Frantumaglia* uma passagem em que Ferrante (2017a) busca palavras sobre a figura materna dentro das obras da autora italiana Elsa Morante. Como os filhos imaginam as mães?, indaga-se Ferrante. Ela encontra nas palavras essas imagens: em estado de perene velhice, com olhos santos, com lábios santos, em roupas pretas ou cinza. Ferrante pega emprestado um excerto da obra de Morante que ilustra como o adjetivo “mãe” é capaz de eliminar a figura da mulher: “ninguém, a começar pelas costureiras das mães, deve pensar que uma mãe tem corpo de mulher” (Ferrante, 2017a, p. 17). Mais adiante, ainda a respeito das costureiras das mães, presentes na obra de Morante, Ferrante compartilha: “Nem mesmo as costureiras das mães, que também são mulheres, filhas, mães, são capazes do contrário. Aliás, por hábito, de maneira irrefletida, elas cortam sobre o corpo de uma mãe panos que eliminam a mulher, como se a segunda fosse uma lepra da primeira” (Ferrante, 2017a, p. 17).

Apontados os desencontros que fazem parte da experiência da maternidade, seria negligente ignorar grande parte do gozo que sente a maioria das mulheres ao tornarem-se mães, tendo em vista que tal experiência possibilita, em alguma medida, a posse de um objeto idealizado e hipervalorizado pela sociedade moderna (um filho). Sobre esse paradoxo do amor e do ódio, Freud (2020) nos revela em *As pulsões e seus destinos* que não há amor dissociado do seu contrário e que a rejeição não é um sentimento raro de uma mãe em relação ao recém-nascido. Segundo Lacan, essa posição de ambivalência amorosa que a mãe experimenta é característica de toda relação humana com os objetos que simbolizam o falo, uma vez que, ao mesmo tempo que representam uma plenitude desejada, esses mesmos objetos dão notícias da falta estrutural e da imperfeição. Isso porque o falo, na sua condição simbólica, nunca realiza o que promete (Kehl, 2016).

3.3 Freud e Lacan – o filho no lugar de equivalência do falo

Ela havia me parecido tão extraordinária quando estava com Elena, com a boneca, embaixo da barraca, ou sob o sol, à beira-mar. Muitas vezes, alternavam-se pegando areia molhada com uma colherzinha de sorvete e fingiam alimentar Nani. Como ficavam bem juntas. Elena brincava por horas a fio, sozinha ou com a mãe, e dava para ver que era feliz. Pensei que havia mais potência erótica na sua relação com a boneca, ali ao lado de Nina, do que em todo o eros que vivenciaria ao crescer e envelhecer.

(Ferrante, 2016a, p. 114-115)

Se por um lado a maternidade pode ser experimentada de modo conflituoso para uma mulher, paradoxalmente ela também pode vir a ocupar um lugar de extrema completude para aquela. Encontramos essa ideia no texto freudiano quando o autor localiza como ponto de viragem no desenvolvimento da menina a descoberta da castração. Movida pela inveja do pênis, a criança vai em direção ao pai na busca por restituir o que lhe falta, o falo. Nesse momento, um filho entrará nessa equação simbólica de equivalência (filho = falo), fazendo com que a menina, ao voltar-se ao pai enquanto objeto de amor, espere que este lhe dê um bebê:

O desejo com o qual a menina se volta para o pai é, sem dúvida, originariamente, o desejo do pênis que a mãe lhe negou, e que ela agora espera do pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho, portanto, se o filho entrar no lugar do pênis, de acordo com uma velha equivalência simbólica (Freud, 2019 [1933], p. 333).

Neste momento da pesquisa, repousarei nessa equação simbólica e nos seus desdobramentos. Para tanto, farei o exercício de retomar a construção teórica freudiana sobre os caminhos do complexo de Édipo nas meninas e, posteriormente, apresentar a leitura lacaniana e suas elaborações.

No segundo período da conceitualização freudiana, que se dá a partir do texto de 1924, com o declínio do complexo de Édipo até o texto de 1933 – “Conferência sobre a Feminilidade” –, Freud já reconhece que meninos e meninas atravessam o complexo de castração de maneiras distintas.

Conforme já exposto, ao constatar a diferença sexual, a menininha não entende a sua falta como de natureza sexual, porém a explica com a suposição de que um dia já possuiu um membro igualmente grande, mas que o perdeu pela castração. Seguindo o que expõe Freud (2019, [1924]), ainda que se saiba já castrada, a renúncia ao pênis não é tolerada pela menina, fato que a leva a deslizar-se do desejo de um pênis ao desejo de um bebê do pai. Nessa equação simbólica, mencionada anteriormente, a menina busca no pai uma tentativa de compensação através do desejo de um filho. Esse seria o ápice do complexo de Édipo na menina e, segundo Freud, culminaria em um lento abandono ao não se realizar. No entanto, o autor vai ressaltar que, ainda que nunca realizados tais desejos – o de ter um pênis e um filho do pai –, estes permanecerão fortemente investidos no inconsciente da menina e ajudarão a preparar o ser feminino para seu futuro papel

sexual (podemos ler aqui o casamento e o exercício da maternidade).

Um dos famosos casos clínicos apresentados por Freud que ilustram o desejo de um filho do pai foi o da jovem homossexual. Publicado em 1920, “Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina” narra a história de uma jovem que chega à análise após uma tentativa de suicídio. Os pais a levam até Freud para que este a cure da sua predileção pelas “damas”. Após algum tempo de análise, o psicanalista localiza no nascimento de um terceiro irmão uma mudança na libido. Em suma, quando, desabrochando na adolescência, a jovem manifestou desejos pela maternidade (um filho do pai), a chegada de um irmãozinho a fez afastar-se absolutamente do pai e dos homens em geral. O fracasso de ver sua concorrente grávida – a mãe odiada no inconsciente – a impele a rejeitar sua feminilidade e buscar outra colocação para sua libido.

Não é difícil depreender das leituras freudianas que o destino para a feminilidade desemboca na maternidade. É interessante observar, contudo, conforme nos aponta Kehl (2016), que a feminilidade em Freud só se sustenta na teoria enquanto uma estratégia de (re)conquista do falo. Nesse sentido, para a autora, a maternidade (a busca de um filho na posição de equivalência ao falo) estaria mais atrelada a uma posição dita masculina – equivalente à posse de uma das versões imaginárias do falo. Para Kehl, Freud acaba por não discriminar a dimensão imaginária do falo da sua dimensão simbólica, fator que produz um efeito muito particular no que diz respeito ao lugar da mulher nessa teoria: a portadora da evidência imaginária da falta e cujas possibilidades fálicas permanecem atadas aos limites do corpo.

Nesse debate, a psicanalista Malvine Zalcberg (2023), em *Amor: paixão feminina*, sugere como um grande momento da teoria a passagem do falo para além do *status* de imagem e presença, distinguindo-se do órgão (masculino) e revelando-se como símbolo. O falo enquanto símbolo apresenta-se na mulher pela vertente da “ausência”, do encoberto, um eufemismo usado por Freud para dizer algo da mulher sobre a qual nada pode ser dito. Ter uma relação com o falo, ainda que sob a vertente da ausência, prenuncia o que a psicanálise, sobretudo a lacaniana, desenvolverá a respeito de que nenhum ser humano escapa da lógica fálica. Longe de ser a imagem do pênis – algo que o corpo pode ter ou não ter –, “[...] o falo é, pois, um símbolo de desejo daquilo que nunca alcançamos e daquilo a que temos que renunciar para nos tornarmos homens e mulheres. É como significante do desejo que o falo funciona no inconsciente e na análise” (Zalcberg, 2023, p. 50).

Mas do que se trata então essa equivalência simbólica falo = filho para a psicanálise e sobretudo na constituição da feminilidade de uma mulher?

O amor materno é considerado um mito de amor pacificado, não ambivalente, inteiramente devotado ao objeto, o famoso amor incondicional. A mãe que acredita que o filho não precisaria de mais nada confunde sua necessidade com desejo, um filho então suprido; em troca, pode desejar apenas suprir as esperanças da mãe. Onde a falta não se inscreve, o que falha é a “suspensão de mãe” (Benhaïm, 2007). Lacan vai nos advertir de que a maternidade não recobre inteiramente a falta em uma mulher, ou seja, não se faz resolutiva em relação à questão edípica feminina. Ele faz isso separando a posição mãe da posição mulher, colocando a primeira como referida ao registro fálico, e a da mulher, como algo que escapa desse registro, tornando-a não toda fálica.

A respeito dessa falta estrutural, a qual a maternidade não é capaz de preencher, retomo a cena em que Leda é confrontada por Nina diante da confissão que fez em relação ao abandono das filhas (Ferrante, 2017, p. 143):

- Posso fazer uma pergunta íntima?
- Vamos ver.
- Por que você deixou suas filhas?
- Pensei, procurei uma resposta que pudesse ajudá-la.
- Eu as amava demais e achava que o amor por elas impedia que eu me tornasse eu mesma.

Como vimos, o tema da maternidade mostra-se intimamente ligado às questões da sexualidade feminina, tanto em Freud quanto em Lacan. A investigação dessa experiência a partir da equação filho = falo nos coloca frente a questões estruturais a todos os sujeitos, uma vez que todos, em alguma medida, somos confrontados diante da relação da mulher (mãe) com a falta. Num artigo que discute a versão edipiana da mãe, as psicanalistas Cristina Moreira Marcos e Carla de Abreu Machado Derzi (2022) articulam o caso do pequeno Hans a fim de ilustrar os efeitos subjetivos na criança quando esta ocupa esse lugar imaginário do falo que responde ao desejo da mãe.

Para as autoras, o caso do pequeno Hans fornece um paradigma dessa relação da mãe com a criança no lugar do falo imaginário, como também do encontro da criança com a castração materna. Segundo a leitura, a posição da mãe de Hans na sexuação, enquanto mulher e em relação ao pai dele, não aparece, e Hans, conforme as autoras, responde ao desejo materno do lugar do falo imaginário. Nesse sentido, se a falta se encontra preenchida pelo falo imaginário, o desejo da mãe tende a ser gozo. Isso significa que, para que haja desejo materno, é necessário haver um terceiro,

o significante do Nome-do-Pai, aquele que vem interditar esse gozo desmedido.

Ao perceber que a mãe é castrada, ou seja, que deseja, a criança se confronta com algo da ordem de um enigma e procura satisfazê-lo, completá-lo de alguma forma. Diante desse encontro enigmático com o desejo materno, oferece a si própria: “eis-me para tamponar sua falta”, identificando-se com o falo que vem a ser o suposto objeto de desejo da mãe. Sobre essa triangulação entre a mãe, a criança e o falo, Zalcberg (2023, p. 65) destaca:

Se toda criança inicialmente acredita, ilusoriamente, que “tem” o falo, objeto de desejo materno, esse “ter” já não pode ser compreendido apenas como órgão que se quer ter ou não e sim que sua posse possibilita satisfazer a mãe. [...] trata-se disso, como mencionei acima: a comunicação entre a mãe e a criança é sempre intermediada pela mediação fálica, já que entre ambas está sempre o falo como terceiro elemento, representando o significante do desejo da mãe.

Zalcberg (2023) vai além e esclarece que é para a mãe que a criança “tem” ou “não tem” o falo, porque é em função de ter que esta acredita encontrar alguma consistência para a sua existência, que no início de sua vida é nenhuma. A identificação fálica dá certa consistência à criança enquanto cobra um preço, o de alienar-se no desejo do Outro. Identificar-se ao falo é satisfazer as exigências do amor como condição inicial de existência. Ao buscar tamponar a falta enquanto falo imaginário, o que a criança busca é cobrir a castração na mãe com o seu eu.

Retomando o caso do Hans, analisado no artigo de Marcos e Derzi (2022), na dinâmica familiar do pequeno Hans falta a divisão materna: mãe e mulher. Isso porque o pai do pequeno Hans não faz a mulher não-toda existir, fato que não permite à mãe transmitir suas faltas ao filho. Para que uma mulher se presentifique, é necessário que atrás de um pai e de uma mãe estejam um homem e uma mulher que escapem à criança.

O enigma do desejo da mãe atravessa a criança, que busca, a todo momento, obstruir a falta dessa mãe. Conforme Lacan enuncia em *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*: “Eu bem que gostaria que fosse a mim que ela quer, mas está muito claro que não é só a mim que ela quer. Há outra coisa que mexe com ela – é o X, o significado. E o significado das idas e vindas da mãe é o falo”. A mãe é um desejo e, portanto, um enigma: “O que ela quer?” (Lacan, 1999 [1957-1958], p. 180).

A menina não queria ficar de pé, queria permanecer colada à mãe. Estava assustada, pressentia que Nina ficara farta, percebia tudo aquilo pelo modo como ela se arrumara para ir à cidade, pelo cheiro rebelde da juventude, pela sua beleza ávida. Por isso se

enroscava em seu corpo. A perda da boneca é uma desculpa, eu disse a mim mesma. Elena temia, acima de tudo, que a mãe escapasse dela (Ferrante, 2016a, p. 82).

Vimos que, quando tudo corre bem, um filho não é capaz de suturar a falta da mãe, isso porque a mãe é, antes de tudo, faltosa em sua estrutura. Graças a essa falta a mãe pode desejar outras coisas além da criança e permitir que esta se constitua também enquanto sujeito desejante. Mas a experiência dessa falta, dessa impossibilidade de satisfazer-se por completo diante desse falo simbólico, coloca as mulheres face a face com questões a respeito da própria castração.

Retomando as obras de Ferrante, quero destacar o momento em que Leda decide abandonar suas filhas com o pai, durante três anos, na busca de uma emancipação e de um confronto paritário com o mundo masculino. A autora comenta que tinha como pretensão narrar com a história de Leda a prepotência da função materna: “o risco que Leda corre me parece estar todo nesta pergunta: eu, mulher, hoje, conseguirei fazer com que minhas filhas me amem, conseguirei amá-las, sem ter que obrigatoriamente sacrificar a mim mesma e, por isso, me detestar?” (Ferrante, 2017a, p. 236).

Na teoria freudiana, a falta do falo torna-se problema e também solução para a mulher (Zalberg, 2023). Problema porque, conforme nos aponta a autora, a mulher freudiana é essencialmente fálica, que deseja, ama e goza em função do falo. Solução porque, em todos os registros, o falo exerce função de suplência para a mulher. A premissa da primeira formulação freudiana é a de que um filho tenha valor de uma compensação fálica à mulher, que, através da maternidade, encontra consistência para o seu ser.

Não obstante, no mesmo texto, Zalberg (2023) nos adverte para que não tomemos tais conclusões freudianas como absolutas. A autora relembra que a sociedade da época reconhecia o tornar-se mãe como única saída feminina aceita em seu tempo, em concordância com o que trabalhei no capítulo “Uma nova ontologia”, desta pesquisa. Isso porque Freud também considerou que o amor tem valor fálico para uma mulher, comparando a angústia da castração, própria do homem, com a angústia da perda de amor, própria da mulher.

Lacan trilha essa via ao seguir os passos de Freud para desenvolver a teoria sobre a sexualidade feminina. Ele reconhece o valor fálico de uma criança para a economia psíquica materna, mas enfatiza a busca do amor, por parte da mulher, junto a um homem, independentemente da compensação que esta possa ter ao tornar-se mãe. É aí que Lacan vai separar o que Freud concebeu como uma só: a posição feminina e a posição materna.

3.4 A compensação fálica pela via do amor

Se Freud reconhece que o amor em si também pode trazer uma compensação fálica à mulher, não é pela via do “ter” o falo, “eu não tenho e quero ter”, mas sim pela ordem do “ser”. Na parceria com um homem, aquele que supostamente tem o falo, o pênis simbolizado, ela busca ser amada, isto é, ser objeto do seu amor. Uma vez que o sexo feminino não está inscrito no inconsciente, a mulher busca consistência para o seu ser identificando-se pela via do amor. Assim, uma das formas que encontra para definir a sua feminilidade é através da parceria com um homem (Zalberg, 2023). Para a autora, isso explica por que as mulheres amam o amor mais do que os homens.

Quando se escuta a queixa angustiada delas concernindo seu medo de perder o amor, poderia-se crê-lo. Só que se deduz que, para uma mulher, a perda do amor excede a dimensão fálica à qual Freud a reduzia, pois o que ela perde ao perder o amor é ela mesma. O ponto importante é que o amor a identifica como mulher. No rompimento de uma relação amorosa, o sentimento de perda numa mulher tem muito a ver com a perda de amor que a identifica como mulher e não só com o homem ele mesmo (Zalberg, 2023, p. 85).

Gosto de pensar a função do amor como compensação fálica através da personagem Olga, em *Dias de abandono*. Após ser abandonada pelo marido, a personagem é lançada ao abismo, a um despedaçamento sentido no corpo, diante do abandono do marido. Durante uma entrevista, exposta no livro *Frantumaglia: caminhos de uma escritora*, Ferrante (2017a, p. 198) refere-se à história de Olga como uma história de “desestruturação crescente que chega à beira do infanticídio e da loucura [...]”. Compartilho alguns trechos a seguir:

De onde eu vinha, em que eu estava me transformando: [...] Com trinta e oito, agora, me reduzi a nada, não conseguia nem me comportar da forma que me parecia adequada. Sem trabalho, sem marido, contraída, quebrada (Ferrante, 2016b, p. 27).

Uma noite após a outra escrevi cartas para Mario, mesmo sem saber para onde enviá-las. [...] Não me importava – eu escrevia a ele mentindo – que ele voltasse a viver comigo e com os nossos filhos. [...] Desse jeito, na confusão da vida ao deus-dará, eu estava definhando, murchando, estava seca como uma concha vazia numa praia no verão (Ferrante, 2016b, p. 28).

Não sucumbir, eu dizia. Combater. Temia, sobretudo, a minha crescente incapacidade de me deter num pensamento, de me concentrar numa ação necessária. Sentia-me assustada

com torções bruscas, não controladas. Mario, escrevia para me dar coragem, não levou consigo o mundo, levou consigo somente a si mesmo. E você não é uma mulher de trinta anos atrás. Você é de hoje, segure-se no hoje, não regrida, não se perca, se segure. [...] Ele foi, você fica. Você não terá mais a luz dos seus olhos, suas palavras, mas e daí? Organize as defesas, conserve sua inteireza, não se faça quebrar como um objeto de decoração, como um brinquedo, mulher nenhuma é um brinquedo. La femme rompie, ah, rompie, rompe o caralho. A minha tarefa, eu pensava, é mostrar que é possível permanecer sã (Ferrante, 2016b, p. 54).

Eu poderia ter feito tanto, eu havia perdido tudo, tudo de mim, tudo, irremediavelmente (Ferrante, 2016b, p. 69).

Quando Lacan ultrapassa Freud na elaboração teórica acerca da sexualidade feminina, localiza o elemento falo entre o homem e a mulher como um terceiro e se questiona de que forma ele interpõe a relação entre homens e mulheres, “por um lado separando os sexos, por outro lado, os aproximando” (Zalberg, 2023, p. 91). Lacan se interessa pelo modo como homens e mulheres se submetem à lógica fálica, fator que influencia na maneira pela qual cada um aborda a relação sexual. É o que ele vai chamar de “comédia dos sexos”, quando, regidos diferentemente pelo falo, homens e mulheres não entram na relação sexual naturalmente, e sim através de um parecer – enquanto ele protege seu ter, ela esconde sua falta. (Lacan, 1998 [1958]).

Um homem se aproxima de uma mulher através do modo “eu tenho o falo”, fazendo ressurgir em seu inconsciente o desejo do Outro, ou seja, ter o falo que sua mãe supostamente deseja e o qual teria de oferecer a ela. Zalberg (2023) recorda que, não raramente, homens necessitam constantemente se reassegurar de sua virilidade, adotando modos ostentatórios que os façam “parecer ter”. Paradoxalmente, para a autora, a grande prova que um homem deve passar para reafirmar sua condição masculina é a forma como ele enfrenta a própria castração; e ela vai além: pelo enfrentamento da castração o homem vai ao encontro do desejo da mulher.

Enquanto o homem quer “parecer ter”, é pelo “parecer não ter falta” que uma mulher se aproxima ou se deixa aproximar de um homem. Na tentativa de esconder a sua falta, a mulher utiliza-se de um conjunto de artifícios para dissimular a ausência de uma identidade especificamente feminina. É o que Lacan vai chamar de “a mascarada”. A mascarada é ao mesmo tempo máscara e véu do que não se tem. Há nela um saber fazer com a própria falta, mas que a empurra para o campo da significação fálica: esconder a falta é pretender “ter”. O problema é que essa manobra da mascarada a afasta de trilhar um caminho mais próprio à feminilidade, conforme Zalberg (2023, p. 95) destaca do texto de Lacan: “quanto mais identificada ao falo, mais a mulher se afasta da especificidade da sua sexualidade, que consiste principalmente num gozo que lhe é

particular”.

É a partir do desenvolvimento do conceito da mascarada que a sexualidade feminina ganhará um novo estatuto na teoria lacaniana. “Se o homem deve ‘mostrar-se homem’, a mascarada evidencia que cabe à mulher ‘fazer-se mulher’” (Zalcberg, 2023, p. 95). Para a psicanálise, a sexuação é entendida como a forma pela qual o sujeito vai subjetivar o seu sexo, como nos mostra a teoria sobre o complexo de Édipo. Assim, a sexuação não é definida pelo sujeito, exclusivamente, mas pela sua relação com o outro sexo. Ter o sexo subjetivado pela relação estabelecida com um parceiro marca mais o destino das mulheres do que o dos homens, justamente porque essas precisam fazer-se mulheres e recorrem à mediação do outro sexo para definirem o seu ser feminino. O fato de uma mulher não contar com um significante que represente o seu sexo faz com que ela precise inventar recursos para lidar com essa questão (Zalcberg, 2023).

Lembremos de Olga quando ela diz:

Um longo pedaço de vida juntos, e você acredita que ele é o único homem com quem pode se sentir bem [...]. Consumimos e perdemos a vida porque um qualquer, em tempos longínquos, por vontade de descarregar o pau dentro de nós, foi gentil, nos escolheu entre as mulheres (Ferrante, 2016b, p. 70).

Que erro tinha sido fechar o significado da minha existência nos rituais que Mario me oferecia com um prudente sentimento conjugal. Que erro ter entregue o sentido de mim mesma às suas gratificações, aos seus entusiasmos, ao percurso sempre mais frutífero da sua vida. Que erro, sobretudo, crer que não poderia viver sem ele, quando havia tempo que nada me dava certeza de que estivesse viva com ele (Ferrante, 2016b, p. 136).

Enquanto a identificação viril dada pelo pai mostra-se suficiente ao menino, a menina precisa procurar outras formas para construir a sua identidade feminina. Freud já afirmava que a menina busca na mãe substância que possa lhe transmitir algo a respeito da feminilidade e que a sua entrada no Édipo se dá justamente quando ela constata a castração materna, levando-a a afastar-se da mãe com muita hostilidade (Freud, 2019 [1931]). Logo, ele reduz a parceria de uma mulher com um homem à busca por uma aquisição fálica, materializada pelo fruto dessa relação, uma criança. Isso fez com que o autor sobrepusesse a condição feminina ao exercício da maternidade, o que gerou inúmeras críticas à teoria, sobretudo do movimento feminista.

Na leitura de Lacan, também encontramos elaborações no sentido de considerar a parceria entre o homem e a mulher enquanto uma das soluções que esta busca na construção de sua feminilidade, porém ele não as restringe à aquisição fálica, muito menos as limita à maternidade

(Zalberg, 2023).

A partir dos anos 1960, no texto “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina”, Lacan indaga se a mediação fálica é capaz de drenar tudo o que se manifesta de pulsional numa mulher. Não se ignora que a maternidade pode trazer bastante consistência para a feminilidade – inclusive, há uma tentação enganadora de esperar dessa experiência uma plenitude absoluta, uma solução feliz e definitiva à identidade feminina. Mas, uma vez que esse estado de plenitude se dissipa, uma mulher volta a ser confrontada com a questão que outrora achava resolvida.

É por esse caminho que Lacan vai separar o que Freud havia unificado: a mulher e a mãe. Separar a condição de mãe da de mulher faz com que Lacan formule o conceito de “verdadeira mulher”.

A verdadeira mulher, para Lacan, é aquela que escolhe ser mais (ou exclusivamente) mulher que mãe, isto é, que relega sua condição materna a um segundo (ou a nenhum) plano. As figuras míticas ou trágicas dos grandes romances incitam-nos a nunca esquecer as mulheres que podem, por exemplo, tudo sacrificar à verdade de sua exigência de amor de um homem (Zalberg, 2023, p. 98).

Uma “verdadeira mulher”, numa acepção lacaniana, seria aquela que sacrificaria os filhos em nome do amor. Lacan utiliza-se da figura de Medeia, personagem famosa da tragédia de Eurípedes, como uma alegoria para ilustrar a distância que existe entre a posição feminina e a posição materna. Medeia, após descobrir ter sido traída por Jasão, foi capaz de matar os próprios filhos para puni-lo.

Podemos localizar em algumas passagens de *Dias de abandono* essa desarmonia entre as posições de mãe e mulher na personagem de Olga, embriagada em seu estado de abandono. No mês de agosto, época das férias escolares na Itália, a cidade de Turim encontrava-se esvaziada. Diferentemente dos outros anos, em que ia à praia com Mario e os filhos, naquele momento Olga via-se sozinha com Gianni e Ilaria, na cidade-fantasma, forçada a distrair seus filhos do tédio em que se achavam ao passarem os dias circunscritos em seu apartamento.

Ah, sim, eu desejava feri-los, os filhos, eu desejava ferir sobretudo o menino que já tinha até o sotaque de Turim, até Mario caía nessa, apagando a arte da cadência napolitana. [...] Talvez quisesse abandoná-los de verdade para sempre, esquecer-me deles, para depois bater a cabeça, quando finalmente tivesse reaparecido Mario, e exclamar: os seus filhos? Eu não sei. Eu perdi, acho: vi-os pela última vez há um mês, na pracinha da Cittadella.

Depois fui desacelerando o passo, voltei atrás. O que estava acontecendo comigo? Eu perdia o contato com aquelas criaturas que não tinham culpa, elas se afastaram como se estivessem equilibradas sobre um toco de madeira em fuga sobre o fluxo da correnteza. Pegá-las de novo, abraçá-las, ficar juntinho delas: eram minhas (Ferrante, 2016b, p. 62).

Num esforço contínuo para não ser empurrada totalmente à posição de mulher, Olga briga contra essa força que o abandono de Mario desperta, empenhando-se em se lembrar dos filhos que dela precisam e que também são seus, não somente de Mario.

São os meus filhos, pensava para me convencer, são as minhas criaturas. Mesmo que Mario os tivesse feito com sabe-se lá qual mulher que ele imaginava, mesmo que eu tivesse acreditado ser a Olga fazendo filhos com ele, mesmo que meu marido atribuísse sentido e valor somente a uma menina de nome Carla, outro erro seu, e não reconhecesse em mim nem o corpo, nem a fisiologia que me havia atribuído para poder me amar, me inseminar, mesmo que eu mesma não tivesse sido aquela mulher e nem mesmo – agora eu saiba – a Olga que eu acreditei ter sido, mesmo que, meu deus, fosse somente um conjunto de lados desconexos, uma floresta de figuras cubistas desconhecidas até a mim mesma, aquelas criaturas eram minhas, as minhas criaturas verdadeiras e nascidas do meu corpo, este corpo, eu tinha esta responsabilidade (Ferrante, 2016b, p. 126).

Voltaram porém os pássaros, a onda do vento queimado que atropelava a mim e à menina, minha filha, uma invenção verdadeira da minha carne que me forçava à realidade (Ferrante, 2016b, p. 132).

Conforme apresenta Zalcberg (2023), Lacan formula três maneiras de uma mulher estabelecer a parceria com um homem em busca de definir a sua identidade feminina. As fórmulas, segundo a leitura da psicanalista, expressariam as diferentes posições que a mulher adotaria na relação com o parceiro: “ser-lhe o falo, ser-lhe o objeto-causa de desejo e ser-lhe o sintoma onde se fixa o seu gozo” (Zalcberg, 2023, p. 101). Tais posições consistem na solução que a mulher encontra para a sua falta-a-ser. Se Freud aborda a questão feminina sob a perspectiva de ter ou não o falo, a possibilidade de “ser o falo” é uma criação lacaniana. E mais, a autora localiza que, a partir dessa formulação de Lacan, de a mulher poder “ser o que não tem”, entre 1957 e 1960, se vê antecipada a disjunção que ele fará entre a mãe e a mulher.

No primeiro tempo do seu ensino, Lacan vai seguir o pensamento de Freud e considerar o desejo da mulher como complementar ao desejo do homem, sempre referenciando-a ao falo: tornar-se o que ela não tem, tornar-se o falo, para despertar o desejo do homem. Ao buscar ser amada por um homem, a mulher identifica-se ao falo na fantasia masculina e obtém um benefício narcísico – ser amada e desejada. Todavia, a identificação fálica implica uma rejeição de uma parcela essencial de sua feminilidade, abdicando de um gozo próprio para fazer existir o do Outro, pagando com o

preço de sua frigidez (Zalcberg, 2023).

É a partir do segundo tempo do seu ensino que Lacan vai reconhecer um desejo mais específico da mulher, para além do desejo de complementaridade ao desejo do Outro:

O objeto que a mulher se torna para satisfazer o desejo do homem nada diz dos objetos que ela tem, daqueles que causam seu desejo. Deve haver um motivo pelo qual uma mulher é levada a aceitar – e a procurar – ocupar esse lugar que a faz falo para um homem, para além de seu anseio de ser. Donde a questão: o que existe para uma mulher, quanto ao seu desejo, para além deste consentimento em se fazer desejar e amar por um homem (Zalcberg, 2023, p. 113).

A grande virada lacaniana foi descobrir que a lógica edípica fundamentada no conceito de falo não dava conta da constituição psíquica da mulher, supondo existir um mais-além da lógica fálica e um mais-além do Édipo. Tal contribuição lacaniana mudou a perspectiva da constituição psíquica dos sexos e situou-se notadamente em *O Seminário, livro 20, mais, ainda*, onde Lacan vai propor uma fórmula da sexuação colocando o enigma sexual em relação com a linguagem. Nessa proposta, a diferença entre o feminino e o masculino insere-se por oposição, tendo como base uma matriz fálica.

4 MÃES E FILHAS

A menina não queria ficar de pé, queria permanecer colada à mãe. Estava assustada, pressentia que Nina ficara farta, percebia tudo aquilo pelo modo como ela se arrumara para ir à cidade, pelo cheiro rebelde da juventude, pela sua beleza ávida. Por isso se enroscava em seu corpo. A perda da boneca é uma desculpa, eu disse a mim mesma. Elena temia, acima de tudo, que a mãe escapasse dela.

(Ferrante, 2016a, p. 82)

A relação entre mães e filhas pode ser apontada como algo de destaque na construção da narrativa de Ferrante. Ao contrário do que talvez se espere num romance, tais relações estão longe de serem ideais, lineares, exclusivamente ternas. São complexas, ambivalentes, permeadas de amor e de ódio, e, sobretudo, demonstram impactar a forma como as personagens constroem a sua identidade feminina. Isso porque tais relações permeiam a história dessas, influenciando nas decisões de vida, trabalho e amor.

À luz da psicanálise, a relação entre mães e filhas tem considerável importância, que se acentuou principalmente desde os estudos freudianos acerca da sexualidade feminina. Freud evidenciou a importância da relação pré-edípica da menina com a mãe para a constituição da sua feminilidade, alegando que, ainda que a criança se separe da mãe (através de muita hostilidade), há sempre um resto de separação que não se logra e com o qual as mulheres precisarão, futuramente, se haver à medida que se confrontarem, em algum momento da vida, com as questões acerca da sua feminilidade (Freud, 2019 [1932]).

De início, Lacan não deu tanta ênfase a essa relação, tal qual Freud e os pós-freudianos (Melanie Klein e Anna Freud), dedicando-se sobretudo à questão da metáfora paterna para a constituição dos sujeitos. Contudo, no texto “O aturdito”, reconhece que a relação de uma mulher com sua mãe é da ordem da devastação, e adiciona: “como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai [...]” (Lacan, 2003, p. 465).

Assim, considerando que há algo que se destaca nas obras a respeito dessa temática tão cara à psicanálise, abordarei neste capítulo a relação das personagens femininas de Ferrante com suas mães e filhas, especialmente sob a perspectiva de duas questões: a dificuldade da separação entre a menina e a mãe e o caráter ambivalente dessa relação.

4.1 Juntas

Agora Ilaria estava diante de mim e parecia ter vindo exatamente daqueles contos da infância. Quando percebeu o desgosto que devia estar estampado na minha cara, sorriu pelo embaraço, e com olhos fúlgidos disse, justificando-se: “Somos idênticas”.

(Ferrante, 2016b, p. 116)

Para pensar a questão da separação entre mãe e filha, preciso, antes de tudo, debruçar-me sobre o momento em que elas parecem ser uma só. Seria o período denominado por Freud de pré-edípico e a ocasião em que Lacan situou a criança enquanto alienada no desejo do Outro. São fases fundamentais para a constituição do sujeito e as quais têm em comum a mãe enquanto primeiro objeto de amor da criança.

Para Freud, durante a fase pré-edípica, há uma intensa ligação entre a menina e a mãe, quando o pai não é nada além de um rival incômodo (Freud, 2019 [1931]). Paralelamente, Lacan define a alienação enquanto um processo no qual a criança, ao nascer, depende do mundo de significação e de desejo de um outro – no caso, a mãe. Por assujeitar-se ao Outro, ela torna-se um sujeito de linguagem, permitindo ser representada por palavras, significantes. É uma espécie de escolha forçada, tal qual concebe Lacan, todavia necessária para que o indivíduo advenha enquanto sujeito (Lacan, 1988 [1964]).

O momento da alienação mostra-se, então, um período em que mãe e filha encarnam uma relação simbiótica, uma vez que a primeira reúne muitos aspectos que determinam a criança, desde os cuidados biológicos aos cuidados de amor, no nível da necessidade e da demanda, respectivamente. Nessa fase, as respostas de uma mãe ao seu bebê constituem lei, as demandas deste são mandamentos, os desejos, desígnios (Zalberg, 2003). A mãe é a primeira a representar o lugar do Outro para a criança, no qual ela encontra-se, de início, alienada como condição estruturante.

Logo no início do texto *A filha perdida*, a personagem Leda confronta-se, no cenário litorâneo, com a relação entre uma jovem mãe, Nina, e sua filha, Elena. A maternidade aparentemente perfeita de Nina leva Leda a imaginar a existência de uma relação pacífica entre mãe e filha, sem ódio nem ambivalências. Aos olhos da personagem narradora, Nina parece preencher-se com a filha, parece não desejar nada além da menina. Podemos depreender isso numa cena em que elas nadam no mar e ali permanecem sem pressa. A distância, Leda observa a forma

como mãe e filha riem entre elas, “aproveitando o prazer de sentir um corpo no outro, de roçar os narizes, de espirrar água uma na outra, de dar beijinhos uma na outra” (Ferrante, 2016a, p. 19). Diante dos olhos de Leda, Nina é uma mãe supostamente completa, conforme diz logo nas primeiras páginas: “A moça, já bonita por natureza, distinguia-se com aquele seu jeito de ser mãe; parecia não querer nada mais além da menina” (Ferrante, 2016a, p. 19).

Na fase pré-edípica, as primeiras vivências sexuais que as crianças experimentam são passivas em relação à mãe, que amamenta e cuida. Durante seu desenvolvimento, enquanto uma parte da sua libido fica presa a essas experiências, outra parte tende a se manifestar de modo ativo. Freud destaca que é possível observar, através das brincadeiras infantis com as bonecas, uma mudança da passividade para a atividade na menininha, como quando ela reproduz de modo ativo suas experiências passivas: “Agora vamos brincar que eu sou a mãe e você é a filha” (Freud, 2019 [1931], p. 300). Através da brincadeira de boneca, a menina realiza os seus desejos ativos de maneira indireta, ocasião em que ela representa a mãe, assim como a boneca, a filha. Freud (2019 [1931]) vai associar a predileção das meninas por bonecas com o despertar precoce de um sinal da feminilidade.

Mais adiante, Leda observa a brincadeira de boneca entre Nina e Elena:

Eu encarava a menina no seu vaivém e não sabia o que havia de errado, talvez a brincadeira com a água ou o prazer ostentado por Nina ao sol. Ou as vozes, sim, sobretudo as vozes que mãe e filha atribuíam à boneca. [...] Mas me sentia desconfortável como se estivesse diante de algo malfeito, como se parte de mim exigisse intensamente que elas se decidissem e dessem à boneca uma voz estável, constante, a da mãe ou a da filha, chega de fingir que eram a mesma coisa (Ferrante, 2016a, p. 24-25).

Ela havia me parecido tão extraordinária quando estava com Elena, com a boneca, embaixo da barraca, ou sob o sol, à beira-mar. Muitas vezes, alternavam-se pegando areia molhada com uma colherzinha de sorvete e fingiam alimentar Nani. Como ficavam bem juntas. Elena brincava por horas a fio, sozinha ou com a mãe, e dava para ver que era feliz. Pensei que havia mais potência erótica na sua relação com a boneca, ali ao lado de Nina, do que em todo o eros que vivenciaria ao crescer e envelhecer (Ferrante, 2016a, p. 114-115).

Sobre o excerto compartilhado acima, Ferrante (2017a, p. 237) confessa em uma de suas entrevistas presentes em *Frantumaglia*:

Quero dizer que, durante toda a vida, nas circunstâncias mais diversas, o vapor erótico que o corpo materno propagava só para nós será ao mesmo tempo um arrependimento e um objetivo. Leda acha que vê na relação entre a menina Elena e sua boneca uma espécie de miniatura feliz da relação mãe-filha. Mas uma miniatura é sempre uma simplificação. E

as simplificações cegam.

O processo de alienação de uma criança remete à experiência do desamparo, descrita por Freud como uma situação de dependência extrema e pela qual um adulto busca satisfazer suas necessidades, gerando uma experiência de satisfação. Essa primeira experiência de satisfação deixa traços no psiquismo da criança, e por meio dela a criança passará a desejar ver reatualizado o prazer que lhe causou. É uma fase de mútua compreensão, em que a mãe dá sentido às sensações experimentadas inicialmente como “sensações brutas” pela criança. Mais adiante, a compreensão mútua torna-se insuficiente, e a criança precisa pedir o que deseja, momento em que endereça sua demanda ao outro. A ruptura entre necessidade e demanda coloca a criança diante da dimensão de uma perda: enquanto a necessidade pode, em alguma medida, ser atendida, a demanda nunca pode ser totalmente satisfeita; isso porque não se trata apenas de uma busca de um objeto, mas, sobretudo, de uma demanda de amor (Zalcbberg, 2003).

Em um dado momento da narrativa, Leda encontra Nina e Elena em uma loja de brinquedos e percebe a agitação da menina; conclui que não se trata da perda da boneca, mas sim do medo de perder a mãe: “A perda da boneca é uma desculpa, eu disse a mim mesma. Elena temia, acima de tudo, que a mãe escapasse dela” (Ferrante, 2016a, p. 82). Para Leda, Elena não deseja a boneca perdida, o que ela demanda é o amor da mãe. O roubo da boneca coloca em cena o desconcerto entre as demandas da criança, que não podem ser satisfeitas por completo, e escancaram o furo daquilo que, à primeira vista de Leda, manifestava-se enquanto completo, pacificado.

Pensei em como um ato obscuro gera outros, cada vez mais obscuros, então o problema é interromper a cadeia. Elena ficaria contente em reaver sua boneca, disse a mim mesma. Ou não, uma criança nunca quer somente aquilo que pede; pelo contrário, um pedido satisfeito torna ainda mais insuportável a falta não confessada (Ferrante, 2016a, p. 157).

Enquanto a metáfora paterna não interfere na relação mãe-criança, ou seja, enquanto a separação não se opera, a distância entre a necessidade atendida e a demanda insaciada faz com que a criança se questione acerca do desejo da mãe, desejo enigmático que lhe causa inquietude: “o que ela, minha mãe, deseja?”. Por tratar-se de um enigma, a criança tenta responder ao desejo da mãe oferecendo-se como substituta do que falta a ela, numa via de receber o seu amor e apaziguar a insatisfação materna. A essa condição, alienada ao desejo do Outro, a criança identifica-

se e busca obter o amor almejado pela mãe.

Segundo Zalcberg (2003), na fase da alienação, a ausência da mãe é sentida enquanto ausência de amor. Com relação ao enigma do desejo materno e à incidência dele na criança, trago uma passagem de Leda, que se refere a um medo infantil perante a ausência da mãe:

Lembro-me do dialeto na boca de minha mãe quando perdia a cadência meiga e gritava conosco, intoxicada pela infelicidade: não aguento mais vocês, não aguento mais. [...] Em uma, duas, três ocasiões ameaçou a nós, suas filhas, dizendo que iria embora, vocês vão acordar de manhã e não vão mais me encontrar. Eu acordava todos os dias tremendo de medo. Na verdade, ela sempre estava lá; nas palavras, vivia sumindo de casa. Aquela mulher, Nina, parecia serena, e eu senti inveja (Ferrante, 2016a, p. 20-21).

Eu tinha medo de que fosse a minha mãe a se perder, vivia com a angústia de não conseguir mais encontrá-la. [...] Mas, ao primeiro conflito, a máscara caía e ela também aderiu ao comportamento, à linguagem dos outros, com uma violência semelhante. Eu a observava, surpresa e decepcionada, e planejava não ser como ela, tornar-me realmente diferente e demonstrar-lhe, desse modo, que era inútil e ruim que ela nos assustasse com seus “vocês nunca mais vão me ver”. Era preciso que ela mudasse mesmo, ou que realmente fosse embora de casa, que nos abandonasse, que desaparecesse. Como eu sofria por ela e por mim, como eu me envergonhava de ter saído da barriga de alguém tão infeliz (Ferrante, 2016a, p. 30).

Em outra cena bastante curiosa, Leda flagra Nina num caso extraconjugal com Gino, o salva-vidas da praia que frequentam. A descoberta da traição, da dimensão desejante de Nina para além da criança, desencadeia uma série de sensações no corpo, as quais a personagem reconhece serem de origem infantil:

O fato de tê-los surpreendido havia me causado, não sei como dizer, uma perturbação. Era uma emoção confusa, somava o visto ao não visto, suscitava-me calor e um frio suado. O beijo deles ainda ardia, esquentava meu estômago, deixava em minha boca um sabor de saliva morna. Não era uma sensação adulta, mas infantil, sentia-me como uma menina trêmula. Havia retornado fantasias muito distantes, imagens falsas, inventadas, como, quando criança, eu imaginava que minha mãe saía de casa em segredo, de dia e de noite, para encontrar seus amantes, e eu sentia no meu corpo a alegria que ela vivenciava. Agora parecia que estava despertando no fundo da minha barriga uma substância sarrenta que havia ficado em repouso por décadas (Ferrante, 2016a, p. 114).

A descoberta do desejo de Nina por algo além da maternidade remete Leda às cenas infantis e às fantasias que construía diante da ausência materna. Em um relato semelhante, Delia, a personagem de *Um amor incômodo*, confessa o desconforto sentido no corpo quando a mãe estava fora:

Quando criança, quando ela estava fora, eu a esperava na cozinha, atrás da janela. Ficava ansiosa esperando ela reaparecer no fim da rua, como uma figura em uma bola de cristal. Eu respirava junto ao vidro, embaçando-o, para não ver a rua sem ela. Se demorava, a ansiedade se tornava tão irrefreável que eu transbordava em tremores no meu corpo. Então eu fugia para um quatinho de despejo sem janelas e sem luz elétrica, bem ao lado do quarto dela e do meu pai, fechava a porta e ficava no escuro, chorando em silêncio. “Quando voltar, mato você”, eu pensava, como se tivesse sido ela a me deixar fechada ali dentro. Mas assim que eu ouvia sua voz no corredor, esgueirava-me para fora rapidamente e ficava a rodeando com indiferença (Ferrante, 2017b, p. 8-9).

Para melhor compreender o enigma do desejo materno, retomo a teorização de Lacan (1995 [1956-1957]), presente em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Nele, Lacan discursa sobre a falta de objeto a partir de três vertentes: privação, frustração e castração.

A privação opera no primeiro tempo e seria da ordem do real. Nesse registro, a falta incide de modos distintos para a mãe e a criança. A mãe, enquanto uma mulher não-toda, apresenta-se como uma matriz simbólica para a criança, que interpreta as necessidades e as demandas, porém alterna entre presença e ausência. A importância de a mãe colocar-se enquanto não-toda evidencia a dimensão do seu desejo, que a deixa ausente. A alternância entre presença e ausência vai possibilitar inscrever a criança no registro da privação. Para Lacan, é nesse tempo que se situaria a inveja do pênis para a menina, em que recai a falta real de um objeto simbólico, o falo.

No nível da frustração, há algo que foi desejado e não obtido, e os objetos oferecidos pela mãe à criança ganham outro estatuto: além do que a mãe oferece, importa, mais ainda, como ela o faz. Nesse momento, a necessidade não é plenamente atendida, e a mãe mostra-se dividida para criança, insatisfeita. A criança até busca restituir o que falta à mãe na tentativa de conter sua voracidade, mas há um engodo nessa dinâmica que a coloca numa nova organização na relação com o objeto.

O enigma do desejo da mãe provoca a criança a colocar-se em equivalência ao falo, com aquilo que falta à mãe, mas ela pouco ou nada sabe do seu desejo. A mãe, em princípio, também pode buscar esse movimento, de tamponar a própria falta estrutural, posicionando a criança nesse lugar. Essa seria uma das formas de a criança reagir diante da situação de submissão em face do Outro, entrando ativamente na fase fálica.

Uma outra maneira de a criança responder à sua posição passiva em relação ao Outro materno é procurar separar-se desse lugar fálico em que a mãe a situa. Como solução, ela impõe ao Outro uma perda: torna-se o que está faltando ao Outro. Trata-se de uma solução oposta àquela encontrada pela criança que busca completar o Outro e não lhe infligir uma falta. Em ambos os

movimentos, ela procura uma saída de sua condição de submissão inicial. Mas a resolução operativa desse corte só será possível através da ajuda do pai.

Leda recorda que, quando criança, não fazia outra coisa além de se perder. O que na verdade ela confessa era o medo de perder a sua mãe e não conseguir mais encontrá-la:

Minha mãe dizia que eu não fazia outra coisa além de me perder quando criança. Um instante de desatenção e eu sumia; era necessário correr até o quiosque e pedir que anunciassem no alto-falante como eu era, o meu nome, e ela, enquanto isso, ficava esperando ao lado do balcão. Eu não tinha nenhuma lembrança desses sumiços, carregava outras coisas na memória. Eu tinha medo de que fosse a minha mãe a se perder, vivia com a angústia de não conseguir mais encontrá-la (Ferrante, 2016a, p. 50).

A criança sente prazer em se esconder da mãe na tentativa de indagar se o Outro pode perdê-la como um objeto. A repetição dessa experiência de desaparecimento é uma forma de a criança se certificar de que há uma separação entre ela e aquilo que falta à mãe:

Se a criança não tiver a mínima ideia de validação da sua existência pelo Outro, ela não ficará livre para continuar repetindo o movimento de separação do Outro. [...] O movimento de separação com o Outro materno deve ser repetido muitas vezes, para que a criança adquira consistência de seu ser como sujeito (Zalberg, 2003, p. 81).

A entrada de um terceiro na relação entre mãe e filha possibilitará o processo de separação e a interdição dessa busca incessante da criança de querer ser aquilo que falta à mãe, impedindo que esta a devore. O pai, ou a metáfora paterna, como desenvolveu Lacan, tem a função de tirar a criança dessa condição alienante e mobilizá-la a buscar essa satisfação em outros lugares. A metáfora paterna possibilita que a criança saia dessa condição alienante na medida em que nomeia o desejo da mãe: “Não é você o objeto de desejo de sua mãe; o desejo de sua mãe tem nome: chama-se falo” (Zalberg, 2003, p. 57). É nesse momento que se instaura o terceiro tempo do Édipo, a castração.

4.2 Separadas

- O que você acha de mim? [...]
- Acho que assim você vai acabar mal. Precisa voltar a estudar, Nina, se formar e achar um trabalho. Ela fez uma careta de decepção.
- Não sei de nada e não valho nada. Fiquei grávida, pari uma filha e não sei nem mesmo como sou por dentro. A única coisa

que quero de verdade é fugir.

(Ferrante, 2016a, p. 171)

O processo de alienação, tal qual formulou Lacan, é fundamental para que o sujeito possa se inserir na linguagem. Quando a criança consente em alienar-se ao desejo do Outro, há um preço a pagar, o preço da sua divisão subjetiva. Todavia, através da operação da separação a criança tem acesso ao mundo simbólico e pode constituir-se enquanto um sujeito desejante. É importante localizar aqui que o processo de constituição do sujeito baseado nas operações de alienação-separação é um conceito que Lacan desenvolve atrelado à lógica dos significantes.

Essa forma de ver a constituição psíquica dos sujeitos parte da lógica fálica para explicar o advento do sujeito. Faço essa introdução para poder, enfim, apresentar conceitualmente o processo operatório da separação, possibilitado através da metáfora paterna. De início, a criança encontra-se totalmente alienada ao que Lacan vai atribuir como S1, o significante primordial. Através da introdução de um terceiro na relação entre a mãe e a criança, ao pai é reservado o significante S2, que vai nomear o desejo da mãe para a criança. A criança só tem acesso ao S1 através da introdução do S2 na cadeia de significantes, por isso o seu acesso ao mundo simbólico, uma vez que antes ela encontrava-se completamente alienada ao Outro primordial.

Para Bruce Fink (1998), a operação da separação envolve o confronto do sujeito alienado com o Outro, agora não como linguagem, mas como desejo. Na separação, há a tentativa por parte do sujeito alienado de lidar com o desejo do Outro, entendido como desejo por algo mais. Fink correlaciona o fenômeno da separação ao que Freud postulou como resolução do complexo de Édipo: “O fracasso da criança em tentar complementar com perfeição a mãe leva à expulsão do sujeito da posição de desejar-ser e ao mesmo tempo fracassar-em-ser o único objeto do desejo do Outro” (Fink, 1998, p. 73).

A instauração da metáfora paterna opera na separação através de uma dupla função: a de proibir que a mãe encontre na criança uma representação simbólica para a sua falta e, do outro lado, a de proibir que a criança continue desejando ser esse objeto de desejo da mãe, um desejo que Zalcberg (2003) tratará como mortífero. A separação então opera no sentido de permitir que a criança ligue a demanda do falo a um Outro simbólico, representado agora pela figura do pai. “A criança descobrir não ser o falo, objeto de desejo da mãe, interrompe seu diálogo exclusivo com a mãe no nível de demanda de amor” (Zalcberg, 2003, p. 59).

Todavia, diferentemente do menino que se afasta da mãe tomado pela angústia de

castração, a menina, por saber-se já castrada, não padece da mesma angústia. É por isso que Freud pergunta-se, no texto “A feminilidade” (Freud, 2019 [1931], p. 285): “Como, quando e por que ela se desliga da mãe?”. Sobre a separação entre mãe e filha, Zalcberg complementa: “É particularmente complexo o modo pelo qual uma mulher engendra-se, põe-se no mundo, isto é, separa-se de sua mãe” (Zalcberg, 2003, p. 38).

Freud, no texto “Conferência XXXIII”, debruça-se principalmente sobre a questão da separação entre a menininha e a sua mãe, na fase pré-edípica. O desenvolvimento da menina até a mulher inclui duas tarefas: a troca do clitóris para a vagina, a qual Freud (2019 [1933], p. 321) nomeia como “viragem para a feminilidade”, e o abandono do primeiro objeto de amor da criança, a mãe, para dirigir-se ao pai.

Como apresentado no capítulo teórico sobre o complexo de Édipo nas meninas, a conclusão freudiana foi a de que o motivo pelo qual a menina afasta-se da mãe está relacionado com a frustração da falta fálica, pelo fato de a mãe tê-la parido com o genital errado e pela constatação da criança de que a própria mãe é castrada. A hostilidade seria o que possibilitaria então conceber esse afastamento.

A constatação da castração da mãe viabiliza a separação entre a criança e o Outro materno. Jacques-Alain Miller (2014), no texto “A criança entre a mulher e a mãe”, enfatiza que, para que a incidência da função paterna opere na relação dual da mãe com a criança, é preciso ainda que a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo; é preciso que seu desejo também se dirija a um homem. Portanto, conforme cita Miller, Lacan realça que, além da função paterna, é necessário que o pai seja um homem. O poder da mãe só poderá ser regulado pela interferência de um terceiro dependendo da disposição dessa em aceitá-la.

A partir da operação simbólica, a menina sai da condição de objeto do desejo da mãe, depara-se com a dialética do ter sob a forma de não ter e, assim, identifica-se à mãe. Junto desta, a criança saberá onde está e onde deve buscar o falo, ao lado do pai, aquele que tem (Lacan, 1999 [1957-1958]). Nesse sentido, homens e mulheres encontram no pai um destino diferente. A saída do complexo de Édipo nos meninos é através de uma posição identificatória viril sob a forma de um pacto: ele recebe do pai o direito ao falo. Já a menina terá que continuar procurando a sua identidade como mulher, visto que, à saída do Édipo, sua identificação é masculina.

Uma vez nomeado o desejo da mãe pela metáfora paterna, a criança deve confrontar-se com o fato de perder seu lugar de ser o falo da mãe. Isso abre questões, uma vez que, identificada

ao falo, a criança encontrava uma espécie de consistência de seu ser. Inclusive, a identificação fálica pode ser extremamente satisfatória para a criança. Até o momento da castração, enquanto o desejo da mãe permanece como enigma, a identificação fálica mostra-se como uma solução encontrada pela criança para fazer face à angústia que pode ser se confrontar com o desejo materno, cujo significado lhe escapa.

A metáfora paterna, ao mesmo tempo que viabiliza a separação e o surgimento do sujeito, também o denomina como sujeito dividido, a cujos significantes primordiais ele nunca terá acesso; ele é apenas um “efeito” do significante (Fink, 1998).

Por desenvolver-se sob a cadeia de significantes que o determina sem seu conhecimento, o sujeito na teoria lacaniana é essencialmente falta-a-ser. É por isso que, segundo Zalcberg (2003), ele torna-se tão dependente de um Outro que lhe diga quem ele é. O Outro, para Lacan, é o lugar de onde o sujeito busca uma resposta para a sua existência. A autora vai dizer que a mulher é ainda mais cativa do que o homem na busca por uma referência para o seu ser, uma vez que ela precisa lidar com a falta-a-ser constitutiva de todo sujeito, mas também com a falta de um significante específico de seu sexo, o feminino. É por isso que Lacan afirma no texto “O aturdito” que as mulheres esperam mais substância de suas mães do que do pai.

4.3 Demandas

“Posso também me maquiar como você?”

“Não. Cuide do seu irmão.”

“Cuide você”, rebateu chateada, e foi direto ao banheiro.

“Ilaria, não toque minha maquiagem.”

(Ferrante, 2016b, p. 106)

Eis uma questão que levanto ao me confrontar com as demandas insaciáveis das personagens de Ferrante em relação às suas mães e filhas: por que a menina espera mais substância da mãe do que do pai? Vejamos o que Leda fala sobre as demandas imperiosas das filhas:

Elas me procuravam com frequência, sobretudo Bianca, que tinha comigo uma relação mais imperiosamente exigente, mas só para saber se sapatos azuis combinavam com uma saia laranja [...], se eu continuava disposta a permitir que elas descarregassem sobre mim todas as suas raivas e infelicidades, apesar dos continentes diferentes e do vasto céu que nos separava.

Bianca uma vez gritou para mim, aos prantos: você sempre se acha superior. E Marta: por que você quis nos ter se não faz outra coisa além de se queixar de nós? (Ferrante, 2016a, p. 36).

[...] e falava como se a culpa fosse minha, eu não a fizera de uma maneira que pudesse ser feliz. Queixas antigas. [...] Quando encerrei a ligação, estava arrependida de ter telefonado, sentia-me mais agitada do que antes, meu coração batia forte (Ferrante, 2016a, p. 39).

Leda também reconhece em si uma filha que exigira demasiadamente da mãe. Durante o tempo em que ficou longe das filhas, foi sua mãe quem cuidou delas. A personagem confessa: “Minha mãe foi ótima na época, cuidou delas, desgastou-se, contudo eu não lhe mostrei gratidão, nem por isso nem por qualquer outro motivo. [...] Mais tarde, quando fui buscar minhas filhas e as levei de volta a Florença, acusei-a de tê-las marcado negativamente, como havia feito comigo” (Ferrante, 2016a, p. 109).

Malvine Zalcberg (2003) afirma que as mulheres têm maior dificuldade do que os homens em renunciar à demanda do Outro justamente pelo fato de buscarem uma dupla compensação para a sua falta-a-ser, enquanto sujeito e enquanto mulher: “seu caminho para a formulação de seu desejo é mais complexo e sinuoso do que o do homem” (Zalcberg, 2003, p. 44). Para que o desejo apareça, é necessário haver um espaço deixado pela demanda, ela não pode ser totalmente satisfeita. “O fato de a mulher ter de continuar insistindo na demanda (de amor) à mãe para dar alguma consistência ao seu ser, turva a distância a ser mantida entre demanda e desejo, dificultando o surgimento deste em sua vida, separado do desejo do Outro” (Zalcberg, 2003, p. 44).

O que ocorre é que o desejo, conforme Lacan (2003) ressalta desde “Os complexos familiares”, nunca pode ser satisfeito por completo não só pela sua impossibilidade mas, sobretudo, pela sua inadequação. Há que se consentir com a falta no intuito de preservar o espaço da demanda. A metáfora paterna é a função que vai inscrever a dimensão da falta na existência da criança, a dela e a da sua mãe. Porém, para que ela incida, como falei anteriormente, é necessário que a mãe consinta com a própria castração.

Freud dizia que nas meninas o complexo de Édipo não se dissolvia, mas era abandonado lentamente à medida que seu desejo por um falo = filho do pai não se realizava. Todavia, a menina parece não se voltar apenas ao pai procurando uma insígnia sobre o seu sexo. Conforme o próprio Freud afirmou, ao descobrir que a mãe não pode lhe indicar um signo claro acerca da sua identidade feminina, ela abandona a mãe sob um ódio que, segundo Freud, pode perdurar por uma vida inteira. Esse ódio que liga a menina à mãe é da ordem de uma reivindicação que, mesmo após a operação da separação, parece reeditar-se na relação entre elas.

Vejamos o trecho em que Leda relata a postura da filha Bianca, que poderíamos pensar ser da ordem de uma reivindicação fálica: “Bianca não, Bianca desde pequena me enfrentou. Tentou arrancar de mim o segredo das minhas qualidades que a seus olhos pareciam maravilhosas e mostrar que também era capaz de tudo aquilo” (Ferrante, 2016a, p. 75).

É por isso que Malvine Zalcberg vai destacar a importância de a mãe aceitar a própria impossibilidade de transmitir algo sobre a feminilidade, uma vez que, quanto mais difícil for para uma mãe apresentar-se em falta e fazer algo com ela, mais ela predispõe a filha a continuar a esperar receber da mãe esse signo da feminilidade. Uma esperança que, segundo Zalcberg (2003), pode transformar-se em paixão e tornar sua separação ainda mais difícil.

A relação entre mãe e filha torna-se especificamente mais complexa quanto mais a menina dirige à sua mãe questões acerca da sua identidade feminina. Para a mulher, a dificuldade em aceitar a falta, tanto a sua quanto a do Outro, está na origem de muitos problemas da sua vida feminina. Isso porque, quando renuncia a pedir ao Outro um significante de seu sexo, a solução que tem é se apoiar em si mesma. É o que teme a mulher: viver no desvanecimento do Outro, viver sem identificações (Zalcberg, 2003).

Particularmente, o livro *Um amor incômodo* é o que mais presentifica essa dificuldade que a filha tem de se separar da mãe e construir seus próprios caminhos enquanto mulher. Delia, muito presa à Amalia de suas fantasias infantis, só pode finalmente ver-se separada dela após a sua morte. O retorno a Nápoles para o funeral faz com que aquela mulher de meia-idade consiga enfim vestir o *tailleur* da mãe e sentir-se confortável na própria pele. Compartilho um trecho a seguir que ilustra esse movimento:

Aquilo acontecia depois de eu ter desejado eliminar, durante anos, por ódio, por medo, todas as minhas raízes vindas dela, até as mais profundas: seus gestos, suas entonações, a maneira de pegar um copo ou de beber de uma xícara, o jeito de vestir uma saia como se fosse um vestido, a ordem dos objetos na cozinha, nas gavetas, o modo de lavar as partes mais íntimas, os gostos alimentares, as repulsas, os entusiasmos, e, enfim, o idioma, a cidade, os ritmos da respiração. Tudo rarefeito, para que eu pudesse me tornar eu mesma e me desligar dela (Ferrante, 2017b, p. 78).

A dificuldade de separar-se da mãe fez com que Delia não conseguisse trilhar os próprios caminhos em busca da feminilidade. Numa tentativa de manter o Outro como completo, sem falhas, podemos pensar que Delia viveu sob a chancela da mãe, alienada em seu desejo. Em seguida ao trecho compartilhado acima, Delia diz:

Por outro lado, eu não quis ou não consegui enraizar ninguém em mim. Mais algum tempo e perderei até a possibilidade de ter filhos. Nenhum ser humano jamais se desligaria de mim com a mesma angústia com que me desliguei da minha mãe apenas porque nunca consegui me apegar a ela definitivamente. Não haveria nenhum mais ou menos entre mim e outro ser feito de mim. Eu permaneceria sendo eu até o final, infeliz, insatisfeita com aquilo que arrastara furtivamente para fora do corpo de Amalia (Ferrante, 2017b, p. 78).

Por outra via, uma filha também pode ficar presa na demanda com a mãe se sentir que esta não obteve nenhuma gratificação com ela, ou que teve uma maior com um filho, por exemplo. Dessa forma, ela pode se ver capturada no lugar de quem não deu nada e continua não tendo nada para dar à mãe, para sempre (Zalcberg, 2003). Uma mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, ou seja, se os cuidados que dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher. Se o objeto criança não divide, no sujeito feminino, a mãe e a mulher, ou ele entra com a mãe numa relação que o alicia, ou ele sucumbe enquanto objeto dejetivo (Miller, 2014).

Num diálogo com as filhas, sufocada pelas demandas que estas lhe impunham, Leda relembra como na adolescência se sentia feia perto da mãe e como se ressentia de não ter herdado a aura da sua genitora, capaz de “se expandir e evaporar pelas ruas, no metrô ou no teleférico, nas lojas, sob os olhares de estranhos” (Ferrante, 2016a, p. 72). A personagem parece queixar-se desse lugar não cativo ao olhar da mãe, o qual ela supostamente não ocupou:

Lembrava, até bem demais, como na idade de Marta eu estava convencida de que minha mãe, ao me fazer, se afastara de mim, como quando temos um impulso de rejeição e afastamos o prato com um gesto. Eu suspeitava de que ela tivesse começado a fugir de mim quando eu ainda estava em seu ventre, embora na minha infância todos me dissessem que eu me parecia com ela. Havia semelhanças, mas para mim eram desbotadas (Ferrante, 2016a, p. 72).

Por outro lado, a personagem também exibe culpa pelas frustrações que acometiam suas filhas, como se, de alguma forma, ela tivesse a onipotência e a responsabilidade pela felicidade delas. “Naquela época, eu tinha uma dor de estômago constante por causa da tensão. Era o sentimento de culpa: eu achava que todo sofrimento que atingisse as minhas filhas era fruto do já comprovado fracasso do meu amor” (Ferrante, 2016a, p. 72).

Seguindo essa linha, trago um trecho que Ferrante escreveu para a obra *Um amor incômodo*, mas que decidiu não usar na edição final. No trecho, Delia disserta sobre o fato de a mãe não ter transmitido a ela os seus cabelos bonitos, pelo contrário, de tê-la feito com os cabelos

parecidos com os do pai. São cenas de reivindicação fálica que se repetem entre mães e filhas nas obras e indicam que uma filha parece, de fato, esperar mais substância da mãe. Esse trecho compartilhado está presente no livro *Frantumaglia* (2017a).

Eu tinha os cabelos finos do meu pai. Eram finíssimos e frágeis, não tinham ar nem luz, dispunham-se sobre a cabeça espalhados a esmo, desobedientes, e eu os odiava por isso. Era impossível arrumá-los para obter o penteado da minha mãe, o coque, a onda cheia na testa, o cacho rebelde que às vezes roçava na sobrancelha. Eu olhava no espelho com raiva, Amalia tinha sido pérfida, não me dera seus cabelos. Guardara para si a cabeleira vigorosa, quisera que eu nunca me tornasse tão bonita quanto ela (Ferrante, 2016a, p. 107).

Da dificuldade de uma separação à recusa em consentir com a falta no Outro, Malvine Zalcberg (2003) vai cunhar um termo interessante que explicaria essa ligação entre mãe e filha, mesmo após a incidência da castração. É o que a psicanalista chama de nostalgia da menina em relação à mãe. Essa nostalgia indica que o corte simbólico introduzido pela metáfora paterna não é total, que a metáfora paterna não opera totalmente no caso da mulher.

No capítulo sobre maternidade e feminilidade, abordei a importância do amor para uma mulher pelo fato de esta buscar no outro um significante que recubra o seu ser. Nessa etapa da teorização, Lacan percebe que a lógica do significante não funciona para explicar a constituição psíquica das mulheres, somente a dos homens. Isso porque, segundo o psicanalista, algo fica fora da cobertura simbólica, não referenciado ao falo. Essa conceitualização já se encontra em seu último ensino e articula os conceitos de gozo, fantasia e objeto *a*, os quais eu não aprofundarei nesta pesquisa.

A respeito da incidência não-toda da metáfora paterna, a psicanalista Elisabeth da Rocha Miranda (2017) discorre que o significante Nome-do-Pai não significa tudo. Algo permanece no registro do não significantizável, puro furo. Na relação da mãe com seu filho ou sua filha, há um resto sexual que não é drenado pelo falo e, portanto, não acessível à análise. Esse resto não simbolizado, sem mediação fálica, não entra numa reivindicação ou queixa por parte da criança ao pai, e, como nas meninas repousa a falta de resposta sobre o “ser mulher”, os ditos de uma mãe a sua filha podem recair sobre o real do seu corpo, e a menina necessitará encontrar “substância” para defender-se.

Respondendo, em alguma medida, à indagação pela qual inicio este capítulo, apoio-me no texto de Miranda a respeito do conceito de “substância” cunhado por Lacan:

O termo “substância” foi empregado por Lacan na aula de 15 de janeiro de 1974 de “O Seminário, livro 21: os não-tolos erram” como “o que daria uma sustentação para fundar as coisas sobre o imaginário”. De origem latina, refere-se ao que está por baixo, a um elemento sem o qual o objeto em questão não existiria. A demanda endereçada pela filha à mãe como mulher é, portanto, a de um elemento que a sustente onde a mulher é não-toda fálica, vale dizer, onde ela habita e é habitada pela inexistência, pela alteridade (Miranda, 2017, p. 106).

Onde algo escapa à mediação fálica e o silêncio da mãe impera, a menina fica entregue a um possível arrebatamento em nível de corpo, que não permite a separação e se mantém como uma tentativa de fazer existir a relação sexual. Trata-se da impossibilidade de construir para si um corpo de mulher, uma vez que tem de carregar o de sua mãe (Miranda, 2017).

Foi assim, durante praticamente toda a narrativa de *Um amor incômodo*, que Delia atravessou a Nápoles da sua infância, todavia já enquanto mulher adulta. Colada no corpo da mãe, sem conseguir construir uma narrativa própria acerca do seu eu enquanto mulher.

Seria possível que eu, ao passar por lá, a estivesse carregando dentro do meu corpo envelhecido e inadequadamente vestido? Seria possível que seu corpo de adolescente de dezesseis anos, trajando um vestido florido feito em casa, estivesse atravessando a penumbra servindo-se do meu, desviando atentamente das poças, correndo rumo ao arco de luz amarela que continha o anacronismo de uma bomba de gasolina Mobil? No fim das contas, daqueles dois dias sem trégua talvez importasse apenas o transplante da narrativa de uma cabeça para outra, como um órgão sadio que minha mãe me cedera por afeto (Ferrante, 2017b, p. 134).

Eu era sem dúvida Amalia, quando, um dia, encontrei a confeitaria vazia e a portinhola aberta. Eu era a Amalia que, nua, como uma cigana pintada pelo meu pai, circundada havia semanas por insultos, juras e ameaças, esgueirava-se no portão escuro com Caserta. Eu era, no imperfeito. Eu me sentia ela, com seus pensamentos, livre e feliz, fugitiva da máquina de costura, das luvas, da agulha e da linha, do meu pai, das suas telas, do papel amarelado no qual ela foi parar em rabiscos vermelho-sangue. Eu era idêntica a ela, mas sofria pela incompletude daquela identidade. Àquela altura, só conseguíamos ser “eu” na brincadeira, e eu sabia (Ferrante, 2017b, p. 163).

Por fim, o retorno à cidade natal permite que Delia possa fazer do resto da relação entre mãe e filha uma construção mais apaziguadora, no tocante à própria feminilidade.

A dor deriva do fato de que, em volta delas [Amalia e Delia], simultaneamente, em uma espécie de acronia, amontoam-se o passado de suas precursoras e o futuro daquilo que elas procuram ser, sombras, fantasmas; até o ponto em que, por exemplo, Delia, depois dos trajes do presente, pode vestir o velho tailleur da mãe como o traje resolutivo [...] (Ferrante, 2017a, p. 115).

4.4 Ambivalência

“Melhor agora?”
 “Estávamos mais bonitas antes.”
 “Somos bonitas se nos amarmos.”
 “Você não me ama, você machucou meu pulso.”
 “Eu te amo muito.”
 “Eu não.”
 “É verdade?”
 “Não.”

(Ferrante, 2016b, p. 118-119)

Freud já havia apontado que a relação entre mãe e filha é permeada de muita ambivalência, e, quanto mais intensa for essa relação, maiores são o amor e o ódio que a criança experimenta (Freud, 2019 [1933]). Diferentemente do que se supunha acerca do mito do amor materno, incondicional, pacificado, inteiramente devotado ao objeto, a presença da ambivalência na relação entre mãe e criança mostra-se como condição estruturante própria do processo de individualização/separação do sujeito. A sua falta é que teria potencial de induzir uma patologia, e não o contrário (Benhaïm, 2007).

Para formular a sua teoria, Freud tomou emprestado o termo “ambivalência” de Bleuler, conforme consta no livro *Vocabulário de Psicanálise*, de Jean Laplanche e J. B. Pontalis (1992). Nessa obra, encontramos o conceito de ambivalência como “presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e ódio” (Laplanche; Pontalis, 1992, p. 17). Em Freud, o termo aparece pela primeira vez no texto *A dinâmica da transferência*, de 1912, mas a ideia de uma conjunção do amor e do ódio pode ser observada anteriormente, nas análises do *Pequeno Hans* e do *Homem dos ratos* (Laplanche, 1992).

Em sua tese de doutorado, a psicanalista Michèle Benhaïm (2007) trabalha a questão da ambivalência pela perspectiva da mãe e por duas vertentes: a ambivalência positiva e a negativa. Aquilo que se poderia chamar de ambivalência positiva ou vital diz respeito a uma mãe que não está totalmente submersa de angústia pela demanda da criança, que não responde aos apelos da criança como da ordem de “pura necessidade”. Em contrapartida, uma mãe que se angustia excessivamente com as demandas do filho, e cuja angústia invade tanto a ela quanto ao filho, seria uma mãe negativamente ambivalente.

Essa forma de pensar a ambivalência remonta ao que até então discuti a respeito de a mãe consentir com a própria castração. Uma mãe que não deixa espaço para a demanda do filho, que

interpreta tudo como da ordem da necessidade, dificulta a possibilidade de separação da criança, mantendo um estado de fusão entre eles, “estado em que mãe e filho se confundem e em que amor e ódio se fundem” (Benhaïm, 2007, p. 13). Poder lidar com o ódio na relação com o filho é uma forma de a mãe reconhecer-se castrada, limitada. A ambivalência positiva permite um espaço para que a função paterna opere e realize o corte, a separação que possibilita à criança lançar-se no mundo. Por isso, Benhaïm qualifica a ambivalência positiva enquanto um processo condicional para a estruturação do sujeito.

O ódio tem uma função essencial para o processo de separação entre a criança e a mãe no período pré-edípico. Freud inclusive localiza na hostilidade a possibilidade de a menina separar-se da mãe e voltar-se ao pai. A transformação do amor em ódio configura-se como um dos destinos possíveis da pulsão. Ela explicar-se-ia pelas seguintes evoluções específicas: o ódio encontra a sua origem em pulsões de autoconservação, enquanto o amor encontra a sua origem nas pulsões sexuais. Freud concebe o caráter da ambivalência enquanto um dualismo pulsional, representado pela oposição das pulsões de vida e das pulsões de morte. Por isso, o conflito edípico, nas suas raízes pulsionais, é compreendido enquanto um conflito de ambivalência (Laplanche; Pontalis, 1992).

O oposto do amor não é o ódio, e sim a indiferença. Amor e ódio seriam as duas faces da mesma moeda. Para separar-se do Outro materno, a criança precisa, além de amar, poder odiá-lo. Benhaïm (2007) utiliza a famosa expressão de Winnicott, “a mãe suficientemente boa”, para falar da “mãe suficientemente cheia de ódio”, que opera de modo limitado, dividida.

Na entrada do Édipo, a separação entre a menina e a mãe é dada através de muita hostilidade, conforme mencionei neste capítulo. Uma vez afastada da mãe, a filha vai investir libidinalmente no pai, e a mãe experimenta um remanejamento desnarcisante de sua libido, podendo ser vivido sob uma forma de rejeição. Cabe à mãe aceitar ser o objeto ambivalente, ou seja, se ela é capaz de continuar sendo a mãe de um menino libidinalmente ligado a ela e de uma menina que a agride com um movimento em si mesmo muito ambivalente (Benhaïm, 2007).

A ambivalência de sentimentos na relação amorosa é também uma questão para Lacan. Em *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (Lacan, 1985 [1972-1973]), ele inventa o neologismo “amódio” para falar de uma forma de enamoramento que decorre das duas polaridades: o amor encobrindo, e o ódio desvelando a falta. Como nos explica Marco Antonio Coutinho Jorge (2010), o sujeito, ao perder o objeto amado, sofre menos pela perda do objeto e mais pelo fato de ter que

vir a se defrontar com a falta originária do objeto, cujo objeto amoroso ilusoriamente escamoteia.

Os desencontros entre uma mãe e uma filha são inevitáveis, discordâncias, necessidades que não são atendidas; uma mãe não é capaz (ainda que tente) de responder a todas as demandas da criança. As obras de Elena Ferrante se destacam por não esconder o lado ambivalente dessa relação. Em *Frantumaglia*, Ferrante confessa que a relação de Olga e Ilaria, personagens mãe e filha da obra *Dias de Abandono*, não é boa, que se parece com a relação entre Delia e Amalia, do livro *Um amor incômodo*. Mas, ao contrário de Amalia, Olga consegue consentir com a hostilidade da filha de uma forma distinta:

Mas, ao contrário de Amalia, Olga, a mulher atual, consegue completar um percurso que lhe permite aceitar o amor hostil de Ilaria como um sentimento vital, que pode ser utilizado contra o fascínio de morte que vem do passado, da pobre coitada. Juntas – mãe e filha – afirmaram o direito à vida lá fora, fora do modelo das mulheres destroçadas (Ferrante, 2017a, p. 113).

Na trama de *Um amor incômodo*, Delia inicia a narrativa contando sobre o incômodo que a presença da mãe provocava nela. Um desconforto sentido pela própria mãe, que, ao menor sinal do seu surgimento, recolhia suas coisas e voltava para Nápoles.

Nos últimos tempos, vinha ficar comigo durante alguns dias pelo menos uma vez por mês. Eu não gostava de ouvi-la pela casa. Ela acordava ao raiar do dia e, seguindo seus hábitos, lustrava de cima a baixo a cozinha e a sala de estar. Eu tentava voltar a dormir, mas não conseguia: enrijecida entre os lençóis, eu tinha a impressão de que, enquanto ela se ocupava, meu corpo era transformado no de uma menina enrugada. Quando chegava com café, eu me encolhia em um canto para evitar que ela tocasse em mim ao se sentar na beirada da cama. A sociabilidade dela me incomodava: saía para fazer compras e se enturmar com os comerciantes com os quais, em dez anos, eu não havia trocado mais do que duas palavras; ia passear pela cidade com alguns conhecidos ocasionais; fazia amizade com meus amigos, aos quais contava histórias de sua vida, sempre as mesmas. Com ela, eu só sabia ser contida e insincera. [...] Voltava pra Nápoles ao meu primeiro sinal de intolerância. Recolhia suas coisas, dava uma última arrumada na casa e prometia que logo retornaria. Eu andava pelos cômodos arrumando ao meu gosto tudo o que ela havia disposto ao gosto dela. [...] bagunçava sua ordem dentro das minhas gavetas, devolvia ao caos o aposento onde eu trabalhava. Também o cheiro da sua presença – um perfume que deixava a casa com uma sensação de inquietude – passava depois de um tempo, como o de uma rápida chuva de verão (Ferrante, 2016b, p. 7-8).

Quando, no caminho, a mãe perdia o trem ou se atrasava, Delia preocupava-se, ligava para ela, aflita. Uma preocupação excessiva que a tomava a ponto de não conseguir fazer outra coisa. A personagem intercala um movimento de querer que a mãe se afaste a um de não conseguir se separar dela. À minha leitura, a preocupação excessiva de Delia em saber do paradeiro da mãe é

uma forma de expressão do amor, da importância de que a existência da mãe mantenha a consistência de sua própria. Ao passo que sua presença, próxima, é vivida por Delia de maneira insuportável. “Ligava para ela, aflita. Quando finalmente ouvia sua voz, a repreendia com certa dureza: como assim não havia partido, por que não me avisara” (Ferrante, 2017b, p. 8).

Nas memórias da infância, recorda-se do terror que vivia em relação ao destino da mãe quando esta estava fora. Ela relembra: “‘Quando voltar, mato você’, eu pensava, como se tivesse sido ela a me deixar fechada ali dentro. Mas, assim que eu ouvia sua voz no corredor, esgueirava-me para fora rapidamente e ficava a rodeando com indiferença” (Ferrante, 2017b, p.9).

Em seu trabalho intitulado *Histórias de captura: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha*, a psicanalista Ana Cláudia Santos Meira disserta sobre as relações incestuosas entre mães e filhas e localiza na fase pré-edípica o momento crucial em que uma criança pode ser tomada pela mãe como objeto total. Nessa etapa, segundo a psicanalista, a sedução pré-edípica é como se a mãe garantisse à menina: “és a razão da minha vida. O mundo somos nós, deixando nela o peso de ser tomada de todo por essa mãe toda” (Meira, 2021, p. 139).

As consequências dessa relação incestuosa para a menina, na fase pré-edípica, são do nível da existência: “[...] quem morre é a própria criança, que vive um tipo de relação com a mãe na qual a primeira tem que desaparecer enquanto sujeito de desejo e de alteridade, para que a segunda permaneça viva em sua condição de completude” (Meira, 2021, p. 139).

Havia histórias demais sobre as diferenças infinitas e minúsculas que a tornavam inatingível, e que juntas faziam de Amália um ser desejado no mundo exterior com pelo menos a mesma intensidade com que eu a desejava. Houve um tempo em que imaginei arrancar com uma mordida aquele seu dedo excepcional porque eu não tinha coragem de oferecer o meu próprio à boca da Singer. Tudo dela que não me fora concedido eu queria apagar do seu corpo. Assim nada mais seria perdido ou dispersado longe de mim, porque finalmente tudo já teria se perdido (Ferrante, 2017b, p. 77).

Esse parece ser o preço que Delia paga para defender a mãe da castração. Um preço que paga com o seu próprio corpo. Somente uma separação eficaz da sexualidade da filha da de sua mãe destituirá do poder essa figura fascinante e ameaçadora que permanece fantasmaticamente entre elas. A separação possibilita um lugar no corpo da filha onde o gozo se inscreve, um gozo e um corpo que a filha pode chamar de seus, separados dos de sua mãe (Zalcberg, 2023).

Leiamos a cena em que Delia vê pela primeira vez o corpo morto de sua mãe: “Vi o corpo e, diante daquele objeto lívido, senti que talvez devesse me agarrar a ele para não acabar sei lá

onde” (Ferrante, 2017b, p. 11). É bastante comum, no desenrolar da narrativa, cenas em que Delia se vê colada no corpo da mãe, a ponto de não conseguir distinguir quem é: se ela própria ou Amalia.

A seguir, apresentarei alguns trechos da obra em que a confusão entre as personagens mãe e filha torna-se evidente.

Arranquei o documento das mãos dele com um desprezo calculado e, para entender o que o deixara tão nervoso, dei uma olhada na foto três por quatro da minha mãe. Os cabelos barrocamente arquitetados sobre a testa e em volta do rosto tinham sido minuciosamente raspados no papel. O branco que surgiu em volta da cabeça foi transformado com um lápis em um cinza nebuloso. Com o mesmo lápis, alguém havia endurecido ligeiramente os traços do rosto. A mulher da foto não era Amalia: era eu (Ferrante, 2017b, p. 73).

Agora que estava morta, alguém havia raspado seus cabelos e deformado seu rosto para adaptá-lo ao meu corpo. Aquilo acontecia depois de eu ter desejado eliminar, durante anos, por ódio, por medo, todas as minhas raízes vindas dela, até as mais profundas: seus gestos, suas entonações, a maneira de pegar um copo ou de beber de uma xícara, o jeito de vestir uma saia como se fosse um vestido, a ordem dos objetos na cozinha, nas gavetas, o modo de lavar as partes mais íntimas, os gostos alimentares, as repulsas, os entusiasmos, e, enfim, o idioma, a cidade, os ritmos da respiração. Tudo rarefeito, para que eu pudesse me tornar eu mesma e me desligar dela (Ferrante, 2017b, p. 79).

Seria possível que eu, ao passar por lá, a estivesse carregando dentro do meu corpo envelhecido e inadequadamente vestido? Seria possível que seu corpo de adolescente de dezesseis anos, trajando um vestido florido feito em casa, estivesse atravessando a penumbra servindo-se do meu, desviando atentamente das poças, correndo rumo ao arco de luz amarela que continha o anacronismo de uma bomba de gasolina Mobil? (Ferrante, 2017b, p. 134).

Fingia não ser eu. Não queria ser “eu”, a menos que fosse o eu de Amalia. Fazia o que imaginava que Amalia fizesse em segredo [...] (Ferrante, 2017b, p. 162).

Eu era sem dúvida Amalia, quando, um dia, encontrei a confeitaria vazia e a portinhola aberta. Eu era a Amalia que, nua, como uma cigana pintada pelo meu pai, circundada havia semanas por insultos, juras e ameaças, esgueirava-se no portão escuro com Caserta. Eu era, no imperfeito. Eu me sentia ela, com seus pensamentos, livre e feliz, fugitiva da máquina de costura, das luvas, da agulha e da linha, do meu pai, das suas telas, do papel amarelado no qual ela foi parar em rabiscos vermelho-sangue. Eu era idêntica a ela, mas sofria pela incompletude daquela identidade. Àquela altura, só conseguíamos ser “eu” na brincadeira, e eu sabia (Ferrante, 2017b, p. 163).

Era Amalia quem sentia todo o prazer; para mim, sobrava apenas o terror. Quanto mais coisas aconteciam, mais crescia minha irritação porque eu não conseguia ser “eu” no prazer dela, e só tremia (Ferrante, 2017b, p. 163).

Para que a filha se separe da mãe, é necessário que esta dê permissão para tal. Contudo, esse processo pode não ser vivido de maneira fácil pela mãe. Como mencionei, o afastamento da

menina e da mãe, para essa dirigir-se ao pai, exige um remanejo desnarcizante¹⁷ da libido da mãe, podendo ocasionar uma sensação de mal-estar e de desamparo nela. A psicanalista belga Jacqueline Godfrind-Haber (2008 *apud* Meira, 2021) cunha o termo *nostalgia da aproximação amorosa*¹⁸ para falar de um ódio feroz que se desvela na tentativa de uma filha separar-se de uma mãe sedutora. A hipótese da autora é de que, por trás desse ódio “com tonalidades absolutas e indefectíveis, há um amor apaixonado pela mãe, amor nostálgico tão violento que não pode eclodir, amor cuja emergência suscita a evocação de perigos tais que provocam o recalçamento maciço do laço de ligação à mãe” (Godfrind-Haber, 2008, p. 85 *apud* Meira, 2021, p. 143).

O ódio aparece então como uma tentativa de evadir-se, mas sem sucesso, uma vez que segue sendo um vínculo que as mantém ligadas: “é comum observarmos que, após uma briga ou discussão, a filha sinta-se culpada e, cheia de remorsos, volte a submeter-se ao objeto materno (Meira, 2021, p. 144). Para a menina, frente à possibilidade de afastar-se da mãe, a sensação é de morte ou de loucura, um não saber, uma vida que parece inexistir sem ela, uma existência impossível fora daquele limite do corpo materno: “a filha acaba como que em um labirinto, voltando para as mesmas curvas por onde já passou: as curvas do corpo da mãe que a contém e a aprisiona” (Meira, 2021, p. 145).

Há, todavia, um tipo de ódio salvador e protetor. Um ódio indispensável para o movimento de individuação que funciona como alavanca para a construção da personalidade da menina e que permite, em alguma medida, que ela tenha realizações acadêmicas, profissionais e pessoais. Contudo, por trás de tais realizações há um sentimento escondido que esvazia seu significado. Sentimento, segundo Godfrind-Haber (2008 *apud* Meira, 2021, p. 147), que pode levar a mulher a buscar um analista e confiar suas feridas secretas: pobreza da criatividade, impossibilidade de manter uma relação amorosa, dificuldade em fazer face aos papéis parentais.

Nesse sentido, dou destaque ao que diz Delia:

Por outro lado, eu não quis ou não consegui enraizar ninguém em mim. Mais algum tempo e perderei até a possibilidade de ter filhos. Nenhum ser humano jamais se desligaria de mim com a mesma angústia com que me desliguei da minha mãe apenas porque nunca consegui me apegar a ela definitivamente. Não haveria nenhum mais ou menos entre mim e outro ser feito de mim. Eu permaneceria sendo eu até o final, infeliz, insatisfeita com aquilo que arrastara furtivamente para fora do corpo de Amalia (Ferrante, 2017b, p. 78).

¹⁷Expressão utilizada por Michèle Benhaïm no livro *Amor e ódio: ambivalência da mãe*.

¹⁸Grifo do autor.

Mães e filhas, ou muito unidas ou radicalmente separadas. A relação complexa entre uma mulher e sua mãe acompanha a narrativa das personagens de Elena Ferrante como um real que não cessa de não se escrever. A escrita torna-se então uma forma de poder contornar isso que é pulsante, que atravessa uma obra inteira, duas, três. Apresento no próximo capítulo o recurso da escrita por parte da personagem Olga, de *Dias de abandono*, como forma de fazer borda em torno disso que é da ordem do real para, no fim, não sucumbir.

5 ESCREVER

Uma história segue seu próprio caminho, é o receptáculo de tudo e do contrário de tudo, só funciona se permitimos que ela pegue o que precisa para buscar sua verdade.

(Ferrante, 2017a, p. 80)

Escrever um trabalho acadêmico, escrever literatura, escrever uma experiência. O que é possível ser escrito? Ou, ainda, o que não cessa de não se escrever?

Neste capítulo final, se é que posso chamá-lo de capítulo e, mais ainda, dar-lhe a qualidade de “finitude”, pretendo expor algumas ideias que fomentaram o percurso desta pesquisa. Ler Ferrante foi uma experiência perturbadora para mim. Do encontro com seus livros, recolho restos, crio, produzo, me perco e me encontro, desde a primeira página folheada, em 2017. Da experiência de me sentir lida nas páginas à experiência de escrever, a escrita de Elena Ferrante teve efeitos na carne, os quais me levam a indagar: que função pode ter a literatura no laço? Contar uma narrativa, transmitir uma ficção, transpor o leitor para outro universo, fantasiar...

Nesse caminho, proponho trabalhar a questão da escrita e seus efeitos, com base na obra *Dias de abandono*, em particular através da personagem Olga. Já de antemão, justifico essa escolha pelo fato de a personagem, ao atravessar a tormenta desencadeada pelo abandono, utilizar-se da escrita como forma de não sucumbir ao abandono de si. Ainda que a temática da literatura e o ato de escrever também se façam presentes nas demais obras de Ferrante (Leda, por exemplo, é professora de Literatura Inglesa), em *Dias de abandono* a escrita se mostra como uma forma de tratar o real, de contornar o desamparo alucinante o qual a personagem convida o leitor a testemunhar em suas páginas.

Começamos pela seguinte confissão de Olga: “Ler e escrever sempre foram a minha forma de me acalmar” (Ferrante, 2016b, p. 60). De que maneira o ato da leitura e o da escrita poderiam dar um contorno ao sofrimento? É por esse prisma que pretendo articular as contribuições da psicanálise em associação com outros saberes – destacadamente, a literatura. E é também por essas vias que este trabalho de pesquisa vai se delineando e se costurando.

No seu artigo “Litorais da Psicanálise”, a psicanalista Ana Costa (2009) aborda a questão da letra sob dois aspectos: a condição de resto e a tentativa de inscrição. Sobre o último, refere-se

à necessidade de transmitir uma experiência que é – por princípio – intransmissível. Como transmitir a experiência solitária do sofrimento psíquico, por exemplo, uma vez que não há contiguidade possível entre razão e angústia? Para que um sujeito possa ser transportado de um lugar para outro, de uma experiência reduzida a seu corpo para uma significação compartilhada, é preciso ser acompanhado, produzir um leitor a partir dessa experiência (Costa, 2009).

Olga descobriu a escrita ainda na infância. Escondida sob a mesa de costura, ouvia relatos da mãe, que ria amargamente das histórias das mulheres sem amor, cuja luz dos olhos se dissipou, “as mulheres sem amor morriam vivendo” (Ferrante, 2016b, p. 41). Relato, difamação e costura: “A necessidade de escrever histórias eu descobri ali, embaixo da mesa, enquanto brincava” (Ferrante, 2016b, p. 41). Da sala de costura da mãe, os relatos sobre as mulheres abandonadas marcaram a carne de Olga.

[...] eu queria ser diferente, queria escrever histórias de mulheres com muitos recursos, mulheres com palavras indestrutíveis, não um manual de esposa abandonada com o amor perdido como o primeiro pensamento da lista. Eu era jovem, tinha minhas pretensões. Eu não gostava da página muito fechada, como uma persiana abaixada. Eu gostava da luz, gostava do ar entre as ripas. Eu queria escrever histórias cheias de correntes de ar, raios filtrados pelos quais dança o pó. E depois eu amava a escrita de quem te faz olhar para baixo de cada linha deixando sentir a vertigem da profundidade, a escuridão do inferno. Eu disse isso sem ar, de uma só vez, como nunca tinha feito, e minha professora deu um sorrisinho irônico, um pouco vingativo. Ela também devia ter perdido alguém, ou alguma coisa. E agora, mais de vinte anos depois, a mesma coisa estava acontecendo comigo (Ferrante, 2016b, p. 17).

Já como adulta, a personagem tinha o hábito de escrever até o sol raiar para se acalmar. Na obra, Olga descreve a escrita como um recurso utilizado para atravessar a experiência que o abandono do marido lhe causou: “Uma noite após a outra escrevi cartas para Mario, mesmo sem saber para onde enviá-las. [...] Não me importava – eu escrevia a ele mentindo – que ele voltasse a viver comigo e com os nossos filhos. Minha urgência era outra, era urgência de entender” (Ferrante, 2016b, p. 28).

As cartas que Olga escrevia tinham um destinatário, Mario. Mas coloco como questão se era para Mario que Olga varava as noites organizando seus pensamentos num papel.

O essencial, a única coisa verdadeira que eu parecia esperar dele, era que me ouvisse, que me dissesse se tinha intenção ou não de colaborar com aquele meu trabalho de autoanálise. [...] Quando os dedos inchados incidiam sobre a caneta até doer e os olhos se cegaram de tanto chorar, eu ia então até a janela. [...] Naquelas longas horas fui a sentinela da dor, velejando junto à multidão de palavras mortas (Ferrante, 2016b, p. 28-29).

Mario, escrevia para me dar coragem, não levou consigo o mundo, levou consigo somente a si mesmo. E você não é uma mulher de trinta anos atrás. Você é de hoje. Segure-se no hoje, não regrida, não se perca, se segure. [...] Ele foi, você fica (Ferrante, 2016b, p. 54).

Mas, afinal, o que Ana Costa quer dizer sobre produzir um leitor? Vejamos essa analogia que ela faz com o trabalho da clínica psicanalítica.

A clínica psicanalítica se constrói a partir do endereçamento daquele que vai consultar um analista e, na posição de construir um leitor, o inclui no endereçamento de sua letra que, antes de tudo, é pulsional. Nesse sentido, Costa (2009) afirma que a escrita é primeiro corporal e faz parte de nossas experiências mais ordinárias. Ao buscar uma análise, há um saber que acossa o sujeito e do qual ele não tem condições de apropriação. Essa posição de supor no analista um sujeito que “sabe” é signatária da condição da escrita que interpela o sujeito, “que indica um saber do qual ele é objeto, numa absoluta solidão frente a um gozo que o invade e que ele precisa dominar. Nessa condição, ele não tem como se apropriar dos limites de seu corpo sem que haja algo que o suporte” (Costa, 2009, p. 27). Logo, é na transferência que a autora sugere ser possível produzir um leitor ao endereço da letra.

Outra associação possível entre o trabalho analítico e a escrita é o processo da decifração do sonho. A psicanalista Heloísa Caldas argumenta que a experiência do sonho se reduz ao que o sonhador pode relatar, em um segundo momento de leitura, numa tentativa de dar conta da experiência, *a posteriori*. “A diferença entre um relato falado e uma experiência vivida faz com que o sonho importe para a psicanálise como escrita, isto é, como registros organizados em uma série, em uma espécie de palimpsesto, no qual se deve decidir a ordenação que será dada aos fragmentos” (Caldas, 2007, p. 37).

Por essa via, nos importa pensar a questão da escrita para a personagem Olga. Diante dos impasses da vida, das dificuldades que se impunham à personagem no exercício da maternidade, da ausência de um emprego, do desconhecido com que a cidade nova a faz se confrontar, Olga escreve em seus cadernos, tentando dar contorno às experiências vividas no corpo. A escrita organiza, reveste de simbólico o que é da ordem do pulsional. O endereçamento de uma escrita a um leitor permite que o sujeito saia do isolamento das suas repetições (Costa, 2009).

Escrevia, à noite, nos meus cadernos, as entradas e as saídas, o que eu gastava detalhadamente, como se fosse uma contadora que tinha de prestar contas ao patrão sobre a empresa. Escrevia também, em alguns momentos, entre os números, como me sentia:

um pedaço de comida que meus filhos mastigavam continuamente; uma bola feita de matéria viva que amalgamava e amaciava continuamente a sua substância viva para permitir às duas sanguessugas vorazes nutrirem-se, deixando-me no corpo o cheiro e o sabor de seus sucos gástricos (Ferrante, 2016b, p. 88).

Sobre o ato de escrever, a professora e psicanalista Ana Lúcia Mandelli de Marsillac argumenta que, ante o real da experiência, cada um significa e escreve desde a sua posição singular. E, considerando que a psicanálise sustenta que o real é o impossível, aquilo que não cessa de não se escrever (Lacan, 2016 [1973-1974]), só nos resta fazer bordas. Escrever, segundo a autora, possibilita tocarmos no impossível do corpo, da morte e do sexual: “O escrito sedimenta uma contingência, demarca um tempo e espaço, conforta-nos na aparente comunicação entre dois. Ante o impossível, inventamos, escrevemos” (Marsillac, 2021, p. 46).

A escrita, para Olga, parece ter efeito na possibilidade da construção dessas bordas, margens, certa continência àquilo que irrompe como excessivo:

Preciso, para escrever bem, para ir até o âmago de cada pergunta, de um lugar menor, mais seguro. Apagar o supérfluo. Restringir o campo. Escrever de verdade é falar do fundo do ventre materno. Virar a página, Olga, começar de novo. [...] Atenção, então, reorganizar os fatos. Já durante a noite algo dentro de mim cedeu, se rompeu. Desmantelaram-se razão e memória, a dor duradoura consegue fazer isso. [...] Corpo desobediente. Ela escreveu nos meus cadernos, escreveu páginas e mais páginas. Escreveu com a mão esquerda, para combater o medo, para resistir à humilhação. Provavelmente tinha sido assim (Ferrante, 2016b, p. 123).

Em *Frantumaglia*, numa entrevista concedida ao jornalista Goffredo Fofi, este questiona Ferrante: “Olga, mulher de meia-idade, não encontrou nenhuma sublimação ou plenitude na escrita. Os sentimentos permanecem como a base de cada experiência humana, especialmente feminina?” (Ferrante, 2017a, p. 79). É quando Ferrante responde:

Para Olga, escrever é resistir e entender. A escrita não tem nuances mágicas nem místicas, é no máximo uma necessidade de estilo. Quando criança, ela exigiu muito mais da escrita, e agora a usa apenas para controlar o problema com o qual se deparou: é possível continuar a viver se perdemos o amor? (Ferrante, 2017a, p. 79).

Aqui, não se trata de considerar a escrita como uma experiência de plenitude. A escrita de Olga é ininterrupta, que não visa ao sentido, à ordem, mas que busca a construção de um saber, extrair uma verdade, sempre inapreensível em sua essência. Retomemos o excerto compartilhado acima sobre as cartas que Olga escreve a Mario, mesmo sem saber para onde enviá-las. Para a

personagem, o ritual das cartas era uma forma de entender o que havia acontecido: a decisão do marido de separar-se, o abandono, os 15 anos de casamento jogados fora.

Minha urgência era outra, era urgência de entender. [...] Era necessário para mim, era urgente para mim saber, era assim que eu concluía. Somente sabendo eu poderia retomar a vida e sobreviver mesmo sem ele. Desse jeito, na confusão da vida ao deus-dará, eu estava definhando, murchando, estava seca como uma concha vazia numa praia no verão (Ferrante, 2016b, p. 28).

Leio a urgência de compreender da personagem como uma forma da escrita de tratar esse real que pulsa e para o qual ela busca, nas palavras, uma espécie de contenção. Mais adiante, ao longo da leitura da obra, à medida que Olga atravessa o momento mais complexo da experiência do abandono, é possível percebermos que o encontro com as palavras não gera uma compreensão, pelo contrário, sua escrita vai tornando-se um enigma para ela própria:

Fiquei impressionada com a desordem da minha escrivania. As gavetas estavam abertas, livros dispersos por todos os cantos. Até o caderno no qual fazia anotações para meu livro estava aberto. Folheei as últimas páginas. Encontrei transcritos com a minha minúscula letra alguns trechos de A mulher desiludida e algumas linhas de Anna Karenina. Não me lembrava de tê-los feito. Sim, era um hábito meu transcrever trechos dos livros, mas não naquele caderno, eu tinha um só para isso. Seria possível que a memória estivesse se desfazendo? Não me lembro nem de ter sublinhado com força e com tinta vermelha as perguntas que Anna fazia a si mesma pouco antes de o trem colidir e derrubá-la: “Onde estou? O que faço? Por quê?” Eram trechos que não me surpreendiam, me parecia conhecê-los bem, ainda assim não entendia o que faziam naquelas páginas. Conhecia-os tão bem exatamente porque transcrevi-os recentemente, ontem, anteontem? [...] Nada estava detido, tudo escorregava. Olhei meu caderno, os traços vermelhos sob as perguntas de Anna como uma ancoragem. Li e reli, mas os olhos passaram sobre as perguntas sem entender (Ferrante, 2016b, p. 103).

Nesse sentido, recupero o que Marsillac destaca sobre o ato de escrever:

O texto, ao depositar-se no papel, torna-se outro corpo. Condição paradoxal de ser vestígio da experiência, mas também queda, possibilidade de elaboração e perda. Essa condição não é sem consequências, pois o escrito ganha autonomia, é parte do autor que cai, como em um jorro. [...] Possivelmente, as primeiras experiências retornem a cada texto, como um traço que insiste. Entretanto, cabe destacar que o texto ultrapassa o autor. Não há plena consciência, não escrevo exatamente o que penso, tampouco transmito o que idealizo (Marsillac, 2021, p. 41-42).

Olga é ao mesmo tempo personagem e narradora. E, apesar de não termos acesso aos seus escritos, a narrativa de Ferrante, contada pelo prisma da personagem, nos dá a sensação de estarmos

diante de um livro escrito pela própria personagem. A leitura de *Dias de abandono* nos coloca como testemunhas de uma construção muito singular pela linguagem que busca dar contornos à experiência do sofrimento e parece, por aí, vislumbrar uma das funções da literatura, “transmitir algo dessa experiência tão solitária do sujeito com sua pulsionalidade fazendo um sulco – produto do discurso – por onde pode escoar algo de uma significação que se enlace ao campo do Outro” (Costa, 2009, p. 29).

Disso que faz laço com o Outro, que escoar pela literatura, como falar? Em *Frantumaglia*, Ferrante afirma:

a ficção literária me parece ser feita justamente para dizer sempre a verdade. Prezo muito a verdade de *Dias de abandono*, não gostaria de falar a respeito do livro de modo complacente, satisfazendo as expectativas implícitas nas perguntas do entrevistador. Para mim, o ideal seria conseguir obter com respostas breves o mesmo efeito da literatura, ou seja, orquestrar mentiras que dizem sempre, rigorosamente, a verdade (Ferrante, 2017a, p. 76-77).

E o que seria essa verdade literária da qual a autora fala? A verdade literária, segundo Ferrante, não se baseia em um pacto autobiográfico, jornalístico ou jurídico, tampouco se trata de verossimilhança ou competência profissional, mas sim “a verdade desencadeada exclusivamente pela palavra bem usada, e se esgota, em tudo e por tudo, nas palavras que a formulam. [...] Ela consegue reanimar, ressuscitar, sujeitar todas as coisas a suas necessidades” (Ferrante, 2017a, p. 281). Nessa perspectiva, recupero da leitura lacaniana sobre o mito edipiano a seguinte frase: “a verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção” (Lacan, 1995 [1956-1957]), p. 259). E, para Lacan, da verdade, nunca se pode dizê-la toda, a não ser pela metade (Lacan, 1992 [1969-1970], p. 34).

Em se tratando do saber e da verdade, é necessário apontar aqui uma distinção fundamental com aquilo que estamos acostumados em seu uso comum. Para tanto, sirvo-me das palavras da psicanalista Heloísa Caldas, contidas no livro *Da voz à escrita: clínica psicanalítica e literatura*. O saber que nos interessa, na psicanálise, é o saber inconsciente, e ele não se iguala ao conhecimento. É um saber não sabido e do qual colhemos apenas seus efeitos, ocorridos num tempo que é posterior. A produção de um saber na escrita literária é de fato uma invenção, e não uma descoberta. Diz da construção do artista diante daquilo que pulsa nele e adquire seu *status* de verdade em função dos seus efeitos no laço social. A literatura e a psicanálise se aproximam à medida que o tratamento dado à relação entre saber e verdade é pela via da construção de uma

ficção (Caldas, 2007).

Seguindo nessa discussão, numa entrevista a Ruth Joss, Ferrante afirma que “as verdades incômodas são o sal da literatura. Não garantem seu êxito, mas é a partir delas que as palavras ganham força e sabor” (Ferrante, 2017a, p. 350). Na mesma entrevista, em outro momento, a autora adiciona: “Dizer o indizível é a tarefa da literatura e, simultaneamente, a sua pesada responsabilidade” (Ferrante, 2017a, p. 350).

Tanto a obra *Dias de abandono* quanto *A filha perdida* e *Um amor incômodo* parecem conter em sua narrativa uma estrutura, algo de um saber que se repete por justamente não se poder dizer tudo, permitindo, portanto, a publicação de um, dois, três livros, e quantos mais se fizerem necessários. O interessante, nos romances de Ferrante, é que as verdades incômodas com as quais a autora nos presenteia são verdades que nos tocam, nos enlaçam em alguma medida, e friso aqui que essa é uma opinião enquanto leitora, mas que supõe que o sucesso de Ferrante seja um reflexo dos enlaçamentos das verdades que suportam um enigma e, por não se preencherem de sentidos, possibilitam mobilizar o desejo no leitor. Aqui, a autora nos dá pistas dos efeitos possíveis de uma leitura:

Muitas vezes, o que não conseguimos dizer a nós mesmos, tanto que, se um livro nos oferece uma formulação desses temas, ficamos incomodados ou até ressentidos. São coisas que sabemos, mas lê-las nos perturba. No entanto, também acontece o contrário. Ficamos entusiasmados quando trechos de realidade se tornam dizíveis (Ferrante, 2017a, p. 357).

Considerando que a verdade é sempre um semidizer, porque a linguagem, em sua estrutura, também não encobre aquilo que não é simbolizável, a cada experiência de leitura têm-se um livro e um leitor diferentes. Ferrante utiliza a expressão “livros de ninguém” para falar de um terceiro livro, que está entre aquele que vai para o prelo e aquele que os leitores compram:

Por isso, ouço sempre com muita curiosidade as pessoas que falam de livros que amo. Sinto que elas raciocinam sobre livros de ninguém. Entre o livro que vai para o prelo e o livro que os leitores compram, existe sempre um terceiro livro, um livro no qual, ao lado das frases escritas, estão as frases que imaginamos ter escrito; ao lado das frases que os leitores leem, estão as frases que eles imaginaram ter lido. No entanto, esse terceiro livro, inalcançável, mutante, é um livro real (Ferrante, 2017a, p. 206).

Sobre o impossível de ser dito, quero destacar uma questão que é reiterada na obra *Frantumaglia* e, que no meu entendimento, mostra-se pertinente à discussão, mas cuja pretensão

de responder aqui está longe de ser o objetivo. Mesmo assim, gostaria de convidar o leitor a pensar a respeito dela. Mais de um jornalista que entrevista Ferrante indaga a autora se a sua escrita poderia ser caracterizada enquanto uma escrita feminina. E o que, afinal, pode-se chamar de escrita feminina?

A psicanalista Lucia Castello Branco aborda a questão entre o feminino e a escrita como uma relação “que envereda pelo impossível do discurso, pelos silêncios do inominável, pelos absurdos de uma pré-linguagem que se quer além (ou aquém) do verbo, mas que se quer também comunicação” (Branco, 2004, p. 145). Nesse território, segundo a autora, fala-se da morte, do esfacelamento, da fragmentação, do gozo: “É nesse lugar atópico do elíptico e do prolixo, da lacuna e do excesso, do falar demais justamente por não se ter muito o que dizer, ou por não saber o que dizer, aí quem sabe se construa o feminino da escrita, ou o que precariamente se possa denominar ‘escrita feminina’”.

Assim, a escrita feminina, conforme Branco (2004), pretende o absurdo de dizer o indizível e, portanto, diz mais sobre sua incapacidade e sua impotência. Abordá-la é trabalhar com os paradoxos do silêncio e da tagarelice, ocupar um lugar que não é nem este nem aquele, que suporta a ambiguidade, sustenta o absurdo, lugar “da exasperação de um processo que pretende fazer da linguagem uma ‘não-linguagem’” (Branco, 2004, p. 149). A esse lugar, a autora dá o nome de terceira margem. Em suma, segundo Branco, a escrita feminina é impossível.

Revisitando o que Ferrante atribui à sua escrita, ao ser questionada se se tratava de uma escrita feminina, a autora disse não saber se de fato era, mas acrescentou que a palavra, para ela, é sempre carnal, “um mundo inteiramente de matéria viva, de fôlego, de calor e de frio” (Ferrante, 2017a, p. 240). Ela descreve que, no ato de escrever, está dentro e fora da história, com os dedos no teclado do computador e no meio do turbilhão que tudo arrasta. Para Ferrante, a verdadeira escrita nasce numa espécie de descentramento de si, experimentar-se fora, mas adverte: “muitas vezes descubro que imaginamos o êxtase como uma desencarnação. O êxtase da escrita não é sentir o sopro da palavra que se liberta da carne, mas a carne que se une com o sopro das palavras” (Ferrante, 2017a, p. 241).

Na entrevista de Marina Terragni e Luisa Muraro, publicada também no livro *Frantumaglia*, as jornalistas indagam Ferrante sobre o efeito irresistível, mas perturbador, que as mulheres relatam ao ler os livros da autora e questionam o que será isso que as perturba. Como resposta, Ferrante diz:

Recebi cartas que falam desse duplo efeito. Acho que isso se deve ao fato de que, quando escrevo, é como se eu estivesse matando enguias. Presto pouca atenção ao desprazer da operação e uso a trama, os personagens, como uma rede apertada para tirar do fundo da minha experiência tudo o que está vivo e se contorce, inclusive o que eu mesma afastei o máximo possível porque me parecia insuportável (Ferrante, 2017a, p. 242).

Escrever uma escrita feminina não se trata de um esforço. Pelo contrário. O lançamento do primeiro livro de Ferrante, *Um amor incômodo*, foi a primeira experiência de escrita à qual a autora atribuiu “um tom certo”.

Percebi isso desde o primeiro parágrafo, e aquela escrita atraiu para a página uma história que, até aquele momento, eu jamais havia testado, aliás, que eu nem sequer havia tentado conceber: uma história de amor pela mãe, um amor íntimo, carnal, mesclado a uma repulsa igualmente carnal. Jorrou do fundo da memória de repente, e eu não precisava buscar as palavras – eram as palavras que pareciam desencurrular meus sentimentos mais secretos. Decidi publicar *Um amor incômodo* não tanto por causa da história que ele contava e que continuava a me constranger e assustar, mas porque, pela primeira vez, achei que podia dizer: é assim que devo escrever (Ferrante, 2017a, p. 283).

A respeito dessa escrita que jorra, Marsillac (2021) aponta que, ao escrever um texto, o escrito ganha autonomia, é parte do autor que cai, como um jorro. Sublinho um excerto de entrevista que expressa que o livro, após publicado, torna-se outro: “[...] não tenho nada a ver com o livro – ou melhor, entrei nele, mas agora não posso mais entrar. Nem, por outro lado, o livro pode voltar a entrar em mim. [...] Eu o escrevi para me libertar dele, não para permanecer prisioneira” (Ferrante, 2017a,).

A psicanalista Beatriz Guimarães (2008), em seu texto “Escrita e repetição: do que não cessa de não se escrever”, argumenta que não há continuidade linear entre o sujeito que escreve e a obra produzida. “Se é possível ser autor de um escrito, é na medida em que, no trabalho de produzi-lo, algo da relação com o objeto se fez no sujeito, ao mesmo tempo que se desfez” (Guimarães, 2008, p. 32). Assim, a escrita contém restos não assimiláveis que são transportados na tentativa de dar conta de algo não registrado pelo autor; escrever é suportar uma perda, sublinha a autora.

Para encerrar, mas não concluir, aponto para o que Costa (2009) evidencia sobre o ato do escritor: uma dimensão ética, visto que põe em jogo o que há de mais solitário de seu gozo e inscreve-o num campo compartilhado, criando cultura. Foi porque Ferrante escreveu que esta dissertação se fez, em alguma medida, possível.

“O que realmente vai parar dentro de um livro é um mistério sobretudo para quem o escreveu.”
(Ferrante, 2017a, p. 391)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposta desta dissertação, procurei investigar, com base nas obras literárias de Elena Ferrante, a especificidade da relação entre mãe e filha e dos seus efeitos na constituição da feminilidade dessa. Busquei nas produções da psicanálise freudo-lacaniana subsídios que pudessem me amparar neste diálogo, que teve como ponto de partida e norte de pesquisa a literatura. A partir das leituras que Freud produziu sobre a constituição psíquica das mulheres e da feminilidade, encontrei na teoria do complexo de Édipo a base para o desenvolvimento dos textos freudianos a respeito dos caminhos que uma menina trilha na construção da sua feminilidade. Os primeiros escritos de Freud sobre essa temática apresentavam o desenvolvimento da menina paralelamente com o do menino; contudo, sua teoria pôde encontrar avanços à medida que ele tomou o desenvolvimento da menina em seu trajeto singular, procurando decifrar as lacunas abertas a respeito do que, ao final das suas produções, nomeou como “continente negro”. De um recurso construído a partir de uma falta imaginária, o conceito de feminilidade em Freud foi tomando direções para uma leitura atrelada a uma falta simbólica na mulher, ainda, todavia, referenciada ao falo. É necessário mencionar que foi em Freud que encontrei especial destaque à relação entre a menina e a mãe e o reconhecimento de uma intensa ligação que pode perdurar pela vida adulta.

A partir das leituras em Lacan – especificamente em *O Seminário, livro 4: a relação de objeto* e *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*, que versam sobre o complexo de Édipo –, o falo toma por definitivo a sua dimensão simbólica, e o conceito de metáfora paterna é predominante enquanto função que possibilita a passagem de um assujeito para sujeito, separando-o de sua condição alienante para lançar-se no mundo. O papel do pai, ou, melhor dizendo, daquele que encarna essa figura, ganha destaque, e Lacan faz uso do mito expondo o que há de verdadeiro em sua estrutura.

Em Lacan, encontro elaborações acerca da feminilidade enquanto uma solução que o sujeito constrói diante da falta de ter e da falta de ser. O conceito da mascarada, por exemplo, sob a sorte de artifícios, busca circunscrever o real da falta. Aqui ainda vemos a feminilidade enquanto uma estratégia de delimitar a falta do falo, o falo já como significante, um significante da falta. O papel da mãe, na teoria lacaniana, diz respeito àquela que banha o sujeito na linguagem – o Outro primordial, aquele que oferece os primeiros contatos de cuidados, tanto da ordem da necessidade quanto da ordem da demanda. E por esse prisma Lacan desenvolve, em *O Seminário, livro 11: os*

quatro conceitos fundamentais da psicanálise, os conceitos de alienação e separação.

Para falar sobre a maternidade, destaquei das obras de Ferrante, em especial *Dias de abandono* e *A filha perdida*, a construção de uma narrativa sobre a maternidade divergente da ideia de uma experiência idílica e instintiva, que se sobrepõe aos desejos das mulheres. O drama vivido por Olga diante do abandono coloca em xeque o fato de que o exercício de maternagem mostra-se prioritário sob qualquer condição e sem exceções, denunciando o que parece ser da ordem de uma exigência de um discurso que tem suas raízes na Modernidade cristã, a partir de uma noção de que a diferença sexual definiria os papéis civilizatórios dos sexos. Utilizo-me da metáfora lacaniana filho = falo para desenvolver a ideia de que, apesar de a maternidade ser vista enquanto um papel crucial da mulher na divisão das tarefas civilizatórias, ela não tampona a falta dessa, de cujo desejo ela pouco ou nada sabe a respeito. A partir dessa ideia, Lacan vai separar o que a Modernidade uniu, os registros “mãe” e “mulher”, quando se abrem articulações possíveis com a obra e os desencontros que as personagens experimentam diante das expectativas e do encontro com o real da maternidade.

Por não haver um significante que represente o seu sexo, as mulheres encontram maior dificuldade na busca de uma consistência sobre o seu ser. Enquanto umas desejam se realizar no papel da maternidade, outras experimentam pela via do amor algo da ordem de tal consistência para o seu ser mulher. Nesse sentido, exponho alguns excertos da obra *Dias de abandono*, dando ênfase ao desmoronamento de Olga diante do rompimento do seu casamento. Olga, ao que me parece, experimenta um processo de esvaziamento de sentido, no qual toda a fantasia construída a respeito da sua identidade fragiliza-se a partir do momento que o seu marido sai pela porta e elege outra mulher, bem mais jovem, para dividir a vida.

No texto “O aturdito” (2003), Lacan aponta que uma mulher aparenta exigir mais substância de sua mãe do que do seu pai. Assim, apresento no capítulo sobre a relação entre mãe e filha como a dificuldade de separação entre elas pode se revelar sob a forma de demandas nunca inteiramente saciadas, como se uma filha, na procura por tentar fazer existir uma mãe fálica, não castrada, se mantivesse ligada a esta através de uma posição de objeto. É o que parece acontecer com Delia, em *Um amor incômodo*, em que a aproximação com a figura da mãe, Amalia, a faz sentir-se completamente submetida. Na obra, a experiência de corpo entre as duas chega a confundir-se, momentos em que a própria personagem já não sabe mais se trata-se do corpo da mãe ou do seu.

Por fim, destaco que a relação entre mãe e filha e a questão da feminilidade articulam-se com a forma como cada uma, seja a mãe ou a filha, lida com a própria castração. Vimos que uma filha, para fazer existir uma mãe não castrada, pode se colocar no lugar de objeto – o objeto fálico que supostamente completará a mãe, ou o objeto dejetivo –, ambos submetidos ao Outro numa condição de alienação. Numa mesma direção, uma mãe que tem dificuldades de lidar com a falta que é constituinte de cada sujeito também pode manter a filha presa nesse lugar de reivindicação fálica, uma vez que espera receber uma insígnia que a identifique enquanto mulher. A feminilidade então mostra-se relacionada com a construção que cada sujeito vai fazer em torno do real da falta, uma solução singular, própria, que de modo paradoxal encontra no vazio uma condição de criação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. M. de. Feminilidade: caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 38, p. 29-44, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n38/n38a04.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2021.
- BENHAÏM, M. **Amor e ódio**: a ambivalência da mãe. Prefácio de Jean-Jacques Rassial. Edição de José Nazar. Tradução de Inesita Barcellos Machado. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2007.
- BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo**: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BIRMAN, J. A poiesis do indizível: feminilidade e o sublime, entre literatura e psicanálise. In: BIRMAN, J. **Cartografias do avesso**: escrita, ficção e estéticas de subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 331-353.
- BONFIM, F. Todo fálico e não-todo: construções lacanianas sobre a sexualização. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 201-213, abr. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 abr. 2024.
- BRANCO, L. C. Notas sobre uma memória feminina. In: BRANCO, L. C.; BRANDÃO, R. S. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004. p. 145-154.
- BROUSSE, M. H. **Mulheres e discursos**. Tradução de Ana Paula Sartori Lorenzi *et al.* Rio de Janeiro: ContraCapa, 2019.
- CALDAS, H. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2007.
- COSTA, A. Litorais da psicanálise. **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 21, ed. esp., p. 26-30, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/fF8CyF7f8McCYSGdSgkYj8t/?format=pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- COSTA, A. Relações entre Psicanálise e escrita. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 45-60, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10785/7954>. Acesso em: 4 ago. 2021.
- ELIA, L. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERTI, S.; ELIA, L. (org.). **Clínica e pesquisa em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000. p. 19-35.

FARIA, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**: o complexo de Édipo, de Freud a Lacan. 3. ed. Taubaté, SP: Cabral Universitária, 2021.

FERRANTE, Elena. **Um amor incômodo**. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017b.

FERRANTE, E. **Crônicas de um mal de amor**. Portugal: Relógio D'Água, 2014.

FERRANTE, E. **A filha perdida**. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016a.

FERRANTE, E. **Dias de abandono**. Tradução: Francesca Cricelli. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016b.

FERRANTE, E. **Frantumaglia**: os caminhos de uma escritora. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017a.

FERRANTE, E. **Um amor incômodo**. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017b.

FINK, B. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Tradução: Maria de Lourdes Duarte Sette. Consultoria: Mirian Aparecida Nogueira Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FREUD, S. **O caso Schreber**: notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). Tradução: José Octávio de Aguiar de Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 2002 [1911].

FREUD, S. **Obras completas**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016 [1905]. v. 6.

FREUD, S. A organização genital infantil. *In*: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1923]. p. 237-242.

FREUD, S. O declínio do complexo de Édipo. *In*: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1924]. p. 247-254.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *In*: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1925]. p. 259-271.

FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. *In*: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1931].

FREUD, S. A feminilidade (Conferência XXXIII). *In*: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1932]. p. 313-341.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. *In*: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2019 [1933].

FREUD, S. Análise finita e infinita. *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução: Claudia Dornbusch. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021 [1937]. p. 315-359.

FREUD, S. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina. *In*: FREUD, S. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021 [1920]. p. xx-xx.

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. 6. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. v. 2. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. O mal-estar na cultura e outros escritos. Tradução Rita Salzano Moraes. 1.ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GATTI, C. Elena Ferrante: an answer? **The New York Review**, Nova Iorque, 2 out. 2016. Disponível em: <https://www.nybooks.com/daily/2016/10/02/elena-ferrante-answer/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GONÇALVES, L. M. **Maternidade e feminilidade na psicanálise**: impasses do feminino nas doenças raras. Curitiba: Juruá, 2021.

GUERRA, A. M. C. A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. **Ágora**: Estudos em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 85-101, jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/4fvdxdbsnDKFRPfhHkVjQHQ/?lang=pt>>. Acesso em: 19 out. 2020.

GUIMARÃES, B. Escrita e repetição: do que não cessa de não se escrever. *In*: AGUIAR, F.; GUIMARÃES, B. (org.). **Interfaces em psicanálise e escrita**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 27-38.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a Modernidade. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 [1964].

LACAN, J. **O Seminário, livro 20**: mais, ainda. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 [1972-1973].

LACAN, J. O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992 [1969-1970] -

LACAN, J. **O seminário, livro 4**: a relação de objeto. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995 [1956-1957].

LACAN, J. A significação do falo [Die Bedeutung des Phallus]. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1958]. p. 692-703.

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 [1960]. p. 725-736.

LACAN, J. **O seminário, livro 5**: as formações do inconsciente. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 1999 [1957-1958].

LACAN, J. **Outros escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Versão final: Angelina Harari e Marcus André Vieira. Preparação de texto: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. **O Seminário, livro 18**: de um discurso que não fosse semblante. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Versão final: Nora Pessoa Gonçalves. Preparação de texto: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009 [1971].

LACAN, J. **Os não-tolos vagueiam (1973-1974)**. Salvador: Espaço Moebius de Psicanálise, 2016.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Direção de Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MARCOS, C. M.; DERZI, C. de A. M. A mãe de Hans ou a versão edipiana da mãe. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S. l.], v. 34, 5 dez. 2022.

MARSILLAC, A. L. M. de. *In*: LANGE, M. de B. (org.). **Publicar um escrito**: passagens moebianas entre casa, rua e universidade. Curitiba: Appris, 2021. p. 39-49.

MARSILLAC, A. L. M. de; BLOSS, G. M.; MATTIAZZI, T. Da clínica à cultura: desdobramentos da pesquisa entre psicanálise e arte. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 787-808, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v19n3/v19n3a14.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MEIRA, A. C. S. **Histórias de captura**: investimentos mortíferos nas relações mãe e filha. São Paulo: Blucher, 2021.

MILLER, J. A. A criança entre a mulher e a mãe. **Opção Lacaniana**, [S. l.], ano 5, n. 15, 15p. nov. 2014. ISSN 2177-2673.

MIRANDA, E. da R. **Desarrazoadas**: devastação e êxtase. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2017.

MOREIRA, J. de O.; OLIVEIRA, N. A.; COSTA, E. A. Psicanálise e pesquisa científica: o pesquisador na posição de analisante. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 2, p. 119-142, dez. 2018. Disponível em: [v50n2a07.pdf \(bvsalud.org\)](https://bvsalud.org/pdf/v50n2a07.pdf). Acesso em: 17 abr. 2024.

NETO, F. K.; MOREIRA, J. de O. (org.). A pesquisa em Psicanálise na universidade: reflexões a partir da teoria lacaniana dos discursos. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 55-65, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v11n1/v11n1a07.pdf>. Acesso em 19 out. 2020.

PINTO, J. M. Uma política de pesquisa para a psicanálise. **CliniCAPS**: impasses da clínica, Minas Gerais, v. 7, p. 8-26, jan./abr. 2009. Disponível em: https://maleclinicaps.com/clinicaps_revista_07_art_02.html. Acesso em: 20 jun. 2021.

PINTO, J. M. O lugar da contingência na clínica e na pesquisa em psicanálise: mais ainda sobre o problema do método. In: FERREIRA, T.; VORCARO, A. (org.). **Pesquisa e psicanálise**: do campo à escrita. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 63-78.

SANTORO, V. C. Sexualidade feminina: um enigma a ser decifrado. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 38, n. 72, p. 67-72, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 abr. 2024.

SECCHES, F. Elena Ferrante: autora ou personagem? **Cult**, São Paulo, 14 set. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/elena-ferrante-autora-ou-personagem/>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SOLER, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 245p.

VILLARI, R. A. Relações possíveis e impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 117-129, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5366>. Acesso em: 26 ago. 2021.

ZALCBERG, M. **A relação mãe e filha**. 20. reimp. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

ZALCBERG, M. **Amor**: paixão feminina. 2. ed. São Paulo: Almedina; Edições 70, 2023.